



Universidade Federal do Pará
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia

MAÍRA OLIVEIRA MAIA

JOGOS POLÍTICOS NA TERRA IMATURA: As experiências
políticas dos Modernistas Paraenses –1930-1945.

BELÉM

2009

MAÍRA OLIVEIRA MAIA

JOGOS POLÍTICOS NA TERRA IMATURA: As experiências
políticas dos Modernistas Paraenses, 1930-1945.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em História Social da Amazônia.

Orientador: Professor Doutor Geraldo Mártires
Coelho (FAHIS/UFPA).

Belém
2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Biblioteca de Pós-Graduação de IFCH/UFPA, Belém-PA)

MAIA, Maíra Oliveira.

Jogos Políticos na Terra Imatura: As experiências políticas dos Modernistas Paraenses - 1930-1945 / Maíra Oliveira Maia; orientador, Geraldo Mártires Coelho. Belém, 2009

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009.

1. História – Pará. 2. Modernismo paraense. 3. Literatura e política. 4. Experiência e liberdade. I. Título.

CDD - 22. ed. 981.15

MAÍRA OLIVEIRA MAIA

JOGOS POLÍTICOS NA TERRA IMATURA: As experiências
políticas dos Modernistas Paraenses - 1930-1945.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em História Social da Amazônia.

Orientador: Professor Doutor Geraldo Mártires Coelho. (FAHIS/UFPA).

Data de Defesa: ___/___/2009.

Banca Examinadora:

Professor Doutor Geraldo Mártires Coelho (Orientador - FAHIS/UFPA)

Professor Doutor Marinilce Oliveira Coelho (Membro – NPI/UFPA)

Professor Doutor Aldrin Moura Figueiredo (Membro – FAHIS/UFPA)

Ao moderno que partiu – Max Martins (2009) e
ao que fica – Aldrin Moura Figueiredo, pela
constante inspiração!

AGRADECIMENTOS

Se não existissem essas pessoas em minha vida, esse título também não existiria:

Em primeiro lugar, devo agradecer às pessoas responsáveis pela minha formação acadêmica, que contribuíram para este trabalho direta ou indiretamente: aos professores José Alves e Paulo Jorge Watrin, que me fizeram ter vontade de ser uma historiadora e uma pessoa melhor a cada dia que passei na graduação; ao professor Willian Gaia, grande incentivador do meu ingresso no mestrado, sugerindo o tema e criando o título da dissertação; à banca genial de qualificação, professor Aldrin Moura Figueiredo e professora Marinilce Coelho, por “apertarem os parafusos” do trabalho final; e ao professor Geraldo Mártires Coelho, que mesmo sendo um consenso entre todos nós, historiadores deste país, como um dos melhores já vistos, lidos ou ouvidos, teve uma enorme paciência de orientar este trabalho, com todos os problemas que ocorreram, inclusive o não cumprimento de prazos da orientanda que engravidou pelo caminho.

Outras pessoas também foram de grande importância: a sempre incentivadora e saudosa Darlene – que o governo do PT levou de nosso convívio; a equipe da microfilmagem do CENTUR, que mesmo com máquinas sucateadas pelo “governo popular”, trabalhando em péssimas condições, são eficientes ao ponto de fazer com que a pesquisa seja produtiva (especialmente seu Antônio da Xerox da microfilmagem e Eduardo, atendente do microfilme); A Tony Leão da Costa, que há tempos, desde o projeto de ingresso no mestrado, revisa meus trabalhos me dando orientação excelente; a Patrícia Franklin Barros e Roberto Franco Filho, que durante a minha busca por ingressar no mestrado aturaram meus maus-humores existenciais e sustentaram minha pobreza material; Adriana Coimbra, responsável direta por eu não desistir do mestrado, mesmo parida, me arrumando até o revisor; Ana Alice, que ajudou a todos nós, alunos inquietos do mestrado, diariamente. Aos meus companheiros de curso: Benedito, Rosana, Jairo, Nélio, José Júnior, Jorge, Siney, Aldair, Cris, Sidiana, Danielle, Elaine, Tarcísio, pessoas que fizeram das aulas um aprendizado saboroso.

Ao povo de casa, que embora agora seja pequeno (apenas meu marido e a rebenta de três meses) recebe uma ajuda fundamental de fora: Dinha, minha mãe, estrutura de tudo que faz minha vida fluir; minhas tias-mães, Sylvia, Wilma, Nazaré; Roberta Watrin Franco, segunda mãe da minha filha e minha orientadora da vida de casada e meu marido super paciente, Edgar Monteiro Chagas Júnior, que entre um estresse e outro, sempre me faz enxergar, mesmo sem querer, que a vida é muito melhor com ele.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	6
SUMÁRIO.....	7
RESUMO.....	8
ABSTRACT.....	9
LISTA DE FOTOGRAFIAS.....	10
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I. Modernismo e engajamento político.....	21
1.1. Os modernos de Belém Nova e o contexto político dos anos de 1920.....	24
CAPÍTULO II. O desencantamento com a Revolução de 1930 e a maturidade político-literária	37
2.1. A maturidade literária: a revista Terra Imatura.....	40
2.2. As manifestações políticas contrárias ao intendente, a grande imprensa personificada no jornal “Folha do Norte”, o anticomunismo e a luta pela liberdade político-literária.....	45
2.3. Dalcídio Jurandir, o comunista de ação a serviço da inteligência e da cultura.....	60
CAPÍTULO III. Indivíduo, História e Literatura	64
3.1. Bruno de Menezes e os excluídos sociais.....	65
3.2. Dalcídio Jurandir e a perturbação humana nos campos encharcados de cachoeira do Arari.....	74
CONCLUSÃO: 4. “O peixe-frito nosso de cada dia”: a maneira de fazer política das gerações modernistas.	88
4.1. Exemplo de crítica política, social, existencial e psicanalítica no Suplemento: O Sabido de Sultana Levy.....	91
BIBLIOGRAFIA.....	94
FONTES.....	99

RESUMO

Esta dissertação buscou mostrar a influência das experiências políticas dos literatos modernistas entre 1930 e 1945 nas obras de arte que eles criaram, assim como a influência recíproca do movimento modernista como um todo na atuação política dos intelectuais paraenses, na criação de um sentimento de grupo, na luta por justiça social e por liberdade. Quem nos conduz a este objetivo são dois dos maiores literatos do modernismo paraense, extremamente engajados em movimentos sociais: Bruno de Menezes e Dalcídio Jurandir. Nas obras de ambos encontramos relatos e sinais da luta pela sobrevivência cotidiana, a preocupação com o bem-estar social, o engajamento em partidos políticos de esquerda, em movimentos contra a ordem social estabelecida e os conflitos e traumas gerados por essas experiências.

PALAVRAS-CHAVE: Modernismo Paraense, Justiça Social, Literatura.

ABSTRACT

This dissertation tried to show the influence of the political experiences of the modernists between 1930 and 1945 in the work of art they have created, just as the reciprocal influence of the modernist movement as a whole in the political actuation of the intellectuals of Pará on the creation of a group feeling, in the fight for social justice and freedom. Bruno de Menezes and Dancídio Jurandir, two of the most important modernists of Pará, and extremely engaged on social movements, are leading us to this objective. On both author's books, we find signs of the surviving fights, the concern about the social well-being, the engagement in left-wing political parties, in movements against the established social order and the conflicts and traumas generated by those experiences.

KEY-WORDS: Modernism of Pará, Social Justice, Literature.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTO 1: Violência sofrida por Paulo Maranhão, estampada nas páginas da Revista Terra.....	29
FOTO 2: Capa da revista Terra Imatura editada em maio de 1938. Representando a Amazônia e os modernistas estavam o verde da floresta e o balanço do rio.....	42
FOTO 3: Artigo de Cléo Bernardo convocando a mocidade paraense para a luta em prol da liberdade e da justiça social.....	44
FOTO 4 e 5 : Manchetes da Folha do Norte sobre a revolução constitucionalista no Sudeste do país.....	47
FOTO 6: Folha do Norte propagandeando a mudança de “personalidade” de Prestes: da esperança de libertação popular, passou a agente do comunismo “maligno” de Moscou.....	54
FOTO 7: Movimento anticomunista na Folha do Norte.....	55
FOTO 8: Movimento anticomunista na Folha do Norte.....	55
FOTO 9: Como os demais jornais da grande imprensa do Brasil, a Folha do Norte divulgava diariamente a versão de Prestes como o grande inimigo comunista da sociedade, financiado por Moscou.	56
FOTO 10: O governo Vargas agindo com rigor contra os extremistas comunistas	57
FOTO 11: A sociedade civil representada pelo senado apóia Vargas na repressão ao comunismo e no fim das liberdades constitucionais.....	58
FOTO 12: Artigo de Pedro Pomar escrito para os modernistas da revista Terra Imatura.....	59
FOTO 13: capa da revista Terra Imatura de setembro de 1939, dedicada à 2ª Guerra Mundial.....	60
FOTO 14: Capa original da novela de Bruno de Menezes	65
FOTO 15: Capa original da novela Candunga	69
FOTO 16: Contracapa original da novela Candunga	69
FOTO 17: Imagem do chalé da família de Dalcídio Jurandir em Cachoeira do Arari, Marajó Pará.....	74
FOTO 18: Capa e sobrecapa da primeira edição de <i>Chove nos Campos de Cachoeira</i>	84
FOTO 19: Matéria sobre a vitória de Dalcídio Jurandir no concurso “Dom Casmurro” e editora “Vecchi Editor”.....	85

FOTO 20: Propaganda do livro Chove nos Campos de Cachoeira na revista Terra Imatura...87

INTRODUÇÃO

AUSENCIA

A minha voz não será um grito distante.
A minha angustia se confundirá
com as chuvas e as terras alagadas.
O meu corpo receberá o sol das manhãs
como a terra úmida.
A minha memória será sem fim
e não terá silencio o meu rumor.
Tudo viverá dentro de mim
por esse momento ausente que eu procuro¹...

Cléo Bernardo

As perguntas às fontes históricas só são novas porque elas partem do presente, da nossa própria experiência enquanto historiador, e para que isto aconteça precisamos ter um olhar crítico e político do presente para o passado e do passado para ele mesmo, me esclareceu a professora Magda Ricci, durante a disciplina Teoria da História, enquanto expunha para ela um seminário sobre a história social inglesa². É justamente o que busquei fazer nesta dissertação, uma vez que o meio acadêmico presente mostrava que o movimento modernista da região havia sido e estava sendo objeto de pesquisa de alguns grandes historiadores, mas ainda havia uma pergunta a ser feita: qual a influencia das experiências dos sujeitos sociais desse movimento nas suas obras literárias, uma vez que a arte não existe pela arte é isto que confere poder cognitivo à análise das obras de arte³.

Contextualizando a história da literatura no Brasil, percebemos que desde o século XIX imprensa e literatura se confundiam no Brasil⁴. Os escritores buscavam nos jornais notoriedade e uma forma de se manterem financeiramente. Dentre eles podemos citar Olavo

¹ *TERRA IMATURA*. Belém, nº13, 1940, P.22.

² Disciplina Teoria da História foi ministrada pela professora doutora Magda Ricci no mestrado em História Social da Amazônia, no segundo semestre de 2007.

³ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1969.

⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Bilac, Medeiros, Albuquerque, dentre tantos, que receberam ordenados fixos para escrever artigos e crônicas nos jornais do final do século XIX. Tudo o que de melhor existia na literatura brasileira passava pelos jornais.

Com a difusão do capitalismo e com a “modernidade” do Brasil, a *bellé époque*, a imprensa passa a impor que os literatos escrevam redações mais objetivas, reportagens, entrevistas e notícias. Dessa maneira as colaborações literárias começam a se separar nas páginas dos jornais, pois o jornal não pretendia mais ser totalmente literário, precisava-se modernizar as notícias, acompanhar o novo ritmo, o movimento, o progresso.

É nesse período de modificações que os jornais vão se caracterizando enquanto imprensa, porém absorvendo elementos do fazer literário. A tarefa que o jornalismo exigia era sair para a vida cotidiana, coletar dados para poder retratá-los, como a arte literária buscava fazer. A literatura também iria descobrir no jornalismo uma fonte para reciclar a sua prática, através da representação do real efetivo, uma espécie de reportagem e de incorporação do estilo de expressão escrita que vai aos poucos diferenciando o jornalismo⁵.

Essa relação pode ser vista em todos os jornais do Brasil e, em 1930-1940, os rodapés literários são convertidos em suplementos literários. Nesses suplementos a permeabilidade entre jornalismo e literatura é evidente, pois se visava atingir o leitor do romance, do senso comum, leitor este que ascendeu no século XIX, especialmente do sexo feminino. A origem desse leitor está nas cidades, ou seja, o leitor dos suplementos literários das décadas de 1930-1940 é herdeiro dos leitores do início da urbanização da virada do século XIX para o século XX. Logo, os suplementos literários, e aqui se faz uma inferência, foram pensados para os leitores urbanizados, para os problemas sociais das cidades, para a vida agitada, moderna, para o homem envolvido com as questões da existência das grandes cidades.

Apesar da fragmentação de ideias dos escritores, imposta pelo próprio veículo jornalístico, e apesar do jornal passar a impressão de se viver apenas o presente, não podemos deixar de perceber e valorizar os suplementos literários que estes jornais divulgaram, pois através deles se viveu o espírito de uma época, as ideias de nossos literatos e de outros que jamais tomaríamos conhecimento se não fosse o empenho desses homens de letras. Dessa forma, sobre essa relação imprensa e literatura, concluímos:

⁵ LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas: Editora UNICAMP, 1993.

Nesse contexto, a imprensa e a literatura eram atividades intercomplementares e o suplemento, anexado aos principais jornais do país, acrescenta à matéria ordinária, matérias especiais sobre literatura. Esse tipo de jornalismo que divulga a crítica e a editoração literária, assume uma atitude singular na história da imprensa e da literatura ocidental. O leitor comum brasileiro tem a chance de acompanhar a movimentação das artes, da filosofia, da etnografia, do folclore, atualizando-se com o que havia de mais novo no setor cultural⁶.

Foi a partir da Semana de Arte Moderna (1922), com suas ideias estéticas originais em relação às últimas correntes literárias brasileiras, que os críticos literários definiram os “novos” de modernos e de modernismo tudo o que viesse desses novos literatos. Dois fatores foram extremamente importantes para o surgimento dos “novos” na literatura: as transformações sociais e culturais do Brasil e a influência das novas correntes europeias, como o futurismo e o surrealismo⁷. Nesse primeiro momento, os literatos são seduzidos pelo irracionalismo como atitude existencial e estética, para se oporem agressivamente ao academicismo em geral. Os homens de 1922 estavam divididos entre a cultura ocidental universal e as exigências do povo brasileiro, de múltiplas raízes históricas dispersas em um grande espaço geográfico. Com a maturidade do movimento, podemos verificar a junção feliz dessas duas vertentes que em um primeiro momento pareciam de um contraste irreconciliável.

A transformação do mundo (...), a rapidez dos transportes e mil e uma causas internacionais, bem como o desenvolvimento da consciência brasileira, os progressos internos da técnica e da educação, impunham a criação de um espírito novo e exigiam a reavaliação e mesmo a remodelação da Inteligência nacional. Isto foi o movimento modernista que a Semana de arte moderna ficou sendo o brado coletivo principal.⁸

Segundo CANDIDO e CASTELLO⁹, modernismo abrange três fatores que estavam ligados intimamente, e que seriam um movimento, uma estética e um período. O movimento teria surgido em São Paulo com a semana de arte moderna e se espalhado pelo país, tendo como finalidade superar a literatura parnasiana. A este movimento correspondeu uma teoria estética, que não era claramente delineada nem unificada, mas que visava definir uma

⁶ MAUÉS, Júlia. *A modernidade literária do estado do Pará: o suplemento literário da Folha do Norte*. Belém: UNAMA, 2002.

⁷ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

⁸ ANDRADE, Mário. In: BARRIEL (Org.). *Mário de Andrade Hoje*. São Paulo: Ensaios, 1990, p. 15.

⁹ CANDIDO, Antônio; CASTELO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira. modernismo – história e antologia*. São Paulo: Bertrad Brasil, 1997.

renovação, formulando em novos termos o conceito de literatura e literato. O período desse movimento tem seu tom dinâmico e agressivo até 1930, a partir desta data há o amadurecimento do movimento, cujo término se localiza no ano de 1945. Esse movimento vincula-se às transformações da sociedade brasileira, que segundo os autores foram determinadas em parte por fatores exteriores, como a primeira guerra mundial, a imigração, a crise econômica de 1929 e a segunda guerra mundial, que influenciou decisivamente a nossa economia e a nossa mentalidade, levando o Brasil a entrar na era da industrialização e do progresso efetivamente, embora não superando o subdesenvolvimento que cada vez mais se difundia no país. Enfim, modernismo significou a ruptura com o academicismo, com os códigos literários parnasianos, foi um esforço de conhecer a fundo a realidade social brasileira, a busca da liberdade formal e dos ideais nacionalistas. Mas sem esquecer os novos ideais estéticos orientados pelas vanguardas europeias, sendo que no Brasil houve o predomínio do futurismo e do surrealismo.

O futurismo e o surrealismo são as duas vanguardas europeias que mais influenciaram nosso modernismo. Tanto uma como outra sofreram influência direta do que se convencionou a chamar de *bellé époque* da literatura francesa, de 1886-1914¹⁰. Era a época das boemias literárias, onde havia uma pluralidade de tendências filosóficas, sociais, científicas e literárias advindas do realismo-naturalismo, de onde vão originar os vários *ismos* que marcaram a arte do século XX. Os literatos franceses do final do século XIX construíram novas teorias culturais, expressaram outras fórmulas expressivas, fundaram revistas e redigiram manifestos onde as ideias eram, com o tempo, remodeladas ou esquecidas. Muitas dessas fórmulas e teorias seriam enfatizadas nos manifestos de vanguarda. As grandes questões debatidas na época eram o simbolismo, o movimento da renascença clássica e a arte socialista ou *engagée*. Ou seja, as tendências do final do século XIX poderiam ser agrupadas em duas estéticas fundamentais, a simbolista e a naturalista. E foram essas duas principais estéticas que contribuíram para o aparecimento das vanguardas.

Os movimentos de vanguarda surgiram a partir dos manifestos de literatura (1909), com a finalidade de romper radicalmente com a estética literária anterior. Esses movimentos foram decorrentes do culto à modernidade do início do século XX, mas também consequência do esgotamento de técnicas e teorias estéticas que não mais correspondiam à realidade do

¹⁰ TELLES, Gilberto Mendonça. *Vanguardas européias e modernismo brasileiro*. Petrópolis / Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

novo mundo que começava a se desenvolver cada vez mais, no seu progresso e nas suas contradições.

O futurismo foi o primeiro movimento de vanguarda, fundado com o manifesto de seu líder Marinetti em 1909. Movimento estético mais de manifestos do que de obras, o futurismo exaltava a vida moderna, estabelecia o culto à máquina e à velocidade, pregando a destruição do passado e dos meios tradicionais da expressão literária através da destruição da sintaxe, para que assim as palavras fossem usadas de forma livre e as relações feitas através de analogias. Pregando a destruição do passado e exaltando o futuro, também se referia as consequências da modernidade: a beleza da velocidade e as multidões exaltadas nas ruas. O surrealismo foi o último movimento de vanguarda europeu, surgido em 1924 com Breton. Valorizava a exploração do inconsciente, as narrações dos sonhos, as experiências com a hipnose e, após 1925, passou a buscar uma conscientização política, onde se deveria levar a poesia à ação, sendo a poesia transformada de método de investigação do subconsciente a instrumento de agitação social¹¹.

Dessa forma, o futurismo era a linha de experimentação de uma linguagem moderna, que fazia parte da civilização urbanizada industrial, veloz. O surrealismo centrava-se na libertação e na projeção das forças do inconsciente dos artistas e no seu engajamento social. Isso refletia o contexto do modernismo brasileiro, envolto nas dúvidas entre escolher uma das vanguardas europeias e dividido entre a ânsia de se enquadrar com a modernidade da Revolução Industrial, testemunhada de perto pelo futurismo, e a certeza da necessidade de um tratamento estético primitivo das raízes brasileiras, em especial das nossas raízes indígenas e negras. O que parecia confuso acabou por dar frutos sensacionais, como podemos ver em *Macunaíma* de Mário de Andrade e *Cobra* Norato de Raul Bopp.

Os modernistas de 1922 não se consideravam uma escola, nem criaram postulados rigorosos em comum. O que os unificou foi o grande desejo da expressão livre e a tendência a transmitir emoção pessoal e a realidade do país, sem os embelezamentos do parnasianismo. Celebraram a máquina, tal qual os futuristas; tomaram por tema coisas do cotidiano, descrevendo-as com palavras coloquiais do dia-a-dia das pessoas comuns; através de uma alegria criadora utilizaram como técnica e atitude a valorização do prosaico e do bom humor. Ao mesmo tempo em que se dedicaram ao nacionalismo pitoresco, à etnografia e ao folclore brasileiro, vendo no índio e no mestiço a força criadora capaz de inspirar e transformar a sensibilidade dos literatos, também se dedicaram às transformações advindas com a

¹¹ TELLES, op.cit.

civilização industrial, como a máquina, as metrópoles, o cinema, a vida agitada nas ruas das cidades. Valorizavam a análise psicológica, buscando o que havia de infantil no homem e o que havia de complexo, retorcido, recalcado, utilizando a psicanálise e o surrealismo.

A partir de 1930, as orientações modernistas vão se generalizando, transformando-se em padrões que enquadravam a criação. As tendências que eclodem dentro do movimento buscam uma estabilidade. A geração modernista de 1930 colheu os frutos das experiências iniciadas em 1922 com a Semana de Arte Moderna. Há um modo de pensar e escrever anterior e um posterior a Semana e aos homens de 1922, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira. A poesia, a ficção e a crítica saíram completamente renovadas do modernismo¹².

Segundo Mário de Andrade, os modernistas de 1922 deixaram três conquistas básicas para o Brasil, que foram fundamentais para o estabelecimento da nacionalidade do presente: o direito permanente à pesquisa estética, relacionado com a ambição estética do movimento, com o repúdio às formas consagradas pelo academicismo das artes plásticas e pelas letras marcadamente parnasianas; processos vigorosos de atualização da inteligência brasileira, pois se por um lado o modernismo adentrava nas formas culturais mais tradicionais do país, por outro lado os literatos queriam ter o direito de consumir e reproduzir tudo; e a estabilização de uma consciência criadora nacional, era a tentativa de constituir uma nova identidade nacional, com acirradas disputas sobre a dependência brasileira das matrizes culturais europeias¹³.

Podemos afirmar que a geração de 30 tem uma relação dialética com a de 22, uma vez que há a continuidade da busca pela libertação estética iniciada pelos homens de 1922, mas se tem a preocupação em superar a “gratuidade” dessa libertação, aprofundando as discussões sociais da realidade brasileira, centrada nas diferenças regionais. Os homens de 30, a partir da nova realidade histórica que se configura no país, com o desenrolar dos acontecimentos de outubro de 1930, percebem que as tradições do país são fortes e difíceis de serem derrubadas totalmente, que precisaria muito mais do que fórmulas irônicas e anárquicas ou regressões literárias ao inconsciente, era preciso viver e conhecer as condições materiais e a moralidade da sociedade brasileira.

¹²BOSI, op.cit., p.371.

¹³FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Eternos Modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia (1908-1929). Campinas: UNICAMP, 2001. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Entre 1930 e 1945-50, grosso modo, o panorama literário apresentava, em primeiro plano, a ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna no seu ritmo oscilante entre fechamento e abertura do eu à sociedade e à natureza (Drummond, Murilo, Jorge de Lima, Vinícius, Schmidt, Henrique Lisboa, Cecília Meireles, Emílio Moura...). Afirmando-se lentamente, mas seguramente, vinha o romance introspectivo, raro em nossas letras desde Machado e Raul Pompéia (Otavio de Faria, Lúcio Cardoso, Cornélio Pena, José Geraldo Vieira, Cyro dos Anjos...): todos, hoje, “clássicos” da literatura contemporânea, tanto é verdade que já conhecem discípulos e epígonos. E já estão situados quando não analisados até pela crítica universitária. A sua paisagem nos é familiar: o nordeste decadente, as agruras das classes médias no começo da fase urbanizadora, os conflitos internos da burguesia entre provinciana e cosmopolita) fontes de prosa de ficção). Para a poesia, a fase 30 – 50 foi universalizante, metafísica, hermética, ecoando as principais vozes da “poesia pura” européia de entre - guerras: Lorca, Rilke, Valéry, Eliot, Ungaretti, Machado, Pessoa... A partir de 1950-55, entraram a dominar o nosso espaço mental o tema e a ideologia do desenvolvimento¹⁴.

Enfim, literatura moderna pós 1930 era repleta de ensaísmo social, de romance introspectivo, de ficção regionalista, tudo a partir do aprofundamento da lírica modernista iniciada em 1922. Já a geração de 1945 nasceu ao contrapor-se à literatura de 1922. Insurgiu-se contra o verso livre ao mesmo tempo em que propunham repensar alguns problemas da poesia e acabaram por encontrar diferentes soluções para estes problemas, soluções, porém, mais conscientes e consistentes do que nos tempos do irracionalismo da geração de 1922. Alguns autores afirmam que “geração de 1945” foi uma denominação criada por um grupo de poetas para designar a si mesmos e exprimir suas tendências e atitudes de forma apropriada.

A história literária do Modernismo tinha como consenso que o movimento surgiu em São Paulo e que a partir deste Estado ele se difundiu e influenciou as demais capitais do Brasil. O Pará, quando citado – muito raramente – era visto a partir dessa influência do Sudeste. Até mesmo quando se referiam às revistas modernistas surgidas em todo o país tanto em 1922, como nos anos 1930 ou com a geração de 1945, não havia nenhuma referência às revistas paraenses. Afirmavam que o movimento no Norte não teve importância nem a amplitude que obteve no Sul. Porém, estudiosos atuais como Júlia Maués, Aldrin Moura Figueiredo, Marilice Coelho, Dawson Soares Cangussu, nos contaram outra história. Em Belém, desde a virada do século XIX para o XX já se podiam sentir novas tendências da arte literária, que em 1923 foram reunidas por Bruno de Menezes na revista *Belém Nova*. A partir de então os modernistas paraenses passaram a se ver enquanto um grupo intelectual homogêneo, diferente dos “passadistas”. *Belém Nova* tornou-se seu símbolo máximo, onde velhos e novos literatos dialogavam e mostravam que no Norte havia uma literatura independente do Sul, de grande valor artístico. Era então necessário aderir à inovação

¹⁴BOSI, op.cit., p. 386.

modernista ao mesmo tempo em que se tornava fundamental manter a independência da hegemonia do Sul. Desta forma os modernistas paraenses assumiram o regional na literatura, regional este enquanto arte autenticamente local. Buscava-se estabelecer diferenças, especificidades e valores culturais próprios¹⁵. Ou seja, a proposta modernista da *Belém Nova* supervalorizava a cultura local, a sua gente, o seu espaço, suas tradições, sua literatura, e foi desta forma que os literatos paraenses assumiram a proposta modernista de promover a renovação da literatura brasileira. De 1923 a 1929 (ano em que a revista deixa de circular), os modernistas de Belém eram um grupo atuante e inovador, que revigorou a literatura paraense. Na literatura havia agora a presença do índio, do caboclo, do negro; as mudanças ocorridas no espaço da cidade; a vida cotidiana; a gente humilde dos bairros pobres.

Em 1938 surgiu a revista *Terra Imatura*, dirigida por Cléo Bernardo e Sylvio Braga. A literatura nela expressa mostrava um modernismo mais amadurecido, preocupado com a realidade sócio-política da região. Essa revista ampliou e desenvolveu a literatura local e nacional da década de 1930, marcando o movimento literário paraense de forma decisiva. Os jovens intelectuais da Amazônia que a revista congregou estavam preocupados com o desenvolvimento da região, com a vida econômica, social, política, cultural da Amazônia dentro da nova realidade brasileira após 1930. Outra preocupação recorrente desses jovens era com a injustiça social, tanto a nível regional como mundial. Eram contra ditaduras de todo o mundo, quaisquer tipos de violência, contra o fascismo e o nazismo, buscando nos estudantes o apoio para as suas lutas¹⁶.

No pós segunda guerra mundial, Haroldo Maranhão reuniu no jornal de maior circulação do Estado na década de 1940, a Folha do Norte, a sua turma, a “Turma do Central”, e com eles criou e dirigiu um suplemento literário, o *Arte Literatura*, que foi o lugar da literatura moderna paraense entre 1946 e 1951. Através do suplemento, os novos modernos se uniram aos mais velhos (como Cléo Bernardo, Ruy Barata, Dalcídio Jurandir, entre outros) e passaram a ter contato com os escritores das outras regiões do Brasil e do mundo e dessa forma compartilharam algo comum à época: a grande influencia do existencialismo na literatura. O suplemento fez surgir na geração de 1940 um sentimento de grupo, e eles

¹⁵ FIGUEIREDO, op.cit.

¹⁶ COELHO, Marinilce Oliveira. *O grupo dos Novos (1946-1952)* – Memórias Literárias de Belém do Pará. Belém: EDUFA: UNAMAZ, 2005.

enquanto grupo tinham a preocupação comum de defender o novo modernismo, a sua estética e sua essência existencialista¹⁷.

Ao analisar as gerações modernistas paraenses, tanto a geração da década de 1920, como a geração da década de 1930 (com a qual veio se reunir a turma do central em meados dos anos 40), as suas vivências políticas, seus embates contra a ordem social estabelecida, seu movimento literário, percebemos a grande importância social e cultural destes grupos de literatos, uma vez que eles realizaram um movimento intelectual renovador nas artes ao mesmo tempo em que viveram intensamente os conflitos, as transformações, as crises políticas da sociedade paraense dos anos 20, 30 e 40, absorvendo muitas vezes dessas vivências os valores compartilhados que encontramos nas suas obras literárias. Neste trabalho, a sociedade paraense foi vista através da arte moderna de seus literatos e das experiências sociais e políticas destes artistas, em uma relação dialética entre literatura, política e movimentos sociais¹⁸. Para nos conduzir a este objetivo, foi necessário destacarmos dois literatos engajados politicamente e que fizeram de sua literatura uma arma contra as injustiças sociais de toda a espécie: Bruno de Menezes e Dalcídio Jurandir. Através das obras literárias de ambos e das suas experiências de vida (políticas e sociais) conseguimos conhecer a realidade de uma Belém de outrora – como diria o poeta¹⁹ – e o sentimento compartilhado de um grupo de jovens artistas, com um talento peculiar, porém eram artistas que não recebiam incentivos do Estado, nem reconhecimento nacional, mas estavam engajados em um projeto muito maior que o modernismo: um mundo com liberdade e justiça social.

¹⁷ CONGURU, Dawson Soares. *O Epicentro do Hotel Central: Arte e Literatura em Belém do Pará, 1946-1951*. Belém/UFPa, 2008. Dissertação de mestrado, apresentada ao programa de pós-graduação em História Social da Amazônia.

¹⁸ Sobre a análise de grupos intelectuais e a sua importância para entender o todo social, ver: WILLIAMS, Raymond. "A Fração Bloomsbury". Plural – *Revista de pós-graduação em sociologia*. Nº 06. São Paulo: UNP, 1999.

¹⁹ DE CAMPO RIBEIRO. *Gostosa Belém de Outrora*. Belém: SECULT, 2005.

CAPÍTULO I

1. Modernismo e Engajamento Político.

Belém, novembro de 1936.

Bruno:

Ninguém mais idôneo para falar sobre Cuia Pitinga do que você, pai de santo da geração de Clóvis de Gusmão e Raymundo Peres... Você continua poeta e cada vez mais novo pelo que há de movimento e de inquietude na sua personalidade. O seu caminho é o caminho de todos nós, seus companheiros nas lutas pelo pão, os velhos conflitos e as angustias interiores, a sede de cultura, o vago anarquismo lírico e em surdina à maneira de Knut Hamsun... Como este, quanta fome você não passou! Mas a lua entrava pela sua boca de maravilhado e *eita!* Lá vai intoxicação lunar, a bebedeira astral...

Nesse tempo, onde agente podia achar emprego, para ganhar um pedaço de pão e comprar um livro? A gente ia embora para o sonho, desordenadamente, a farra entre as estrelas, as mulheres ideais, o abstrato e a miragem...

O artista queria dar o fora nesta realidade corrosiva e se quintessenciava – é o termo – para ficar numa névoa doirada, como um trecho de Beethoven de que fala Aldous Huxley, no contra-ponto, distanciado e etéreo, no irreal... Não se misturava o sonho com a nossa camisa rota, o sapato furado, a falta de 200 réis para o bonde...

Ernani Vieira, que foi um espelho da nossa aventura intelectual na província, acabou morto à fome. Você, no seu ensaio, falou pelo nosso drama, pela dignidade de nossa posição de intelectuais e falou, por que não? Pelo nosso ódio também. Não nos basta a ironia.

Fazer ironia em nosso meio é fazer uma dolorosa caricatura de si mesmo. O ódio é justo, é mais libertação. É preciso acusar e desmontar, praticamente, a farsa e a miséria que negam a arte e a cultura. A província – e aqui não se entende, apenas, um sentido literário de província, mas a continuação econômica – arriou sobre nós um peso enorme de tédios, ânsias mórbidas, burocracia, deformações irreparáveis... A cultura virou boêmia.

Você fez “Pai João” e cadê que lhe fazem a justiça de o colocar entre os melhores poemas brasileiros? Cuia Pitinga é uma expressão tão local e tão universalmente humana! Você e Jacques trouxeram para a arte uma realidade que não morrerá, porque não foi colhida entre nuvens, mas entre homens...

O artista corresponde, hoje, ao interesse da humanidade que ele condensa na sua emoção e no pensamento. Bate-se pela marcha da cultura e por um sentido mais alto e mais real da humanidade. Você o prova no ensaio.

Diz Michael Gold: “nem sempre a mocidade é valorosa: as mais das vezes é desorientada; a pobreza apunhala a juventude; não temos uma saída, estamos isolados e dominam-nos instintos suicidas. Por isso mesmo nossa revolta é individual e subjetiva; e é com um lirismo doloroso que escrevemos, cercados de solidão”. Não é a nossa história tal e qual?

Continuamos a luta pelo pão mas a arte vem lutar ao nosso lado, compreendendo que o resultado dessa luta depende o seu futuro, a sua maior expressão de liberdade e de vida.

Do seu Dalcídio Jurandir²⁰

²⁰ Documento retirado do livro de NUNES; PEREIRA; REOLON PEREIRA. *Dalcídio Jurandir* – Romancista da Amazônia. Literatura e Memória. Belém: SECULT/FCRB/IDJ, 2006. P. 158.

As gerações modernistas paraenses, tanto a geração de 1923 (conhecida como “peixe-frito”, da qual fazia parte Bruno de Menezes), quanto a geração de 1930 (conhecida como “remediada”, onde encontramos Dalcídio Jurandir), tinham como proposta uma inovação na estética literária e um projeto político também inovador, onde cotidianamente se lutaria contra as desigualdades sociais, em um conflito declarado e permanente contra a ordem estabelecida (leia-se o governo de Barata em nível estadual, de Vargas em nível nacional e do fascismo a nível mundial). Por isso mesmo, houve tantas discussões polêmicas entre as gerações modernistas, uma vez que este movimento foi, “antes de tudo, um posicionamento político, que foi reelaborado e redefinido inúmeras vezes pelos seus intelectuais”.²¹ Logo, a arte moderna paraense estava em relação dialética com as transformações políticas e econômicas pelas quais passava o Brasil e o mundo nos anos de 1930, especialmente. A literatura²², como as demais obras de arte, é nada mais que uma atividade social e material, por isso é impossível analisá-la de forma dissociada da sociedade em que ela atua de forma específica. A arte não existe pela arte e é justamente isto que confere poder cognitivo à análise das obras de arte e trás consequências para o tipo de questões que se colocam nas análises.

Nessa cultura material proposta pelo culturalismo de Raymond Williams, que também é experiência pessoal, Dalcídio Jurandir nos diz, ao escrever para Bruno de Menezes, em meio às suas experiências pessoais políticas e literárias, que continuavam lutando pelo pão, mas que a arte vem lutar ao lado deles, vem se unir a eles nessa experiência política. Essa luta estava nos livros, nas crônicas, nos poemas e nas revistas destes modernistas, mas estava também nos seus embates pela Constituição de 1932, contra as arbitrariedades do interventor Barata, a favor da Intentona Comunista de 1935, em solidariedade à greve dos gráficos e à campanha estudantil em prol dos 50% de desconto nas taxas escolares, nos cinemas e nos transportes. Do resultado dessa luta – que era cotidiana para os artistas da terra – dependia, como nos diz Dalcídio, o futuro da arte moderna, da liberdade, da justiça social e da vida de toda uma nação. A cultura ordinária é propriedade de todos os membros da sociedade, ela é uma construção social diária. E é justamente por isso, pelo fato de que por trás de uma manifestação cultural há sempre um projeto político e social, que podemos perceber a influencia das condições materiais de existência, que podemos perceber a relação entre significados, valores inscritos, convenções e instituições sociais, que estruturam o modo

²¹ FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Querelas esquecidas: O modernismo brasileiro visto das margens. Em DEL PRIORE, Mary e GOMES, Flávio. Os senhores dos rios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

²² Sobre o assunto ver: WILLIAMS. Cultura e Sociedade. São Paulo: companhia editorial nacional, 1969. E “A Fração Bloomsbury”. Plural – Revista de pós-graduação em sociologia. Nº 06. São Paulo: UNP, 1999.

de vida da sociedade. E uma vez que entendemos essa relação, ampliamos o nosso poder de entender as formas de organização que definem essa sociedade, que são formas sócio-econômicas sim, mas também culturais.

A proposta dessa geração que se estrutura em 1930 vai muito além da ironia, de derrubar o velho, de subverter uma ordem arcaica. Suas experiências com a miséria, a fome, a injustiça social fizeram com que eles lutassem em prol de uma literatura que “acusasse e desmoronasse a farsa e a miséria que negam a arte e a cultura”. A “ironia” não bastava para os nossos modernos. A realidade era tão “corrosiva” que era preciso sentir e expressar o “ódio” em relação às injustiças, pois só o ódio era justo e poderia libertá-los da miséria nas letras e na vida. Dessa forma, fazer cultura era fazer política, uma vez que cultura é o conjunto de todo um modo de vida e dos processos especiais tanto das artes (neste caso, a literatura), como do aprendizado social. A cultura é a relação entre todos os elementos materiais de um modo de vida, experiências políticas, econômicas, sociais, artísticas. Ao analisar a cultura, somos capazes de descobrir a natureza da sociedade que é o complexo dessas relações²³. É isso que propõe a mocidade modernista paraense, na busca de uma Amazônia mais igualitária na sua diversidade.

É preciso que haja a correspondência do sentimento, da emoção, da cultura, da existência integral e profunda na compreensão sincera das coletividades, para que haja a expressão singular e magnífica do bem comum. Assim, é justo que se brade por uma outra Amazônia de homens mais amazônicos – que compreendam Huxley o recuo e o avanço do eu social, olhando o meio não como paisagem dos olhos e sim do espírito, a motivar a mudança melhor e mais humana da natureza pelo aproveitamento preciso das forças orgânicas naturais, facilitando a segurança fundamental do interesse honesto do grupo humano, administrado por uma ordem econômico-social que fôsse assegurada pela justiça eqüitativa das possibilidades. Esta sim – seria a poesia da Amazônia. A poesia da realidade seu boto, cobra-grande e extasiamento, onde o caboclo viveria a unidade histórica do seu destino verdadeiro e antifantasia, vigorado pelo homem de visão da Capital ou do Interior, que deixava de ser pinteira de classe, de categoria, medalhão, obra de fachada, para ser monumento público, estrada larga, saúde, economia orientada, por um futuro mais promissor, mais nosso²⁴.

A cultura, nos diz Williams, é comum porque envolve todos os membros da sociedade, produzindo uma pluralidade de valores e de formas de vida. Essa cultura compartilha alguns valores, alguns desses valores plurais que seus membros produziram, e isso acontece justamente porque eles vivem em uma mesma sociedade. Esses valores materiais são compartilhados porque a cultura é material, ela é produção de significados e

²³ Sobre o assunto ver: WILLIAMS, op. cit.

²⁴ BERNARDO, Cléo. “Agora”. Terra Imatura. Belém, nº10, p.s/n, 1939.

valores cotidianos. Sendo ela um processo produtivo material e social, as práticas específicas dessa cultura, como a literatura, são usos sociais e meios materiais de produção desse processo. Estudando cultura temos a possibilidade de entender e transformar a sociedade. E era justamente esta a proposta política dos modernistas paraenses, entender e transformar a sociedade, estética e socialmente.

É com a primeira geração modernista, a do peixe-frito, encabeçada por Bruno de Menezes e reunida por ele na revista Belém Nova (1923-1929), que se começa a perceber as experiências compartilhadas influenciando a literatura amazônica e o movimento modernista como um todo influenciando as experiências vividas pelos literatos e, dessa forma, ganhando novos contornos. As grandes mudanças trazidas pelos novos literatos eram: a sua vivência cotidiana, fazendo literatura e política no trabalho operário e na mesa dos botecos da cidade; a visão que tinham de grupo, se vendo enquanto “novos” e diferentes dos “passadistas”; os embates com o poder estatal, fazendo a diferença nas novelas, crônicas, romances e poemas escritos por eles. O tema principal da nossa literatura deixa de ser o “mito” da fundação da nossa nacionalidade, dando espaço para o cotidiano da nossa população índia, negra e cabocla²⁵. Esse cotidiano regional também era mundano, pois nossos amores, dissabores, conflitos existenciais e políticos, alegrias e tristezas, surto e decadência eram narrados pelos nossos novos modernistas como universais. Uma vez que nossos literatos estavam em constante diálogo com os acontecimentos nacionais, que dão a nossa literatura um caráter universal, mesmo que se valorize o regional, é necessário situar a experiência de nossos literatos no contexto político dos anos de 1920 e 1930.

1.1. Os Modernos de Belém Nova e o contexto político dos anos de 1920:

É lugar comum na historiografia brasileira a afirmativa de que o sistema republicano construído pela oligarquia do café começa a apresentar indícios sérios de cansaço no início dos anos de 1920, pois se percebe um operariado cada vez mais consciente e contestador, uma classe média urbana inconformada, a pequena burguesia insatisfeita e revoltas entre a baixa oficialidade do Exército, que desembocaram no movimento tenentista. Este movimento é visto como um grave sintoma da crise que se instala no aparelho do Estado, pois estava ligado ao fato da oligarquia ter conferido um papel subordinado ao Exército na política nacional e,

²⁵ FIGUEIREDO, op.cit.

pior ainda, ao fato da cúpula deste Exército ter aceitado este papel e entrado em acordo com os oligarcas²⁶.

No Pará se repetia a mesma estrutura política organizada pelas oligarquias federais, com as oligarquias locais dominando o Estado política e economicamente através da prática do “autoritarismo, o distanciamento com as bases populares, a fraude eleitoral, as perseguições, as depurações eliminando os indesejáveis”²⁷. Além disso, nosso Estado ainda estava falido e sem nenhum meio de sair da penúria em que se encontrava: todos os serviços essenciais do Estado (educação, saúde, transporte, judiciário) tanto na capital como no interior estavam um caos, com os salários do funcionalismo público atrasados mais de seis meses. O Estado não tinha recursos, e ao que parece os oligarcas não tinham interesse em saldar a dívida externa e interna. A nossa imprensa oposicionista, representada enfaticamente pelos jornais *O Estado do Pará* e *A Província do Pará* noticiavam os problemas e criticavam os oligarcas diariamente. Esse grupo político oligárquico era o responsável por definir as eleições no Pará. Ele era formado por nomes como Apolinário Moreira, Paulo Maranhão, Cypriano Santos, Camilo Salgado, Deodoro de Mendonça, Cyríaco Gurjão, Abel Chermont, Dyonísio Bentes, Eurico Valle, dentre outros.

Dentre os modernistas do Estado, percebemos desde cedo a negação pela construção de uma República onde a teoria federalista, liberdade, democracia, justiça não saia do papel. Não podíamos esperar outra coisa de homens como Bruno de Menezes (1893 – 1963), uma vez que a sua vida foi marcada por sua atuação política de esquerda. Foi no seu primeiro local de trabalho, a livraria *Moderna*, de Sabino Silva, que Bruno se tornou operário, recebendo castigos corporais e entrando em contato com a literatura de esquerda (Engels, Marx, Gordi, Tolstoi), que o fez adepto do anarquismo²⁸. Trabalhou também na livraria *Gillet* e depois na *Bittencourt*, e com a sua experiência de mestre operário, com humilhações e espoliações, Bruno passou a contestar o capitalismo, sistema que julgava como desumano. Com a militância anarquista, Bruno abandona a profissão de operário, ligando-se a um grupo de proletários mais ou menos emancipados, dedicando-se ao ensino das primeiras letras na *Escola Francisco Ferrer* fundada pela Federação das Classes Trabalhadoras. A partir de então, passa a atuar constantemente na imprensa, reivindicando condições melhores para os

²⁶ CARONE, Edgard. *A república Velha – II evolução Política (1889-1930)*. São Paulo: difel, 1983; CARONE, Edgard. *O tenentismo*. São Paulo: difel, 1975; COIMBRA, Creso. *A revolução de 1930 no Pará – Análise, crítica e interpretação*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1981; FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930- História e Historiografia*. São Paulo: brasiliense, 1982.

²⁷ COIMBRA, op. cit., p. 74.

²⁸ ROCHA, Alonso. Bruno de Menezes. In: *Asas da Palavra – revista da graduação em letras*. Belém: Unama, v.10, nº 21, 2006.

operários paraenses. O “moço idealista” realizava conferências em sindicatos com temas centrados em educação e politização operária e escrevia suas críticas no *O Semeador*, *O correio de Belém*, *O Combate*, *Jornal Pequeno*, *Voz do trabalhador* e *Jornal do Povo*. Ainda segundo Alonso Rocha, sua luta era avançada para a época, lhe custando enormes sacrifícios e decepções, mas as suas ideias despertavam o entusiasmo das massas assalariadas e foi dessa forma que revolução e literatura tiveram para o poeta o mesmo significado. Segundo Figueiredo²⁹, foi justamente esse seu período de formação intelectual, entre 1913 e 1923, que definiu a sua produção literária posterior. Logo a sua vida foi marcada pela busca da revolução estética nas artes e pela revolução geral na política e na sociedade. Francisco Paulo Mendes³⁰, da geração “remediada”³¹, afirmou que Bruno de Menezes foi o antecessor mais admirado e respeitado por toda a sua geração. Sua poesia teve uma contribuição revolucionária, uma vez que tinha uma grande preocupação com as injustiças sociais sofridas pela população pobre da região. Bruno e sua geração, ao criticarem a República oligarca, foram vistos pelos “passadistas”, literatos da geração de Theodoro Braga, e pelos políticos como antipatriotas, derrotistas e desertores da causa brasileira³².

Para Carone e também para Fausto, a política organizada pela oligarquia do café marginalizava a grande maioria da sociedade brasileira, como: a classe operária que, após a falta de organização durante as greves de 1917-1920, se estrutura, especialmente no Partido Comunista Brasileiro (PCB - 1922); a pequena burguesia e a classe média urbana, que buscavam através da legalidade, um regime democrático aos moldes da república norte-americana; e a baixa oficialidade do Exército, representada pelos tenentes, que ao contestarem o regime oligárquico, propunham, de forma confusa, um regime político centralizador, elitista (uma vez que acreditava que as classes populares eram incapazes de promover um movimento para derrubar as oligarquias), e nacionalista. Mas os autores citados não encontram na insatisfação dessas classes a causa da vitória da Revolução de 1930 que derruba a oligarquia cafeeira do poder. Segundo eles, embora esses setores tenham desencadeado uma crise nacional com as suas insatisfações e contestações, não tinham condições de destituir as oligarquias do poder e muito menos de apresentar um projeto político diferente para o Brasil.

²⁹ FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Bruno de Menezes – anarquista, 1913-1923. In: *Asas da Palavra – revista da graduação em letras*. Belém: Unama, v.10, nº 21, 2006.

³⁰ MENDES, Francisco Paulo. Introdução. In: *Bruno de Menezes: Obras completas*, vol. I e II. Belém: SECULT, 2001.

³¹ Os modernos de 1930 no Pará ficaram conhecidos como geração remediada.. Essa geração era formada por literatos como o citado Francisco Paulo Mendes, Ruy Barata, Sylvio Braga, Cléo Bernardo, Aloysio Chaves, Dalcídio Jurandir, dentre outros.

³²FIGUEIREDO. op. cit., p. 216.

Foi a crise na cúpula do poder, entre a oligarquia do café, que abriu caminho para a revolução, uma vez que os “conchavos” políticos passaram a ser feitos entre a oligarquia dissidente, os tenentes e o PCB. Além do mais, dentro da própria oligarquia dissidente havia jovens que embora sem divergir ideologicamente dos mais velhos, estavam dispostos a derrubar o governo pelas armas se o caminho da legalidade falhasse.

No Pará os conflitos oligárquicos de nível nacional ganharam uma dimensão mais acirrada com o governo de Dionísio Bentes (1925-1929)³³. Este foi escolhido governador do Estado a partir da estrutura eleitoral das oligarquias federais, ou seja, sem oposição. No seu discurso, apresentava uma política de conciliação, baseada no trabalho, na justiça e na honestidade. Seu objetivo seria: reerguer nossa agricultura, incentivar nossos principais produtos, como a borracha e o cacau, revisar a legislação fiscal, sanear as contas do Estado, revisar a legislação de terra para garantir os interesses dos colonos e incentivar a imigração japonesa e nacional para as zonas rurais do Estado. E tudo isto, evitando novos empréstimos e buscando sempre prestar contas à população através da imprensa.

Essas propostas de Bentes foram publicadas no Jornal *O Paiz* do Rio de Janeiro e transcritas para o jornal paraense *Folha do Norte*, em 30 de novembro de 1924 e também para *A Província do Pará*, em 4 de dezembro de 1924, empolgando a intelectualidade modernista, como podemos verificar no apoio dado ao governador nos primeiros anos de seu governo, por Bruno de Menezes e os demais editores da revista *Belém Nova*. Nos primeiros anos do governo de Bentes, *Belém Nova* não só apoiou o governador, mas também a política oligárquica na qual ele estava inserido a nível nacional, e foi um veículo de propaganda desta política. Havia uma tradição que ainda persistia no meio artístico paraense na década de 1920: o mecenato, tal como acontecia entre Antônio Lemos e Theodoro Braga³⁴. Aliás, no projeto político de Lemos o mecenato era essencial. Esse projeto civilizador, que obedecia às leis do Positivismo e ao movimento urbano da Europa, buscou transformar Belém e a sua população considerada ainda “bárbara” e “atrasada” em uma grande metrópole europeia nos trópicos. Logo, o intendente necessitava que a sua imagem estivesse associada às artes e à intelectualidade, o que lhe credenciava junto ao mundo civilizado burguês como o grande transformador da Amazônia. E foi justamente o que aconteceu ao se rodear em seu jornal, *A Província do Pará*, de redatores e colaboradores de grande credibilidade perante a opinião pública, intelectuais que asseguravam o prestígio de Lemos e do seu jornal. Sendo assim, patrocinou não só Theodoro Braga, mas inúmeras exposições de pinturas e obras literárias.

³³ Sobre o assunto ver: COIMBRA, op.cit.

³⁴ Sobre o assunto ver: FIGUEIREDO, op.cit.

Na sua administração, escritores, poetas e pintores tiveram uma atenção especial devido à lógica do seu projeto de civilização, pois esses homens representavam a modernidade artística e intelectual de Belém³⁵. Dessa forma, nos primeiros anos da revista *Belém Nova* percebemos a continuidade dessa relação entre arte e política, com o incentivo dos governadores Souza Castro (1921-1925) e Dionísio Bentes (1925-1929) à arte moderna de Bruno de Menezes.

Na edição de 26 de julho de 1924 da revista³⁶, que em sua capa deixava explícito que era uma revista que tratava das artes e das coisas que aconteciam no mundo em geral – *BELÉM NOVA, Arte e Mundanismo* – Bruno critica a “revolta anárquica dos tenentes” em São Paulo, que colocava em perigo a ordem, o futuro e a estabilidade de nossa Pátria. Esses militares haviam traído a confiança do Estado, “amotinaram-se, revoltaram-se, em uma rebelião subversiva”. O literato estava declaradamente ao lado da legalidade dos governos oligárquicos ao criticar a conduta da oficialidade do Exército, por isso sugeria que os militares deveriam abandonar “as paixões políticas” e se dedicarem a defender a nação, que era a sua função. Era necessário expurgar dos quadros do Exército os oficiais que não procedessem desta forma.

O Exército brasileiro novamente disciplinado e banido do seio as paixões políticas, há de voltar a manter as suas tradições gloriosas e a confiar na superioridade da sua força para bater-se em prol das coisas verdadeiramente nacionais. A esta hora, quantos bravos não estão *luctando, allucinados* e ferozes, uns pela Victoria da legalidade, outros pela cega loucura da rebelião! E a Pátria perde um contingente de juventudes vigorosas e um Estado próspero e progressista, tem os seus edifícios danificados e a sua população em sobressalto³⁷.

Dionísio Bentes, em seus quatro anos de governo, teve, porém, uma conduta autoritária, violenta, fraudulenta. Censurou a imprensa, perseguiu jornalistas, distribuiu terras do Estado a grupos estrangeiros. Seu governo foi “o catalisador das forças que no âmbito da sociedade civil lutariam mais tarde pela derrubada da primeira República”³⁸.

O governo de Bentes foi o apogeu do autoritarismo arbitrário da oligarquia paraense que, através da força, buscava calar as oposições. Exemplo disso foi a violência sofrida por Paulo de Oliveira, diretor e editor da revista *Belém Nova*, logo após o rompimento oficial de Bruno de Menezes com o governo do Estado, quando veio a público o que de fato se fez com as terras do Estado: em vez de beneficiar os colonos, como havia prometido, o

³⁵ SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do velho Intendente (1869-1973)*. Belém: Paka – Tatu, 2002.

³⁶ *BELÉM NOVA – Arte e Mundanismo*. Belém, nº19, ano III, p.s/n, 1926.

³⁷ MENEZES, Bruno. *Belém Nova – Arte e Mundanismo*. Belém, nº19, ano III, p.s/n, 1926.

³⁸ COIMBRA, Op. cit., p. 119.

governo distribuiu as terras para grupos estrangeiros, oligarcas, amigos, parentes, correionários, burocratas³⁹.

Os modernistas da *Belém Nova* sentiam-se traídos pelo governador que tantas promessas fez e que eles tanto apoiaram. Inclusive neste número da revista, datado de 30 de agosto de 1927, encontramos muito mais “mundanismo”, na figura satirizada de Dionysio Bentes, do que “arte” moderna. As críticas abertas ou ironias dúbias contra o governador foram o carro chefe da edição. A capa da revista estampava o título “o dia do cravo de defunto”, e dentro um governador definido de inúmeras maneiras: admirável atirador, Mussolini paraense, o novo rei *grunther* e seu governo definido como a nova inquisição, a senzala belenense, o representante máximo da volta da política do cacete.

Foto 1: Violência sofrida por Paulo Oliveira, estampada nas páginas da Revista Terra Imatura.



Fonte: Belém Nova, Belém, 16 de agosto de 1927, s/p. CENTUR, sala Haroldo Maranhão.

³⁹FIGUEIREDO, op.cit., 238.

Eis fragmentos de um artigo que dias antes fora publicado no jornal opositor ao governo, *O Estado do Pará* (um dia após a violência sofrida por Paulo de Oliveira, 17 de agosto de 1927), e republicado nesta edição da revista, na íntegra:

O governo é, em última *analyse*, o último responsável pela *agressão* que *soffreu hontem* o diretor de BELÉM NOVA. Ninguém lhe retira os louros dessa Victoria miserável. Os pobres diabos que realizaram a empreitada sinistra não a fariam se não estivessem empresariados pela situação e seguros da impunidade do seu crime. A energia que s. exc. O governador mandou pôr no inquérito contra os *agressores* é *optima* como pilheria e muito boa para causar *efeito*. todo mundo conhece o epílogo dessas medidas onde a policia age sempre com mão de gato em lata de sardinha.

A benemerência da chibata, a cujo compasso já começaram a *dansar* os que não afinam a voz pelo diapasão das zumbaias a s. exc., é infelizmente uma das últimas benemerências com que o governo, gato velho, ranhento e conhecido, quer passar por lebre aos olhos do povo⁴⁰.

Segundo Coimbra, não só entre a intelectualidade e a imprensa, mas na sociedade paraense como um todo, havia um descontentamento geral em relação ao governo de Dionysio Bentes⁴¹. Este sentimento foi crescendo nos anos seguintes, e sua progressividade foi fundamental para a revolução de 1930 no Pará.

Eurico Vale (1929), governador que sucedeu Bentes, é considerado por Coimbra mais prudente que todos os governadores anteriores, tentando corrigir injustiças e fraudes e sanear as contas do Estado. Porém, mesmo com a “boa vontade” do último governador eleito no esquema das oligarquias no Pará, o clima de descontentamento e revolta já era fato na região. Todos os problemas trazidos pelas administrações anteriores fomentaram no povo paraense a insatisfação, a propensão à revolta⁴².

Coimbra, a todo momento, faz referência à insatisfação do povo paraense, mas não define que povo era esse, nem em que fontes ele se baseou para afirmar que a população estava cansada do abandono, do desinteresse do Estado, da crise financeira, das fraudes eleitorais, da degola dos opositores, das perseguições violentas, do autoritarismo. Nós, sim, podemos inferir, baseados nas revistas, jornais e depoimentos dos literatos modernistas, que eles estavam cansados de tudo isso, e de presenciar cotidianamente o sofrimento da gente da região. Além do mais, como nos afirmam os autores clássicos a respeito da revolução de 1930, foi com a crise entre as elites oligárquicas que estavam no poder, que se abriu caminho para as classes excluídas do sistema oligárquico se unirem em prol da derrubada da oligarquia, nem que fosse pelas armas e se, dentre os excluídos do sistema, encontramos

⁴⁰ *BELÉM NOVA* – Arte e Mundanismo. Belém, n° 73, ano IV, p s/n, 1927.

⁴¹ COIMBRA, op.cit., p. 120-121.

⁴² Idem., op.cit., p. 134-135.

referências a tenentes, operários (esporadicamente, e geralmente na figura do partido Comunista Brasileiro), classe média urbana, oligarquia dissidente, pequena burguesia, fica subentendido que povo, na visão desses autores clássicos da revolução de 1930, era composto apenas por esses segmentos da sociedade. Ora, definitivamente, como nos disse Eneida de Moraes, essa revolução não era dela, pois não foi feita pelo povo retratado pelos nossos modernistas nas suas crônicas, contos, poemas e romances.

A concepção política dos novos, como Eneida e Bruno de Menezes, não podia ir ao encontro de uma revolução feita do alto. Não existe a nossa gente de “banho de cheiro” nem nenhuma “Dagmar” na historiografia sobre a revolução de 1930 se rebelando contra o Estado. Ao assumir o regional na literatura, os modernistas discutiram os problemas cotidianos da população mais pobre do Estado, problemas estes que não eram vistos nem ouvidos pelos oligarcas, pelos revolucionários de 1930 e nem pelos historiadores da revolução de 1930. Na literatura paraense não se via mais a busca de uma Amazônia herdeira da Civilização Europeia, de um passado fundador de nossa nacionalidade, assim como do resto do Brasil como um todo, fazendo com que todo o país tivesse a mesma origem. Os intelectuais modernistas não estavam interessados na busca das origens homogêneas da nossa cultura, mas sim em estabelecer diferenças, especificidades e valores culturais próprios da região. Valorizava-se Belém do tempo presente (1920-1930), com as histórias do cotidiano de sua gente simples. Histórias de uma gente genuinamente nossa, da nossa mistura de raças (branco, negro, índio) com seus problemas sociais e raciais. Esses problemas aconteciam na estrada de ferro de Bragança, no bairro do reduto, no Marajó, no Ver-o-Peso, nos subúrbios da cidade. Essa discussão do cotidiano da população belemita fez com que os modernistas lessem a história da nossa região a partir da sua alteridade, das nossas diferentes raças, classes sociais, credos, buscando compreender nossas várias identidades.

Segundo Max Martins⁴³, foi após 1930 que os intelectuais se integraram de fato no campo da política, pois perceberam que a revolução de 1930 apenas articulou novas e velhas lideranças, não proporcionando nenhuma mudança efetiva na democracia brasileira, constituindo-se, dessa forma, em um atraso político e social. Depois da desilusão de 30, os modernistas não foram mais os mesmos, e muitos desses intelectuais optaram por uma oposição política ao Estado a partir do engajamento no Partido Comunista, discutindo na literatura e na política questões sociais do Pará relacionadas às suas ideias socialistas.

⁴³ MARTINS, Max. Posição e destino da literatura paraense. *Folha do Norte*. Belém, 7 de dez. de 1947. Suplemento Arte Literatura, nº 55, p.3. Entrevista.

Eneida de Moraes é uma fonte explícita para confirmarmos a afirmativa de Max e para ratificar também outro ponto fundamental da obra de Williams para este trabalho: a questão dos valores compartilhados em uma cultura determinada indo além de suas classes sociais específicas. Eneida, moça “bem nascida”, educada, grandes oportunidades, despertou desde muito cedo para a luta em defesa da liberdade dos oprimidos⁴⁴. Sua biógrafa, a professora doutora Eunice Ferreira dos Santos nos afirma que é impossível qualquer interpretação sobre a sua obra sem conhecer a sua trajetória política, uma vez que ela rompeu com vários padrões impostos socialmente sobre as mulheres em sua época, tanto como militante quanto como escritora, e tudo isto influenciou sua obra. Em suas crônicas sobre suas infância em Belém, afirma que foi criada em liberdade, sem medos, sem choros. Seus pais – especialmente sua mãe – desde muito cedo buscaram despertar nos filhos a consciência crítica, a independência para tomar as suas próprias decisões. Ao recordar os anos de 1910, Eneida nos coloca frente ao depoimento de alguém que foi filho de um grande beneficiado com o negócio da borracha, ela mesma. O pai de Eneida era comandante de navios na Amazônia, sempre lembrando aos filhos o quanto foi pobre. Quando a borracha disparou no mercado internacional, ele começou a ganhar muito dinheiro, o que levou sua esposa, mãe de Eneida, leitora voraz e “entendida” de Bakunin e Kropotkin, a criticá-lo: “o explorado virou explorador”. O marinheiro que amava o rio Amazonas fez viagens que duravam meses e enriqueceu.

Onde anda papai? Depois chegava um telegrama de Manaus, contando que atrasara a sua volta porque um afluente secara, estivera prisioneiro esperando que o rio enchesse, o navio encalhara. Mas nada havia de mais alegre que sua chegada. Com ele vinham pássaros de vários nomes e diversos cantares, vinham estórias maravilhosas, vinham macacos e tantos bichos que, posso dizer, fui companheira de infância de muitos deles. Só um chimpanzé e um pavão foram mandados para o museu Goeldi. O pomar e os jardins davam para que todos vivessem em paz. Vinham frutas, e cada uma delas provocavam o nosso entusiasmo. Meu irmão adorava uxis; eu adorava piquiás. Depois, quando o mais moço tomou ares de civilizado e declarou sua paixão pelos melões, ficamos muito tristes. Estaria ele traído a Amazônia⁴⁵.

Eneida se envolve com o jornalismo em 1920 ao trabalhar como secretária e colaboradora (poemas em prosa) da revista *A Semana*. Foi nesse período que ela criou um tipo

⁴⁴ SANTOS, Eunice Ferreira. *Eneida de Moraes* militância e memória.. Em Tese. Belo Horizonte, v.9, p.99-106, dez.2005.

⁴⁵MORAIS, Eneida. “Seu Lima”, p.64. In: *Aruanda* – Banho de Cheiro. Lendo o Pará vol.2. Belém: SECULT, 1989.

de texto com características mais jornalísticas, que mais tarde viraria a sua marca, a parte mais conhecida de sua obra: a crônica. Na década de 20 também se envolve no movimento modernista paraense e lança o livro *Terra Verde* (1929), com poemas em prosa, fazendo referência às belezas de Belém. Em 1930 ela parte para o Rio de Janeiro, ingressando no Partido Comunista em 1932. Eneida se torna uma militante extremamente atuante, e desta forma, segunda Ferreira dos Santos, ela progressivamente vai deixando de lado a sua origem burguesa. Nesse período de militância contra o fascismo do governo Vargas, a sua obra é basicamente panfletária. Devido à militância, ela sofre a sua primeira prisão já em 1932, com todos os panfletos que tinha acabado de produzir. A “mini-fábrica”, subsidiada pelo Socorro Vermelho Internacional⁴⁶, funcionava na sua própria casa, com mimeógrafos e máquinas de datilografia. É por sua atuação política constante que o nome de Eneida figurou constantemente nos arquivos da polícia política de Vargas, pois durante todo o período do seu governo (1930-1945) ela combateu o fascismo, o integralismo e o Estado Novo, liderando pessoalmente greves e movimentos populares, sendo presa onze vezes.

Eneida foi militante tanto na vida política quanto na vida literária. Mesmo pagando um preço alto (sofrimento, perseguição, cadeia, afastamento de Belém, do marido e dos filhos) sempre acreditou que lutar pelo outro marginalizado era um dever de todos os homens e fez dessa bandeira o seu ideal maior de vida.⁴⁷ Segundo ela não existia nada que fosse exclusivamente seu, “a própria vida é um grande bem coletivo”.⁴⁸ Em *A Revolução de 1930*, relembra os acontecimentos que levaram à revolução, nos relata a tragédia daqueles dias tumultuosos e cheios de comédias de erros militares em Belém, e constata que já naqueles tempos sabia que aquela revolução não era dela, ou seja, não mudaria em nada as condições de opressão e pobreza do povo brasileiro.

No início de sua crônica, percebemos a pouca importância com que a literata trata a revolução de 30, desde os seus preparativos até as lembranças que guardou dela. Eneida afirma que só lembrou aquela noite com uma enquete de jornal à qual foi submetida. Relembrando os preparativos que desembocaram no outubro de 30, ela nos fala da alegria que existia na sua bela casa, vizinha ao Quartel-General do Exército. Uns dias antes de estourar a revolução, seus vizinhos fardados vieram prender seu irmão mais velho.

⁴⁶MORAES, “Banho de Cheiro”, op.cit., p. 279-286.

⁴⁷SANTOS, op.cit., 100-101.

⁴⁸MORAES, “Aruanda,” op.cit., p. 27.

Numa manhã (...) tinham vindo prender meu irmão mais velho, que me contara, sob promessa do mais absoluto segredo e total silêncio, sob terrível juramento de guardar segredo, que estava conspirando contra o governo Washington Luís e aderira à Aliança Nacional. Expusera longamente a razão de sua atitude (...) Analisou para meus ouvidos atônitos a situação política local e do país inteiro. Falou demoradamente em assuntos que pensei que entendesse, contou casos de opressão e de desregramentos governamentais. Ouvi tudo sem proferir uma palavra e – confesso – naquele momento, conhecendo a família de moleques que éramos, o fato não me causou a menor emoção, apenas sentida depois, quando o jovem querido foi preso. Preso, meu irmão, comecei a sentir muita aflição, principalmente porque criados em pleno sol e alegria da Liberdade, nunca suportamos jugos, cerceamentos, escravizações e, por isso mesmo, cadeia. – Sabes – dissera-me ele no momento da confidência – vamos ficar para a História neste ano de 1930. Eu sou um revolucionário. Meu pai, pensava eu, um revolucionário com o coração daquele tamanho, será que pode? Depois mudei de opinião, mas naquele momento eu era apenas uma mocinha cheia de alegria de viver.⁴⁹

Numa noite, dois ou três de outubro, quando seu pai não se encontrava em casa, a confusão na rua começou recheada de tiros, e o seu palacete foi invadido. Apenas ela entendia o que estava acontecendo, “já que sempre gostei de saber coisas da política ”, e estava em casa com quatro crianças e duas empregadas. O movimento insurrecional estava nas ruas, pensou, liderado pela Aliança Liberal.

Percebi que o tiroteio era dirigido contra nossa casa; pensei que todo aquele ódio era devido ao meu irmão, “revolucionário”. (Que ele me perdoe as aspas.) (...) Com as proezas do meu irmão mais velho nascera o boato de que em nossa casa estava instalado o quartel-general dos revolucionários de 1930 em Belém do Pará, e que o chefe do movimento estava escondido naquele palacete tão calmo (...) Expliquei que jamais vira o chefe revolucionário, o que não impediu que a casa fosse vasculhada, invadida, numa busca infrutífera (...) Mas o dia quatro de outubro – creio – foi uma festa: meu irmão em liberdade, aplaudido como líder, nós também saudados como se heróis fôssemos. Dias mais tarde naquele querido “O Estado do Pará”, jornal que abrigou meus primeiros trabalhos, eu escrevia arrogantemente um artigo, declarando: “essa revolução não é minha”. (Até hoje me espanto como naquele momento – tão jovem – eu pude ver logo ou melhor prever o futuro)⁵⁰.

Uma vez que, segundo Williams, a cultura é uma prática social que se dá entre pessoas em situações específicas (como num movimento literário ou na oposição a um governo opressor) e, portanto, com significados específicos que podem variar em diferentes situações sócio-históricas, sem que isso nos diga que a cultura é um espaço onde não existem lutas por mudanças sociais – muito pelo contrário, a cultura é um espaço fundamental para

⁴⁹ MORAES, Eneida. *A revolução de 1930*, p.79-80. In: *Aruanda* – Banho de Cheiro. Lendo o Pará vol.2. Belém: SECULT, 1989.

⁵⁰ *Ibidem*, p.83-87.

conflitos e lutas por mudanças político-sociais, o que estes literatos partilhavam e o que eles intencionavam partilhar é de vital importância para se entender a sociedade em que eles estavam inseridos e na qual eles pretendiam imprimir mudanças sociais através da literatura e da atividade política. Eneida nos conta que foi seu primeiro livro, *Terra Verde*, escrito na época da revista *A Semana*, que a colocou em contato com o grupo dos novos literatos paraenses. Entre eles estavam Peregrino Júnior, Bruno de Menezes, Paulo de Oliveira e Abguar Bastos⁵¹. Embora ela considere este livro ingênuo, impregnado apenas pelo amor que sentia por Belém, sem nenhum senso crítico sobre a política e a sociedade paraense, foi esta obra, esta sua “travessura”, que a fez ser parte integrante do seleto grupo que jantava no *Restaurante Reis*, com “os moços mais inteligentes” da intelectualidade moderna do Pará. Aqueles moços, mais do que testarem os seus conhecimentos literários e o seu amor pela humanidade, acolheram-na como amiga e a introduziram ao marxismo. E foi com o grupo dos novos e o Manifesto Comunista que a literata viu se materializar o que sempre sentiu, mas que nunca conseguiu traduzir em palavras. Foi neste momento que ela encontrou “a razão de ser da sua vida”: a luta contra as injustiças sociais.

Dessa forma, a literata, através de uma linguagem simples e direta em frases bem construídas, usou somente coisas e palavras do cotidiano para representar as banalidades do dia-a-dia, as lendas do folclore paraense, o cão da madrugada, os namorados, as injustiças sociais, a política, a liberdade e tudo mais que lhe despertava interesse⁵², relacionando sempre o local com o universal. Em *Banho de Cheiro* rememora a cultura popular de outrora e, embora de forma saudosista, em nenhum momento afirma que não havia problemas, mas nos deixa claro que muito da cultura popular de outrora não existia mais quando ela retorna a Belém por volta de 1945. Estava arrasada com a pobreza que os maus governos submeteram a população de sua cidade natal.

Sabá vendendo banhos miraculosos no mercado; Sabá evitando desgraças, abençoando com ervas os amores, fortalecendo com plantas lares quase arruinados. Sabá amansando, colaborando, construindo. Homens com tabuleiros gritando “chêro, chêroso”, balões subindo aos céus sem constituírem perigo, fogueiras crepitando, banho de cheiro fervendo, castanhas pulando quentes do meio do fogo, munguzá em cuias, famílias crescendo, as festas caipiras, os ramos de jasmim e o Boi-bumbá vindo para a porta de nossa casa pedindo licença para entrar. Quantas bandeirinhas de papel de cor! (...).

Não posso assegurar que o mesmo quadro do passado se reproduza hoje na cidade onde nasci. Ela mudou muito; é agora uma triste e envelhecida cidade, arrasada pela miséria e os maus governos. A primeira vez que voltei a Belém, depois de 15

⁵¹ SANTOS, Eunice Ferreira. *Eneida de Moraes: militância e memória*, op.cit., 103-104.

⁵² Sobre o assunto ver também: SANTOS, Eunice Ferreira. *O documentário social em caos de madrugada: O caos e o cosmos*. Belém: UFFa, 1994. Dissertação de mestrado apresentada ao centro de Letras e Artes.

anos de ausência, procurei Sabá. Morrera havia muito – disseram – e infelizmente não deixara a receita de nenhuma erva que dê à gente da minha terra um pouco de dinheiro. O banho de cheiro ainda existe até hoje e é cultivado por muita gente (...) São João abandonou minha cidade e sua gente. Por quê?⁵³

Bruno de Menezes e Eneida de Moraes na década de 1920, assim como Dalcídio Jurandir em 1930, inovaram na arte literária, pois estavam em sintonia com os acontecimentos políticos do seu tempo e tinham como bandeira de luta os excluídos sociais. Embora com modos peculiares de fazer arte, os modernistas paraenses elegeram a discussão-denúncia das mazelas sociais do Estado como “o ator principal” do seu movimento literário.

⁵³ MORAES, op.cit.,p.5-76.

CAPÍTULO II

2. O desencantamento com a Revolução de 1930 e maturidade político-literária.

Julgo a nova geração paraense, como a do Brasil, uma das mais esclarecidas e em nada indecisa como afirmam alguns.

Iludida com a mentira política de 1930, atônita diante do morticínio de 39-45 e do babelismo que dele adveio, desconfiada com a conferência de paz, a nova geração, antes de tudo, não crê em ninguém, senão em si mesma. Cansados das velhas lições moralistas, revoltados com o cinismo demagógico dos politiquieiros anacrônicos, esses jovens poetas-deputados, escritores-congressistas, artistas-líderes populares, traçaram suas próprias diretrizes.

Max Martins⁵⁴.

A geração remediada da qual fazia parte Dalcídio Jurandir, Cléo Bernardo, Silvio Braga, Ruy Barata, Francisco Paulo Mendes, Paulo Plínio Abreu, dentre outros, veio contar, em meados dos anos de 1940, com um grupo mais moço, onde estavam Max Martins, Benedito Nunes, Haroldo Maranhão, Mário Faustino, Alonso Rocha, Jurandir Bezerra. O que unia esses modernos, além da arte literária, era um sentimento de desencantamento com o mundo em que viviam, que foi tomando conta deles a partir da desilusão com a revolução de 1930 – e com os rumos que vinham tomando as democracias mundiais –, uma vez que durante o longo período do governo Vargas, foi imposta uma ditadura no Brasil, negando o que esses homens mais valorizavam: a liberdade. Na luta pela liberdade individual, pela liberdade democrática da nação, pela liberdade de poder escolher viver em um mundo com menos injustiça social, os literatos estavam incrédulos em relação ao momento político regional, nacional e mundial, mas acreditavam na luta da juventude que, unida, era capaz de reivindicar intensamente pela imposição de seus princípios. Era necessário agir com determinação frente aos “caducos” da arte e da política, que deveriam ser “combatidos com detefon em punho”, nos dizia o jovem poeta Max Martins,

O governo Vargas, populista e popular, foi também extremamente autoritário, e fez surgir nos modernos que o viveram e que dele foram herdeiros, o sentimento de descrença.

⁵⁴ MARTINS, Max. “Posição e destino da literatura paraense”. *Folha do Norte*, Belém, 07 nov. 1947. Suplemento Arte Literatura, n. 55, p. 3. Entrevista.

Mas, segundo o historiador Hobsbawm⁵⁵, o governo Vargas fazia parte de algo maior, de uma mudança de valores que assolou o mundo após a primeira guerra mundial, ou como ele prefere, durante a “era da catástrofe”. Nesse período, o liberalismo e todo o seu arsenal de idéias – compromisso com um governo constitucional, assembleias representativas eleitas livremente, garantia do domínio da lei e da liberdade individual, e a crença na razão, na ciência, na educação, no progresso humano e na modernidade – fizeram uma retirada da cena mundial. Em 1944, apenas doze países de um total global de sessenta e cinco ainda tinham governos constitucionais, e a ameaça às democracias liberais vinha apenas e exclusivamente da direita: eram governos que, após a ascensão de Mussolini na Itália e a implantação do fascismo, ficaram conhecidos como direita totalitária. Essa direita representava uma ameaça ao governo constitucional e uma ameaça ideológica ao liberalismo, o que não significa dizer que todos os regimes que derrubaram os liberais eram fascistas, mas o fascismo – e a sua forma alemã, o nazismo – deu à direita internacional uma confiança jamais vista antes e na década de 1930 era a “onda do futuro”. Todas as forças de direita antiliberais eram contra a revolução social dos trabalhadores, mas o historiador faz uma exceção aos golpes militares que instalaram ditadores na América Latina, pois esses não tinham, a priori, uma definição política. No caso do Brasil, embora durante os primeiros anos de seu governo Vargas tenha dado indícios de seu autoritarismo, só o vemos de fato se definir para a direita totalitária após 1937, com o golpe do Estado Novo.

Durante todo o período da ditadura varguista, estima-se que perto de mil pessoas foram presas por discordarem do presidente, o que confirma que Getúlio não era o democrata que a campanha da Aliança Nacional de 1930 pregava⁵⁶. Vargas vangloriava-se de ter estabelecido no Brasil a “verdadeira democracia”, que se apoiava em corporações organizadas. Eram os sindicatos, mas esses sindicatos não buscavam a “revolução social dos trabalhadores” e sim domesticá-los. Os dirigentes sindicais eram nomeados pelo governo e as filiações sindicais dos trabalhadores davam direito a vantagens sociais. Os sindicatos eram colaboradores do administrativo federal, e dessa forma, segundo Vargas, a “democracia verdadeira” acontecia, pois era possível consultar diretamente os anseios do povo através dos sindicalizados.

⁵⁵ Sobre este assunto ver: HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos – O breve século XX (1914-1918)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁵⁶ ROLLAND, Denis. “O estatuto da cultura no Brasil do Estado Novo: entre o controle das culturas nacionais e a instrumentalização das culturas estrangeiras”. In: BASTOS, Elide Rugai; RIDENTI, Marcelo; ROLLAND, Denis (Org.). *Intelectuais: sociedade e política*. São Paulo: Cortez, 2003.

A revolução de 1930, como já vimos, foi um golpe militar que conduziu Vargas ao poder. Em 1934 ele foi eleito presidente e em 1937 manteve-se no poder por meio de um golpe de Estado. É durante os anos 30 que ele reprime as suas duas principais oposições: os comunistas, especialmente após o episódio da Intentona de 1935 e os integralistas, tendência fascista da política brasileira, em 1938.

Uma das fortes razões da ambiguidade do governo ditatorial de Vargas é que um grupo de intelectuais acreditava que, apesar do governo de exceção, ainda havia caminhos para se opinar, devido ao fato de alguns terem sido chamados pelo presidente para participarem da construção e da implementação da cultura nacional. Estes homens seriam os conselheiros do Estado. Mas é claro que estavam excluídos desta lista, terminantemente, os comunistas, como Eneida e Dalcídio, e os democratas que não fossem capazes de se comprometer com a causa maior que própria busca da liberdade democrática, ou seja, a construção de uma cultura que homogeneizasse a nação. Era um projeto cultural que ressignificava aquele velho projeto do início da República de “sentido de nacionalidade” e “forjar a unidade nacional”⁵⁷.

A abertura em relação aos intelectuais era intencional. Houve a volta de discussões acadêmicas e de algumas revistas políticas, que congregavam muitos dos grandes intelectuais da época, que não tinham relação nenhuma com o autoritarismo. Estes intelectuais não perdiam a sua independência em outras áreas, como Carlos Drummond de Andrade, que fazia parte do ministério da educação, mas continuou publicando seus poemas políticos e revolucionários⁵⁸.

Eneida de Moraes, acreditando que, com a ascensão de Magalhães Barata ao governo do Estado, não haveria mais espaço para exercer a sua profissão livremente em Belém, deixa a cidade em 1930 para ir morar no Rio de Janeiro. Porém, ela vai perceber muito cedo que também na capital federal não havia espaço para a sua ânsia de liberdade. Nos anos de 1931 e 1932, Eneida frequenta círculos literários onde estudava marxismo para se preparar para ingressar no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Quando ocorre a Revolução Constitucionalista em São Paulo, a militante se transfere para o Estado paulista, pois acreditava que aquele era o momento certo para fazer propaganda junto aos trabalhadores. O partido a coloca responsável pela recepção e distribuição de correspondências, além da

⁵⁷ROLLAND, op.cit., 85-86.

⁵⁸ Idem. Ibid., p. 87.

redação de jornais de célula, panfletos e volantes. Devido a essa sua participação, é presa em 1932, sendo considerada pelo governo Vargas uma presa de alta periculosidade. Após quatro meses é solta por engano, no meio dos integralistas⁵⁹.

Nos anos de 1933 e 1934 é impedida de trabalhar, uma vez que não havia espaço para intelectuais comunistas na “democracia verdadeira” de Getúlio Vargas. Para sobreviver, se emprega como operária de uma fábrica de minérios. Continua na militância, participando de todos os eventos comunistas que antecederam a Intentona de 1935. Quando a revolução de 1935 fracassa, Eneida é presa mais uma vez, em janeiro de 1936. Em 1937 é absolvida pelo Tribunal de Segurança Nacional, mas volta várias vezes à prisão durante todo o governo Vargas, acusada de redigir material panfletário e organizar listas de donativos para o Socorro Vermelho do PCB.⁶⁰

2.1. A maturidade literária: a revista Terra Imatura.

É em meio a esse período de ambiguidade política do Estado varguista em relação aos intelectuais que surge a revista *Terra Imatura* (1938), dirigida por Cléo Bernardo. Esta é fundamental para se verificar os posicionamentos políticos e estéticos dos modernistas, uma vez que a literatura nela expressa mostrava um modernismo mais amadurecido, preocupado com a realidade sócio-política do Pará. Buscando um caminho para o desenvolvimento da região, sua luta foi além das letras, pois esta geração foi extremamente ativa na realidade política, econômica e social do Estado, do país e do mundo, estruturada após 1930. Com esta finalidade, estes modernistas utilizaram a revista para instigar a mocidade paraense a se unir a eles a fim de transformar a estrutura política e social do Pará. A revista ampliou e desenvolveu a literatura local e nacional da década de 1930, marcando o movimento literário paraense de forma decisiva.

Sou um escritor de partido. Não faço, por isso, uma obra agradável. A nossa literatura é muito comprometida. Estamos fazendo papel de descobridores do Brasil. Não somos ainda uma nação, no sentido europeu. Embora a palavra esteja em moda, é bom falar aqui em nossa condição de subdesenvolvidos. A nossa aspiração, como escritores, é fazer parte da literatura universal, no critério do velho mestre alemão, mas para isso temos de fazer como se faz sondagem de petróleo, perfurar os subsolos da imaginação, da sensibilidade, da alma brasileira. O papel

⁵⁹ SANTOS, op.cit., 105.

⁶⁰ Idem. Ibid., p.106.

dos escritores brasileiros é o de trabalhar preliminarmente por uma literatura nacional.⁶¹

Além do seu diretor Cléo Bernardo, a revista contava com uma grande equipe responsável pela sua edição: Clovis Ferro Costa, Carlos Eduardo da Rocha, José Maria Mendes Pereira, Ruy Guilherme Barata, José Augusto Teles, Raul Newton Campbell Penna, Fernando Guilhon, Alberto Soares do Vale Guimarães, Sylvio Braga, Juracy Costa, Augusto da Rocha, Flávio Maroja, Fernando Manuel Veiga dos Santos. No início, a revista se chamava *Revista do Estudante*, uma vez que tinha por objetivo que “os estudantes da Amazônia, cerrando fileiras ao nosso lado, [...] mostrem que a sua vontade de vitória deve crescer, subir, ir a luz, para tornar-se uma realidade brasileira. A luta começaria através das páginas da revista, que era o mesário dos estudantes do Pará⁶²” e se espalharia para o Brasil e para o mundo, aglutinando todos na luta contra as injustiças sociais e o cerceamento das liberdades individuais. *Terra Imatura* era “a vontade de lutar por um mundo melhor para todos os cidadãos, por um Brasil mais nosso, por uma Amazônia mais ajustada⁶³”. A substituição do nome *Revista do Estudante* foi uma forma que a mocidade do “mesário” encontrou de homenagear Alfredo Ladislau, “o poeta encantado da planície”.

TERRA IMATURA é a Terra Verde de Eneida. O verde é a esperança. A esperança é a mocidade. A mocidade é o Brasil. Por isso *TERRA IMATURA*, surgindo entre as promessas e a juventude, tem que ser com a ajuda de Deus, a revista do Brasil. (...) Que Alfredo Ladislau lá no céu, olhe com *amôr* a nossa iniciativa e peça a Cristo para derramar sobre a *TERRA IMATURA*, sua e nossa, uma benção de vida, para que não morra nunca, nunca mais, pois assim ela será a realização de tantos sonhos belos como a vitória régia – símbolo da *belêsa* para nós que exaltamos a vida, vivendo no “reino das mulheres sem lei” – o paraíso verde das Icamiabas⁶⁴.

⁶¹ JURANDIR, Dalcídio. “Devemos lutar em prol de uma literatura brasileira”. In: NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon. Dalcídio Jurandir – Romancista da Amazônia. Literatura e Memória. Belém: SECULT / FCRB / IDJ, 2006. P. 159.

⁶² *TERRA IMATURA*. Belém, nº2, 1938. p.s/n.

⁶³ Idem.

⁶⁴ Idem.

Foto 2: Capa da revista Terra Imatura editada em maio de 1938. Representando a Amazônia e os modernistas estavam o verde da floresta e o balanço do rio.



Fonte: *TERRA IMATURA*. Belém, nº2, 1938. CENTUR, sala Haroldo Maranhão.

O nome da revista, *Terra Imatura*, era uma homenagem ao livro de Alfredo Ladislau, de grande importância para a intelectualidade amazônica⁶⁵, pois foi a obra que mais perto chegou de representar a cultura da Amazônia, procurando conhecer a região e entendê-la sem os ufanismos do romantismo nem os preconceitos do determinismo geográfico. Nitidamente influenciado por Euclides da Cunha, percebemos que a intenção do autor era fazer de *Terra Imatura* um clássico abrangente sobre a Amazônia, assim como fez Euclides sobre o Nordeste em *Os Sertões*.

O sentido de *Terra Imatura* para Ladislau e Euclides é de terra natural, o último capítulo do gênese, era de paraíso maravilhoso que havia se perdido em meio à vastidão intraduzível das matas. A Amazônia era o mundo desconhecido, que ainda precisava ser revelado⁶⁶. E era justamente isso que os modernistas de 1938 propunham: revelar a Amazônia para ela própria, para o Brasil e para o mundo, por isso a revista contava com a colaboração furtiva de vários jovens intelectuais, dos quais a mocidade regular responsável pela realização

⁶⁵ MOREIRA, Eidorfe. In: LADISLAU, Alfredo. *Terra Imatura*. 2ª edição revisada. Belém: livraria clássica, 1925. Coleção literatura paraense. Série Inglês de Souza.

⁶⁶ CUNHA, Euclides da; TOCANTINS, Leandro (org.). *Um paraíso perdido: ensaios, escritos e pronunciamentos sobre a Amazônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

do “mesário” pedia apenas que escrevessem com simplicidade, uma vez que a forma que eles buscavam para a Revista era uma escrita acessível a todos os leitores. Eles também não se responsabilizavam pelas opiniões de seus colaboradores, pois a proposta maior da revista, o “ideal maior que ligava a mocidade paraense”, o que fazia a “originalidade” da revista era que houvesse democracia entre eles. Ao assinar seus artigos, cada um era responsável pelo seu posicionamento frente aos acontecimentos da região, do Brasil e do mundo. Esta revista, feita pela “mocidade mais festejada do Pará”, cheia de novas idéias que brotavam da inquietude de uma geração insatisfeita com o rumo que tomava o mundo e a existência humana, uniu os imaturos a cada edição colocada nas ruas de Belém, uma vez que cada publicação era uma batalha vencida na luta que eles travavam diariamente, luta esta que significava para eles a sua própria vida. *Terra Imatura* era a realização palpável da geração de Cléo Bernardo, surgida do “espírito boêmio” da inteligência moderna.

Um dos dias mais interessantes em nossa carreira é quando a Imatura sai. Cêdo os “imaturos” estão firmes no posto... É uma reunião geral. No ar há sensação de alegria, espontânea incontida, jovial. Todos nós nos abraçamos radiantes. – “Mais uma vitória!” – “Um número a mais!”. E não podemos conter o riso álcere de júbilo. A conversa torna-se viva, movimentada⁶⁷.

Terra Imatura foi uma das formas encontradas pela mocidade paraense de lutar contra o autoritarismo do Estado brasileiro e denunciar os crimes das ditaduras do mundo todo. A ambição que imperava na alma dos líderes mundiais do século XX fez nascer as barbaridades cometidas por eles, “porque o século XX é o tempo do direito da força contra a consciência do direito”. É o tempo em que é racional matar em nome da igualdade (Stalin na Rússia), acabar com a liberdade em nome da expansão do país (Mussolini na Itália), perseguir as minorias em nome da lei (Hitler na Alemanha). E tudo isso é apresentado ao mundo como civilização, nos diz chocado o diretor da revista, Cléo Bernardo. Havia leis que pregavam que esta humanidade irracional, violenta de um lado e a humanidade que a tudo isso presenciava e se calava do outro (representada na Liga das Nações), estava rumando ao progresso, à perfeição.

Cléo Bernardo abre o “mesário” com este artigo, propondo a democracia como cura para a alma doente do século XX. Uma democracia onde se pudesse ter compreensão ideológica, pois só assim teríamos “a verdadeira democracia”. Em todos os números da revista encontramos essa compreensão através de artigos de intelectuais de várias ideologias – socialista, comunistas, liberais – todos juntos nas páginas da “Imatura”, em nome da

⁶⁷ *TERRA IMATURA*. Belém, nº5, 1938. p.s/n.

democracia política e ideológica, da liberdade de expressão e, acima de tudo, de um mundo melhor, onde não houvesse mais “a obra nefasta das ditaduras”.

Foto 3: Artigo de Cléo Bernardo convocando a mocidade paraense para a luta em prol da liberdade e da justiça social.



Fonte: BERNARDO, Cléo. “A Alma do século”. *Terra Imatura*. Belém, nº2, 1938. p.s/n. CENTUR, sala Haroldo Maranhão.

A democracia, com todas as suas falhas e crises, é preferível a essas ditaduras, onde o homem é obrigado a esquecer a sua independência moral porque a predominância do materialismo é reconhecida pelo Estado sobre a finalidade espiritual do indivíduo. Seria ideal para todos os povos, para todas as nações, se a democracia fosse mais ação do que palavra, mais sentimento do que talento, mais bom do que mal. A democracia que estabelece o seu postulado, pelo aniquilamento da obrigação, criasse o fundamento da compreensão ideológica; esta seria a verdadeira democracia: - A democracia da consciência, a democracia da compreensão, a democracia da afirmação educacional⁶⁸.

Benedito Nunes⁶⁹ nos diz que a posição contraditória do governo Vargas, que por um lado abafava as inquietações dos literatos e censurava as rebeldias políticas, e por outro lado, não se posicionava a favor das ditaduras fascista, mantendo boas relações com as democracias liberais, favoreceu o aparecimento de uma consciência política no grupo que atuava em *Terra Imatura*. Esta consciência foi intensificada em 1942, quando o Brasil passou a integrar o bloco dos aliados contra as potências do eixo (Alemanha, Itália e Japão). Não

⁶⁸ BERNARDO, Cléo. “A Alma do século”. *Terra Imatura*. Belém, nº2, 1938. p.s/n.

⁶⁹ NUNES, Benedito. “Francisco Paulo Mendes, para além da crítica literária”. In: NUNES, Benedito (org.). *O amigo Chico fazedor de poetas*. Belém: Secult, 2001, p.37-38.

tardou para que os literatos da revista abrissem uma frente de oposição contra a ditadura de Vargas.

2.2. As manifestações políticas contrárias ao intendente, a grande imprensa personificada no jornal “Folha do Norte”, o anticomunismo e a luta pela liberdade político-literária.

O panorama político e social a nível nacional e estadual era propício às preocupações de *Terra Imatura*. Em 1930, a revolução liberal liderada por Getúlio Vargas encheu de esperanças muitos intelectuais com promessas reformistas de democracia divulgadas pela Aliança Liberal. No Pará, como já dito, o representante máximo desta revolução foi Magalhães Barata. Este frustra os sonhos democráticos de nossa vanguarda intelectual, pois suas medidas “populares” serviram apenas para substituir parte da antiga oligarquia regional por uma nova, que passou a se beneficiar do aparelho de Estado montado por ele⁷⁰.

As manifestações políticas contrárias ao governo de Barata e a favor da democracia foram as pistas que encontramos para relacionar os intelectuais modernistas e seu posicionamento e atuação política nessas manifestações. Barata montou um aparelho de poder com base apenas nas forças sociais e políticas que haviam apoiado o movimento militar liberal, baseado em grande parte em seus afetos pessoais, o que levou a desavenças internas e se chocou com as aspirações de liberdade e democracia de vários setores da sociedade paraense. No início de 1932, os setores sociais descontentes atacaram Barata abertamente e se uniram num movimento em favor da Constituição. Conspiraram, manifestaram e conflitaram abertamente com o poder instituído do major, estudantes, intelectuais, profissionais liberais, e o recente *Partido Comunista do Pará*, datado de 1931. As forças de Estado baratistas conseguiram reprimir o movimento, com mortos, feridos e presos.

Na grande imprensa do Estado⁷¹, representada pelo Jornal *Folha do Norte*, verificamos a questão da “reconstituição” do país sendo abordada de forma narrativa e linear, geralmente reproduzindo as manchetes dos jornais de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, mostrando a pressão que estes Estados faziam em prol da nova

⁷⁰ Sobre o assunto ver: COIMBRA, op.cit.

⁷¹ Nos arquivos do CENTUR, sobre o período tratado nesta pesquisa (1930-1945), só temos acesso ao jornal *Folha do Norte*, e de maneira precária (péssimas máquinas, horário de pesquisa reduzido pela gestão atual, e lacunas nos anos pesquisados). O Jornal *O Estado do Pará*, há dois anos e meio, pelo menos, está sendo microfilmado, ainda estando o trabalho no ano de 1918, sendo que os jornais que ainda não foram microfilmados não podem ser manuseados pelos pesquisadores, comprometendo nosso trabalho.

Constituição, sem mencionar o que ocorria no Pará. É bom lembrar que o jornalista e dono da Folha, Paulo Maranhão, ainda não havia rompido com o intendente Magalhães Barata (o rompimento ocorre em 1933), o que contribuiu para que este não fosse, ainda, criticado pelo jornal, sendo muitas vezes elogiado⁷².

⁷² As manchetes do jornal sobre a revolução constitucionalista de São Paulo: “Congregaram-se numa frente única os partidos mineiros e fazem causa comum com o Estado do Rio Grande do Sul em prol da reconstitucionalização do paiz”. *Folha do Norte*, Belém, 20 jan. 1932, p. 1.

“Comício pró-constituínte, São Paulo”. *Folha do Norte*, Belém, 25 fev. 1932, p. 1.

“Política e políticos brasileiros: Intensifica-se a campanha em prol da reconstitucionalização do país”. *Folha do Norte*, Belém, 02 abr. 1932, p. 1.

“Política e políticos brasileiros: a reconstitucionalização do paiz é o grande problema nacional”. *Folha do Norte*, Belém, 09 abr. 1932, p. 1.

“Política e políticos brasileiros: Sob o tecto do Quartel General da Segunda Regiao Militar, abriu-se o debate para a volta do paiz ao regime constitucionalista”. *Folha do Norte*, Belém, 23 abr. 1932, p. 1.

Política e políticos brasileiros: ninguem mais que o governo provisório está interessado na reconstitucionalização do paiz. *Folha do Norte*, Belém, 26 abr. 1932, p. 1.

“Política e políticos brasileiros: acentua-se em todo o Brasil o movimento constitucionalista”. *Folha do Norte*, Belém, 29 abr. 1932, p. 1.

“Política e políticos brasileiros: toda a imprensa carioca apoia os gaúchos na reconstitucionalização do paiz”; “O partido republicano lançou um manifesto”. *Folha do Norte*, Belém, 04 mai. 1932, p. 1.

“Há um desanimo nos meios políticos, a propósito da ficção do dia para a eleição.” *Folha do Norte*, Belém, 05 mai. 1932, p. 1.

“Getúlio marca a eleição da constituição para 1933”. *Folha do Norte*, Belém, 06 mai. 1932, p. 1.

“São Paulo vivendo horas de ardor cívico: movimento em prol da constituição e autonomia do Estado empolga todas as classes.” *Folha do Norte*, Belém, 24 mai. 1932, p. 1.

Contra-revolução declarada no sul do paiz abrange parte do Mato Grosso e de São Paulo. *Folha do Norte*, Belém, 12 de julho de 1932, p. 1.

Os acontecimentos do Sul do paiz: “Fora a rendição dos rebeldes, não haverá acordo nenhum”, Vargas. *Folha do Norte*, Belém, 13 de julho de 1932, p. 1.

FOTO 4 e 5: Manchetes da Folha do Norte sobre a revolução constitucionalista no Sudeste do país.



FONTE: “Congregaram-se numa frente única os políticos mineiros e fazem causa comum com o Estado do Rio Grande do Sul em prol da reconstituição do paiz”. Belém, 20 jan. 1932, p. 1. “Contra a revolução declarada no sul do paiz abrangendo parte de Mato Grosso e de São Paulo”. Folha do Norte, Belém, 12 de julho de 1932, p. 01. CENTUR, sala de microfilmagem.

A partir de julho, a *Folha do Norte* abre uma coluna com “informes telegráficos e comunicados oficiais sobre os acontecimentos que se desenrolam no sul do paiz”, geralmente mostrando o sucesso do governo Vargas no combate aos rebeldes paulistas. Mas no segundo semestre de 1932, dois movimentos ocorridos no Pará vão ser destaque no jornal de Paulo Maranhão: a revolta de Óbidos, que eclodiu em 17 de agosto, e a revolta dos estudantes em Belém, que teve início em 05 de setembro, ambas com o discurso de apoio à revolução

constitucionalista de São Paulo. Porém, o historiador Carlos Rocque⁷³, que entrevistou alguns dos principais participantes dos dois movimentos (Demócrito Noronha, chefe civil do movimento em Óbidos e João Botelho, um dos líderes estudantis em Belém), afirma que ao contrário do que eles pregavam, de movimento em apoio aos bandeirantes, ambos não passaram de movimentos que tinham como objetivo de fato atingir o interventor Magalhães Barata, já que tanto durante a revolta em Óbidos como durante a revolta em Belém a vitória do governo de Vargas sobre os paulistas era algo certo, como nos colocava diariamente o jornal Folha do Norte. E, após a vitória das forças governamentais, o jornalismo da Folha nos informa, também diariamente, que os insurgentes estavam sendo muito bem tratados nos cárceres do governo estadual e lá seriam mantidos até o julgamento dos seus crimes.

O repórter policial da Folha não se tem descuidado de saber diariamente sobre os feridos e prisioneiros no intuito de informar o público e as famílias dos mesmos. O desembargador Nogueira de Faria, chefe de polícia, com uma paciência admirável, assediado constantemente pelo nosso auxiliar, vai sempre informando que, eles estão em severa vigilância, muito natural nessas ocasiões, mas todos os detidos são bem tratados. Mesmo algumas pessoas que comparecem a Central em busca de informações, quando ali se encontra o nosso repórter, soa por este orientadas no sentido de se dirigirem as autoridades com as quais poderão encontrar facilidade nas informações que desejam. Nas ocasiões angustiosas, como as que passamos, a reportagem também se “mobiliza” e sai à rua com a sua arma inofensiva, que é o lápis, a investida da qual não há “trincheira” que resista (...) os prisioneiros que se encontram na Central de Polícia continuam incomunicáveis até que prestem seus depoimentos e conforme a valia destes, terão então novo destino ou se lhes permitirá visitas de seus parentes. Todos os feridos recolhidos ao hospital da Santa Casa e da Ordem Terceira se encontram melhorados, tendo recebido visitas de pessoas de suas famílias⁷⁴.

Ao nos informar especificamente sobre a revolta dos estudantes em Belém, o historiador Carlos Rocque nos diz que os estudantes foram apenas “usados” pelos velhos mestres do colégio estadual Paes de Carvalho, que haviam sido afastados do magistério pela reforma empreendida pelo major Barata, ao lado de outros professores descontentes com os desmandos do interventor paraense, que estariam por trás de tudo e teriam como meta uma vingança pessoal. Que houve o envolvimento de pessoas além dos estudantes ginásianos neste movimento é fato, como nos mostra o próprio historiador, uma vez que um dos líderes da revolta entrevistado por ele, João Botelho, era acadêmico de direito (houve também o envolvimento de professores, proletários da indústria e do comércio e de guardas-civis). Mas

⁷³ Sobre o assunto ver: ROCQUE, Carlos. *Magalhães Barata* – o mito, o homem, a lenda, o político. Vol. 1. Belém: Secult, 1999.

⁷⁴ “Notícias e informes relativas aos sucessos de 6 e 7 de setembro : como vão passando feridos e prisioneiros”. *Folha do Norte*, Belém, 12 set. 1932, p. 1.

daí afirmar que os estudantes se constituíram apenas em massa de manobra dos mais velhos pensantes é desqualificar o movimento e os estudantes e aceitar como verdade indiscutível a versão do intendente exposta na *Folha do Norte*. Os estudantes objetivavam a liberdade individual, a reconstitucionalização do país e, para isso, o ataque contra Barata era fundamental, uma vez que ele era o representante máximo no Estado da ditadura de Vargas em nível nacional. Prova disso é a participação de Pedro Pomar, estudante ginásiano e um dos líderes desse movimento estudantil, que ainda não havia tomado o caminho do comunismo, mas que foi levado a ele a partir da sua fuga da repressão empreendida pelo major em 1932 contra os que participaram da revolta. Pomar foi para o Rio de Janeiro, mais precisamente para a casa de Eneida de Moraes:

Eneida era uma pena afiada contra o sistema dominante, apoiando e estimulando os estudantes em suas aspirações democráticas e rebeldes. Quando Barata se instalou no poder, fecharam-se as portas para a sua atividade profissional em Belém, foi quando ela mudou-se para o Rio. Eneida não participou dos movimentos de 1931-1932 no Pará, mas o acompanhou através das correspondências intensa com os amigos. Vivia então com o advogado trabalhista, Benigno Fernandes, militante do partido Comunista, e morava com ele e o irmão Guilherme num casarão da rua Mosqueira, no bairro da Lapa, com inúmeros quartos que alugava para estudantes.

75

Três meses depois de leituras comunistas e discussões na casa da literata modernista paraense, Pomar retornou a Belém como membro do Partido Comunista, sendo um dos responsáveis por organizar o partido no Pará, já que sua função era reunir os universitários e fazer a ponte entre os intelectuais e o partido. Em suas memórias, seu filho, Wladimir Pomar, nos coloca que teve a oportunidade de testemunhar muitas conversas entre o “Partidão”, na pessoa de seu pai, e de modernistas como Dalcídio Jurandir, Abguar Bastos e, no cenário nacional, Graciliano Ramos, embora o conteúdo detalhado das conversas falhe em sua memória, pois, como afirmou, “já se vão quase 60 anos de contatos esparsos”⁷⁶.

O major Barata, após a vitória sobre o movimento dos estudantes, ou o que a *Folha do Norte* chamou de “os sucessos da cidade”, escreveu e publicou uma carta no jornal, encaminhada “ao povo de minha terra”, na qual acusa seus “inimigos”, pessoas “rancorosas”,

⁷⁵ POMAR, Wladimir. *Pedro Pomar* - uma vida em vermelho. São Paulo: Xamant, 2003, p.60.

⁷⁶ Em conversas mantidas por e-mail, Wladimir Pomar me afirmou que eu teria uma grande dificuldade em encontrar fontes que tratassem sobre a relação dos comunistas e modernistas, algo realmente de difícil acesso durante a pesquisa: “As referências sobre a relação entre o PC com os escritores, inclusive os modernistas, vieram de depoimentos e dos livros citados na bibliografia (do livro que Wladimir escreveu sobre Pedro Pomar, seu pai). Já em relação ao período delimitado por você (1930-1945) a situação se complica, porque esse foi um período de prisões e clandestinidade, e é muito difícil recuperar a imprensa oposicionista desse tempo. E a maior parte do pessoal da época, que poderia dizer alguma coisa, já se foi. Temo que você tenha que garimpar muito para achar poucas pepitas, e lhe peço desculpas por poder ajudar tão pouco a respeito do tema. De qualquer modo, se você tiver alguma questão específica, estou à disposição para tentar contribuir”.

“demoníacos inspiradores”, de colocarem em prática a maior das “vilanias” que já havia sido usada no Brasil no terreno das lutas políticas:

Armaram e sacudiram contra mim, contra meu governo e meus auxiliares, a classe estudantina, desde a juventude do *Gymnasio* à mocidade acadêmica, a fim de, na dolorosa, mas indeclinável contingência de manter a ordem, chamar para nós a odiosidade pública. Esses jovens, esses moços bravos mas inexperientes, constituíram a vanguarda dos amotinados da noite do dia seis para o dia sete do corrente (...) sobre a consciência dos autores intelectuais desse malvado motim cai o sangue das vítimas! O governo foi o provocado, foi o agredido, e eu e meus auxiliares, usando do direito de defesa, cumprimos sagrado dever!⁷⁷

Enquanto seus inimigos políticos são sórdidos ao ponto de usar a ingenuidade dos estudantes para tentar derrubar seu governo, confiado a ele pelo governo provisório federal de Getúlio Vargas, ele continua firme no seu propósito de cumprir o seu dever, mesmo que custe, mesmo que ele tenha que enfrentar esses “vilões” que usam “táticas covardes”, como esta de sacrificar a “flor da mocidade da nossa terra”. Mas, a partir de 1933, vamos encontrar nos periódicos de Paulo Maranhão outro Magalhães Barata, muito diferente deste estadista vítima de vilões rancorosos. Agora ele era um mau político⁷⁸, que “papagueava diatribes de todo o gênero”.⁷⁹

Partiu *hontem*. Era como um rochedo. Julgava-se como um rochedo. Daqui não sairia. Só morto. E aos pedaços. Mas lá vai rolando sobre o cabeça das salsas ondas. Manda quem pode, obedece quem serve. É a regrada vida. E o recalcitrante, depois de ter *exgottado* a paciência de seus superiores, solicitando, exorando, deprecando, arrumou a trouxa e foi-se. Deus o leve, Deus por lá o tenha, Deus nos guarde para sempre desse verão de Plutarco (...) Vá o Sr. Barata pregar os seus embustes e carócas a outra freguesia. Aqui a sua obra é demasiada conhecida. Cifra-se em despesas supérfulas, em *actos* de desumanidade, como a destruição pelo fogo proposital de trezentas barracas de infelizes sertanejos em terras do Tapajós; na denegação de justiça a humildes burocratas, que além de verem postergados os seus direitos, ainda eram humilhados e injuriados no calão dos despachos *governamentaes*; nas demissões em massa de funcionários sob a suspeita de não terem sufragado as chapas *liberaes*; nas remoções iníquas de professores encanecidas no magistério da capital para *logares* ermos e longínquos, e num sem numero de outros *actos* de caráter discrecionário, que lhe *dictavam* o ódio e o despeito⁸⁰.

Essa era uma época de muitas manifestações em Belém, como a greve dos gráficos e a campanha estudantil em prol de 50% de desconto nas taxas escolares, nos cinemas e nos transportes. Em 1935 a Intentona Comunista vai agitar o país e dar início a uma grande

⁷⁷ BARATA, Magalhães. “Ao povo da minha terra”. *Folha do Norte*, Belém, 11 setembro de 1932. P. 02.

⁷⁸ “A obra da má política”. *Folha do Norte*, Belém, 24 nov. 1935, p. 01.

⁷⁹ “De passagem pelo Maranhão o Sr. Magalhães Barata papagueia diatribes de todo o gênero”. *Folha do Norte*, Belém, 22 nov. de 1935, p. 03.

⁸⁰ “Adeus, major!” *Folha do Norte*, Belém, 15 nov. 1935, p. 01.

campanha anticomunista nos jornais. Em Belém é 1936⁸¹ o ano em que a campanha anticomunista ganha fôlego, havendo prisões, torturas e um grande número de denúncias ao comunismo na Folha do Norte. Entre os vários “comunistas” presos, temos os nomes de Dalcídio Jurandir e de Pedro Pomar, o responsável por fazer a ponte entre os comunistas e os intelectuais paraenses. Em 1937, com o Plano Cohen e o golpe do Estado Novo, homens de letras como Dalcídio e Abguar Bastos foram presos novamente no Pará, e os demais “comunistas” entram na clandestinidade. Abguar⁸², aliás, foi homem da revolução de 1930 e assim se reconhecera, mas seus conflitos começaram desde cedo com o interventor, quando percebeu que aquela revolução não cumpria o que pregava.

A Intentona Comunista de 1935 teve grande impacto sobre Belém, embora nossos aliancistas e comunistas só ficassem sabendo exatamente o que ocorreu algum tempo depois. Organizaram atos de solidariedade aos revoltosos presos e ameaçados de morte. Na grande imprensa do Pará⁸³ encontramos referências aos comunistas e também críticas ferrenhas ao interventor, uma vez que Paulo Maranhão conseguiu o grande feito jornalístico e/ou político de transformar Barata em comunista. Em idos de 1936, quando o seu jornal estava a todo o vapor com a campanha anticomunista, atacando Prestes e os insurgentes de novembro de 1935, o major, um militar conservador de direita, virou um traidor comunista pelas mãos do

⁸¹ Manchetes anticomunistas da Folha do Norte: “O Estado de São Paulo e o último movimento comunista”. Folha do Norte, Belém, 01 de janeiro de 1936, p. 01. “Os próprios amigos não seriam poupados na chacina comunista”. Folha do Norte, Belém, 05 de janeiro de 1936, p.01. “Perigosos agentes comunistas detidos pela polícia carioca”. Folha do Norte, Belém, 08 de janeiro de 1936, p. 01. “Luz sobre o comunismo”. Folha do Norte, Belém, 09 de janeiro de 1936, p. 01. “O caso do habeas-corporis para os implicados na última insurreição”. Folha do Norte, Belém, 27 de janeiro de 1936, p. 01. “Prestes - De cavaleiro da esperança a dynamiteiro”. Folha do Norte, Belém, 28 de janeiro de 1936, p.01. “Acto puramente comunista- 200 mulheres invadiram e tomaram conta de uma fazenda no México”. Folha do Norte, Belém, 29 de janeiro de 1936, p. 01. “Preso, enfim, o ex cavaleiro da esperança”. Folha do Norte, Belém, 06 de março de 1936, p.01. “A prisão de Luiz Carlos Prestes”. Folha do Norte, Belém, 08 de março de 1936, p. 01. “A prisão de Luiz Carlos Prestes”. Folha do Norte, Belém, 09 de março de 1936, p. 01. “Senador da República advogado de comunista!” Folha do Norte, Belém, 10 de março de 1936, p. 01. “Ainda a prisão de Luiz Carlos Prestes”. Belém, 13 de março de 1936, p. 01. “Ainda a comoção intestina grave articulada em diversos pontos do paiz desde novembro de 1935”. Folha do Norte, Belém, 24 de março de 1936, p. 01. “Julgada e condenada à morte pelos communistas”. Folha do Norte, Belém, 13 de abril de 1936, p. 01. “A morte do comunismo”. Folha do Norte, Belém, 20 de maio de 1936, p. 01. “Em torno do processo de expulsão de Olga Benário”. Folha do Norte, Belém, 01 de junho de 1936, p. 01. “Bolchevismo arrasa carreira”. Folha do Norte, Belém, 05 de julho de 1936, p. 01. “As atividades comunistas no Brasil”. Folha do Norte, Belém, 11 de agosto de 1936, p. 01. “Burgueses e communistas”. Folha do Norte, Belém, 02 de novembro de 1936, p.01. “Não pode fugir à pecha de comunista”. Folha do Norte, Belém, 10 de dezembro de 1936, p. 01. “No rastro de um communista: Porque não estalou a revolta de 21 de agosto”. Folha do Norte, Belém, 12 de dezembro de 1936, p. 01.

⁸² Abguar, embora militante de esquerda e amigo de Luiz Carlos Prestes, nunca foi comunista e muito menos membro do Partido Comunista Brasileiro. Mesmo assim teve que deixar Belém nos anos de 1930 por motivos políticos. Informações encontradas em “A grande chama de Abguar de Bastos”. Jornal da UBE, São Paulo, outubro de 2002, p. 08/09.

⁸³ Leia-se: *Folha do norte*, única fonte disponível para pesquisa deste período e apenas os números referente aos meses de outubro, novembro e dezembro de 1935.

dono do jornal de maior circulação no Estado e já seu inimigo declarado. Uma carta⁸⁴ foi encontrada, na qual, segundo o jornalista, Barata se mostrava comunista. Na realidade, a tal carta, publicada na Folha do Norte, em nada comprometia Barata, pelo menos aos olhos da atualidade, ou melhor, de um mundo não mais amedrontado pelo “spectro” do comunismo. Percebemos nela apenas um político hábil, populista e manipulador, que afirmou a Prestes que simpatizava com a Aliança Nacional Libertadora – que sabemos, não era composta apenas por comunistas – mas que tinha algumas restrições ao seu projeto para o Brasil. E que “por conveniência para a própria A. N. L devo continuar de fora”. Mas, aos olhos de um Paulo Maranhão, indignado com a violência que havia sofrido pelo major em 1934⁸⁵ e em plena campanha anticomunista – o que fazia de qualquer simpatizante da A. N. L ou de Preste comunista – Barata era um traidor do povo paraense.

O anticomunismo que vigorou na imprensa paraense, com destaque para a *Folha do Norte*, era um movimento de contorno nacional da grande imprensa jornalística. Este anticomunismo enquanto sentimento e/ou movimento começou a ser construído no Brasil após a revolução russa de 1917, se constituindo em um fenômeno de dimensão internacional, provocado pela reação ao advento do bolchevismo e às crises revolucionárias das democracias liberais no entre guerras. Com o medo da atração que o exemplo das Rússia poderia exercer sobre as massas de trabalhadores proletários, somado às dificuldades econômicas do pós-guerra, os governos dos países ricos e capitalistas empenharam-se na repressão e na propaganda anticomunista. A elite brasileira se sensibilizou e o que percebemos é que nesse período, em grande parte, as visões sobre o que seria o comunismo, a grande ameaça que ele significava à ordem social e as formas de combatê-lo, eram importadas das economias capitalistas dominantes. Porém, isso não quer dizer que ocorreu no Brasil a reprodução pura e simples das ideias estrangeiras. O Estado brasileiro, a elite e os meios de comunicação receberam bem algumas ideias importadas e outras nem tanto. É notório que no Brasil a principal base de mobilização anticomunista foi religiosa, uma vez que os comunistas eram ateus e inimigos do cristianismo católico. Em todos os períodos de acirramento da campanha contra o comunismo, como na Intentona de 1935, no período do

⁸⁴ “O sr. Barata envolvido nas malhas do processo criminal sobre a intentona de novembro – fatos que comprovam”. Folha do Norte, Belém, 06 de dezembro de 1936, 2ª secção, 7ª página.

⁸⁵ Momento em que o major Barata fez de Paulo Maranhão e toda a sua família reféns dentro do seu próprio jornal. “Segundo aniversário do ataque armado à Folha, triste episódio que passou à história paraense como a maior covardia de um déspota ignorante e ridículo”. Folha do Norte, Belém, 23 de setembro de 1936, p. 01.

governo de João Goulart e nos preparativos para o golpe militar de 1964⁸⁶, a Igreja Católica foi fundamental para intensificar na sociedade brasileira o medo dos comunistas.

Foram executados desde que os comunistas assumiram o poder, 23 bispos e clérigos de cargo de responsabilidade, 6.775 sacerdotes, 6.585 professores, 8.800 doutores, 51.850 oficiais do Exército, 200.850 lavradores e operários. Chegamos ao pequeno total de 11.763.411 pessoas eliminadas desde 1917. Quase dois milhões de mortos, mas do que o número total de destruídos por balas na Grande Guerra⁸⁷.

Com a revolução de 1930, o comunismo passou a ser a principal ameaça contra a ordem social vigente no país, uma vez que jovens e intelectuais, muitos deles decepcionados com os rumos do governo Vargas e descrentes do liberalismo, passaram a enxergar no comunismo uma saída para as dificuldades brasileiras. Marx e Lênin eram os representantes do novo e da esperança.

O aumento do poder de atração do comunismo, nessa época, pode ser exemplificado pela postura de Luiz Carlos Prestes, líder tenentista aclamado pela imprensa, desde meados de 1920, como o “Cavaleiro da esperança”, personificação dos ideais da regeneração do Brasil. Prestes tornou público um manifesto, em maio de 1930, onde declarava sua adesão ao marxismo-leninismo e à causa do proletariado. Sua opção certamente influenciou muitos grupos, que o tinham como maior líder popular do país⁸⁸.

Ao mesmo tempo em que houve um aumento de adeptos do comunismo no Brasil, houve um aumento significativo de adeptos do anticomunismo, especialmente na imprensa jornalística⁸⁹. E com a Intentona Comunista de 1935, os anticomunistas conseguiram a prova real que havia no país um movimento perigoso, pensado pelos seguidores de Marx, financiado pela Rússia, liderado por Prestes e que colocava em perigo a ordem social.

A grande imprensa jornalística brasileira representou o levante com características da suposta “maldade vil” que compunha o comunismo vermelho. Na versão oficial do Estado de Vargas e dos jornais, durante os quatro dias de levante, Prestes e seus seguidores cometeram várias atrocidades, como assassinatos em massa e de militares dormindo, exatamente como eles haviam aprendido com os comunistas de Moscou, embora no inquérito, dirigido pelo delegado do Rio de Janeiro Belles Porto, nada tenha sido mencionado pelas testemunhas sobre tais atrocidades.

⁸⁶ Sobre o assunto ver: MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho* – o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: perspectiva/ FAPESP, 2002.

⁸⁷ HALLIWELL, Jack C. “Luz sobre o comunismo”. Folha do Norte, Belém, 09 de janeiro de 1936, p. 02.

⁸⁸ Idem, op. cit, p. 9.

⁸⁹ Segundo Sá Motta, não apenas nos jornais das grandes cidades como São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, mas também na publicação de livros, encontramos um grande crescimento dos anticomunistas.

O episódio da Intentona fez com que o comunismo passasse a ser um perigo real no Brasil, e Prestes a sua tradução física. Assim, o anticomunismo passou a ter um apelo muito mais forte, sensibilizando grande parte da sociedade, especialmente a que estava satisfeita com o governo Vargas e que tinha pouco ou nenhum conhecimento sobre a filosofia marxista e o governo que de fato havia sido implantado na Rússia com a chegada de Lênin ao poder. A partir de 1935 os anticomunistas alertavam diariamente a sociedade brasileira nos jornais: se os comunistas não fossem detidos, eles cometeriam novas atrocidades. E Luiz Carlos Prestes, na versão dos jornais, passou de “Cavaleiro da esperança a dinamiteiro”.⁹⁰

FOTO 6: Folha do Norte propagandeando a mudança de “personalidade” de Prestes: da esperança de libertação popular, passou a agente do comunismo “maligno” de Moscou.



Fonte: “Luiz Carlos Prestes: De cavaleiro da esperança a dynamiteiro”. Folha do Norte, Belém, 28 de janeiro de 1936, p. 01. CENTUR, sala de microfilmagem.

⁹⁰ “Luís Carlos Preste – De cavaleiro da esperança a dynamiteiro”. *Folha do Norte*, Belém, 18 de janeiro de 1936, p.01.

Foto 7: Movimento anticomunista na imprensa paraense.

de Macahyba foi ocupada
losos — O governo procura
desalojar-os dali

O governo hontem
mesmo sancionou
a resolução parla-
mentar

O governo da Republica conta com o apoio das
forças de terra, mar e ar e a solidariedade
moral do povo brasileiro

**Contra os comunistas de Natal vae ser organizado um
ataque fulminante, de que participará uma esquadrilha
aérea de bombardeio**

**A opinião publica no Rio e nos Estados prestigia a acção do governo,
condemnando a aventura impatriotica**

Uma proclamação do general Manuel Rabello

quimos a confiança de tudo. Os
sargentos e cabos do 21.º B. C., com
sade em Natal, cerca das 23 horas
da noite de sábado, conseguiram
sublevar as praças do batalhão,
presidência a officialidade e tomam
do conta das reparações, fote-
racs, parecendo ter deposto o go-
vernador Raphael Fernandes.

A recolta era de caracter extre-
mista. Foram cortadas as comu-
icações telegraphicas, de modo
que não ha nenhuma prebta do



Lima, 26 de novembro de 1935. O governo da Republica tomou

24:000\$000 em cada

Fonte: "Contra os comunistas de Natal vae ser organizado um ataque fulminante, de que participará uma esquadrilha aérea de bombardeio". Folha do Norte, Belém, 26 de novembro de 1935, p. 01. CENTUR, sala de microfilmagem.

FOTO 8: Movimento anticomunista na Folha do Norte.

FOLHA DO NORTE

ocorrer na Escola de Aviação, onde foi morto um avião que
dormia. Segundo se sabe, somente amanhã o projecto será sub-
mettido à Camara, depois do reuñão da commissão do Consti-
tuição e Justiça, para tanto já convocada. (A. U.)

Brasil — Estado do Pará — Belém
Terça-feira, 3 de dezembro de 1935

Gerencia e Officinas — Rua da Industria, 97
Redacção: Avenida Cassiano Franco
(antigo boulevard da Republica) 154

TELE-
PHONES

Gerencia, 1-2-0-4; Redacção, 1-9-44
Reportagem, 4-2-0; Officinas, 3-2-0
CAIXA POSTAL, 489

OLHA

A rebelião comunista do Rio de Janeiro

estern) s "Ita-
n o ar-
le da
que se
famili-
tafora.

Em São Paulo o plano não surtiu effeito, sendo presos varios dos seus agitadores
— Generaes em conferencia collectiva no Ministerio da Guerra — A exoneração
do sr. Anisio Teixeira e de outros seus auxiliares — Quaes os officios do 3º R.
I. que ficaram fieis ao governo — O presidente da Republica no H. C. E., em vi-
sita aos feridos — Exequias por alma dos que morreram no levante — Carlos Pres-
tos em São Paulo

RIO, 2 — Iniciou-se, hontem, propriamente, o trabalho da policia na apuração dos acontecimentos. Como se sabe, por acto do presidente da Republica foi nomeado um delegado com aquella attribuição especial, qual a de Instaurar e presidir o inquerito relativo à sedi-

sidencias desses individuos, nas buscas que têm sido dadas pela policia. Entre os documentos apprehendidos ha alguns de grande importancia, os quaes estão merecendo especiaes atenções da policia. (A. U.)

tonio Coimbra, chegado hontem ao Rio, procedente do norte. Coimbra foi recolhido à Detenção. Também foi preso a bordo do "Iberá", o sr. Waldemar Piedade Cardoso, conhecido agitador em Aracaju. (A. U.)



Fonte: "A rebelião comunista no Rio de Janeiro". Folha do Norte, Belém, 03 de dezembro de 1935, p. 01. CENTUR, sala de microfilmagem.

FOTO 9: Como os demais jornais da grande imprensa do Brasil, a Folha do Norte divulgava diariamente a versão de Preste como o grande inimigo comunista da sociedade, financiado por Moscou.



Fonte: “200 MIL DÓLARES - foi quanto recebeu Carlos Prestes para financiar as intento nas communistas verificadas no Brasil”. Folha do Norte, Belém, 04 de dezembro de 1935, p. 01. CENTUR, sala de microfilmagem.

É óbvio constatar que quem mais lucrou com o pânico gerado pelo levante foi Vargas. Com a Intentona, Vargas conseguiu reformar a Lei de Segurança Nacional e acabar com a oposição legal da Aliança Nacional Libertadora (ANL). No projeto apresentado no Congresso Nacional para reformar a Lei, dentre outras medidas de exceção, os “maus elementos” do Exército seriam rigorosamente punidos⁹¹; os funcionários públicos civis não poderiam mais se filiar em partidos, centros, agremiações ou juntas proibidas pelo artigo 30 da lei n. 38 de 04 de abril de 1935, sob pena de exoneração do cargo; os jornais não poderiam mais incitar o leitor a se sublevar contra o governo ou as forças armadas da União, pois seriam apreendidos e proibidos de circular⁹². Com a Lei reformada e o pânico anticomunista instalado na sociedade, Vargas fortaleceu o seu governo, a tal ponto que em 1936 pediu a Câmara a prorrogação do Estado de guerra por mais 90 dias, apresentando para isso duas razões: primeiro, se aproximava o julgamento dos comunistas insurgentes de 1935 e em

⁹¹ “Estigmatizando a rebeldia”. *Folha do Norte*, Belém, 05 de dezembro de 1935, p.01.

⁹² “Será severa e exemplar a punição dos culpados – declara à imprensa o ministro Vicente Ráo – o governo não terá contemplação com quem quer que seja”. *Folha do Norte*, Belém, 06 de dezembro de 1935, p. 01.

FOTO 11: A sociedade civil representada pelo senado apoia Vargas na repressão ao comunismo e no fim das liberdades constitucionais.

Folha do

ANNO -- XXXIX
NUM. 14.527

Jornal da manhã, quotidiano e independente
Director-gerente -- PAULO MARANHÃO

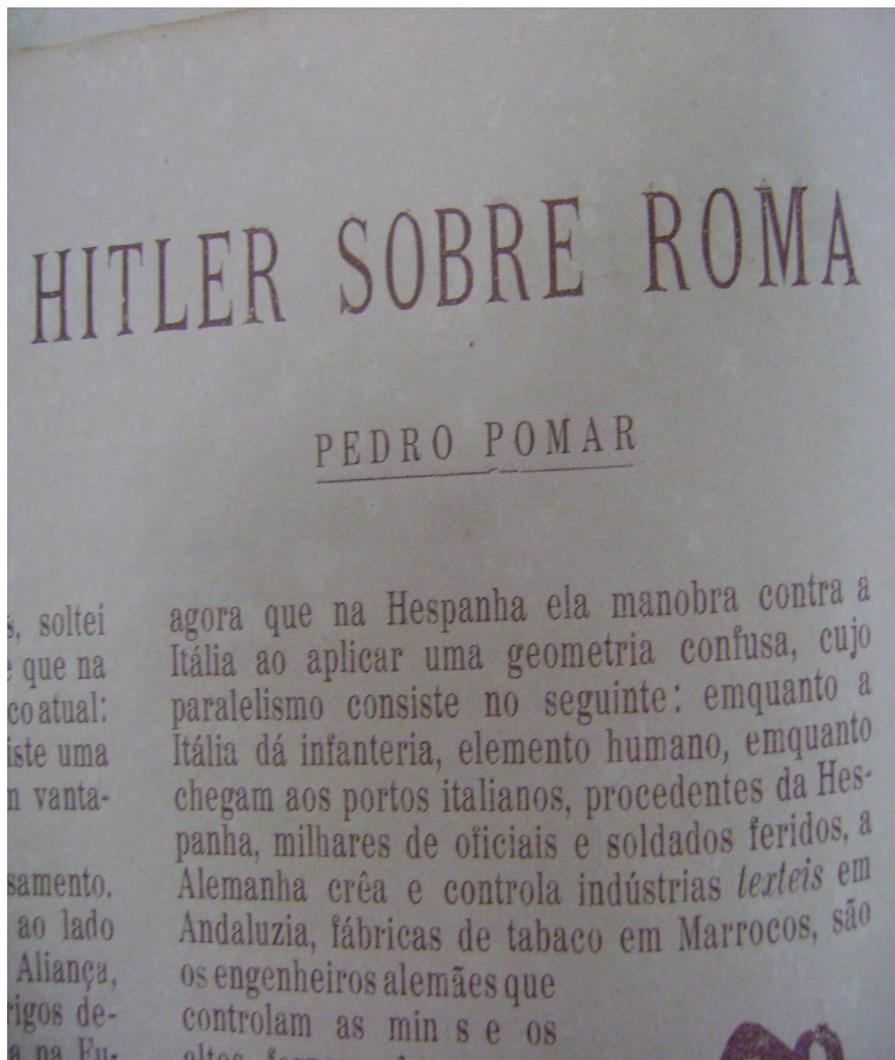
8

ESTADO DE SITIO E ESTADO DE GUERRA

O Senado da Republica tambem approva por grande maioria as medidas que o governo suggeriu para a repressão do communismo no Brasil

Fonte: Folha do Norte, Belém, 23 de dezembro de 1935, p.01. CENTUR, sala de microfilmagem.

FOTO 12: Artigo de Pedro Pomar escrito para os modernistas da revista Terra Imatura.



Fonte: POMAR, Pedro. 'A marcha de Hitler sobre Roma'. *Terra Imatura*. Belém, nº5,p.s/n, 1938. CENTUR, sala Haroldo Maranhão.

FOTO 13: capa da revista Terra Imatura de setembro de 1939, dedicada à 2ª Guerra Mundial.



Fonte: Terra Imatura, Belém, nº10, 1939. CENTUR, sala Haroldo Maranhão.

2.3. Dalcídio Jurandir, o comunista de ação a serviço da inteligência e da cultura.

Dalcídio Ramos Jurandir nasceu na Ponta de Pedras, Ilha do Marajó, em 10 de janeiro de 1909. O pai, Alfredo Nascimento Ramos, era um militar, filho de portugueses, e a mãe, Margarida Ramos, dona-de-casa, parteira e tecelã, filha de ex - escravos⁹⁵. Em 1910 a família se mudou para a Vila de Cachoeira do Arari, onde Dalcídio passou a sua infância ao lado de seus muitos irmãos, pois ele fazia parte do segundo casamento de seu pai, que era viúvo da primeira esposa.

⁹⁵ Informações obtidas na obra: NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon. *Dalcídio Jurandir* – Romancista da Amazônia, literatura e memória. Belém: Secult, 2006.

Dalcídio sofreu grande influência dos pais. Na infância, aprendeu as primeiras letras com a mãe e logo se tornou freqüentador dos livros de seu pai. Dona Margarida era parteira, tecelã de redes, muito generosa e querida pelas senhoras de Cachoeira. Senhor Alfredo fora militar nomeado “Capitão Quartel Mestre do Comando Superior da Guarda Nacional” da comarca de Ponta de Pedras, em 1891. Em Cachoeira, além de Secretário da Intendência Municipal, Alfredo advogava e era tipógrafo, produzindo o jornal da vila, *A Gazetinha*⁹⁶.

Em 1922, então com treze anos, Dalcídio se muda para Belém, objetivando terminar o primário e ingressar no ginásio. Em 1925, aos dezesseis anos, já é um dos diretores da revista “artesanal” *Nova Aurora*. Frequenta o Ginásio Paes de Carvalho, mas não chega ao terceiro ano. A partir de 1927, ele se torna autodidata.

Em 1928 se torna amigo do Dr. Rainero Maroja, que o ajuda na sua formação lhe emprestando vasta bibliografia, que tinha nomes como: Cruz e Sousa, Augusto dos Anjos, Fialho, Castilho, Guerra Junqueira, Balzac, dentre outros literatos. Nesse mesmo ano, vai tentar a vida no Rio de Janeiro, mas como é uma experiência infeliz, volta a Belém, em 1929, quando Maroja, então Intendente Municipal de Gurupá, nomeia Dalcídio Secretário do Tesouro. Em 1930 ele abandona o emprego e vai trabalhar num barracão comercial de propriedade de Paes Barreto. Em 1931 retorna a Belém e, por indicação de amigos, vai trabalhar como auxiliar de gabinete da Interventoria do Estado. Torna-se colaborador dos jornais *O Imparcial*, *Crítica* e *Estado do Pará*. É em 1933 que consegue o cargo que almejava, o de Segundo Oficial na Diretoria Geral de Educação e Ensino Público do Estado do Pará, e em 1935 já participa ativamente da vida intelectual da cidade, escrevendo nas revistas *Guajarina*, *A Semana* e *Pará Ilustrado*, tendo vários amigos escritores e jornalistas. É também neste ano que ele se casa com Guiomarina Luzia Freire.

Em 1936, quando nasce seu primeiro filho, Dalcídio é preso aos 27 anos, passando dois meses encarcerado por ter participado do movimento da Aliança Nacional Libertadora. Em 1937, quando do nascimento do seu segundo filho (o primeiro morreu nove meses após o seu nascimento), o literato é novamente preso, passando três meses no presídio São José, devido à sua filiação no *Partido Comunista* e à campanha que empreendeu contra o fascismo. Nas cartas que escreveu para a sua esposa da prisão em 1937, afirmou que a polícia não sabia ao certo por que o tinha prendido e que o chefe de polícia sabia que a sua prisão tinha sido injusta, produzida por pessoas que o literato desconhecia a identidade, mas que o odiavam.

RIO, 27 – Recebendo o pedido de “habeas corpus” formulado pelo senhor João Mangabeira a favor dos intelectuais comunistas, o juiz da segunda vara, sr. Castro Nunes, baixou despacho, declarando que quanto a apresentação dos pacientes, pela

⁹⁶Idem, op. cit, p. 24.

qual insistem os impetrantes, deixa de determiná-la atendendo aos motivos, apresentados pelo chefe de polícia. Entretanto, como está na alçada do juiz dispensar essa formalidade, é forçoso adaptar a providencia de ir pessoalmente ao presídio ou presídios onde se encontram os pacientes. Em consequência determinou que se oficiasse ao chefe de polícia requisitando preliminarmente informações sobre os locais onde se acham os pacientes detidos a fim de que se possa ele ir terça-feira, às 14 horas, ouvi-los⁹⁷.

Dalcídio, em todas as áreas que atuou, como funcionário público, jornalista, crítico literário, poeta e romancista sempre foi um militante político de esquerda. Criticou profundamente a classe dominante, que ainda buscava oprimir econômica e politicamente os homens de letras, assim como a grande imprensa. Esta, no momento da vida brasileira, estava apenas empenhada na luta anticomunista, pois recebia grandes somas de dinheiros dos reacionários de direita para tanto. A imprensa não se preocupava mais em noticiar “verdades” ou eventos importantes da inteligência nacional. Tal crítica dalcidiana se referia, em parte, ao Congresso dos Escritores de Belo Horizonte, que não foi noticiado pela grande imprensa.

Já se falou que no Congresso os comunistas foram derrotados. E ainda foi só assim que os grandes jornais puderam dar algumas linhas e abrigar artigos a respeito do Congresso (...). Não se trata de um Congresso a favor ou contra o comunismo, mas de um congresso de escritores que refletiam o estado de espírito do Brasil atual no seu aluvião de idéias e tendências, nessa fermentação escura e dramática da qual devemos sair amanhã quando nos libertarmos do atraso e da ignorância, da velha opressão semi feudal e dos bancos estrangeiros. E porque não foi um Congresso anticomunista, os grandes jornais a serviço do anticomunismo tiveram que silenciar⁹⁸.

Dalcídio era um comunista que acreditava na democracia e, para que ela existisse, era necessário haver a vitória, sempre, da inteligência e da cultura. Ele não agia em função de um partidarismo burguês desligado do que ocorria no tempo presente, ele e seus companheiros comunistas eram de um partido político que “se integrava profundamente em todas as atividades humanas e vê para onde segue o curso do grande rio humano”⁹⁹.

O literato afirmava que, embora leitor de Marx, só conseguiu entendê-lo através da sua própria militância no partido, na vida, na literatura do tempo em que vivia. Foi lutando pela liberdade em todos os seus aspectos, através de ações cotidianas, do seu engajamento político, da troca de experiências com outros companheiros, que ele pôde aceitar que também era responsável por lutar pela liberdade de todos os cidadãos. Foi na sua luta experienciada e

⁹⁷ “A questão do habeas-corpus para os intelectuais comunistas”. Folha do Norte, Belém, 27 de janeiro de 1936, p. 01.

⁹⁸ JURANDIR, Dalcídio. O Silêncio da Imprensa Sobre o Congresso dos Escritores. Literatura, Rio de Janeiro, ano 2, n.6, out/dez. 1947. In: NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon, op.cit., p.85.

⁹⁹ JURANDIR, Op.cit., p.85.

na leitura do *Manifesto Comunista* que ele percebeu a importância da ação coletiva para que se possa mudar as condições de miséria e opressão dos povos do mundo todo.

E é por isso que, como a Bíblia, e talvez mais do que a Bíblia, o Manifesto Comunista é um dos livros mais lidos e amados da humanidade e o será em maior extensão e profundidade à medida que os povos multiplicarem as suas lutas e se banharem na luz que o Manifesto projetou sobre as trágicas e milenárias cavernas da ignorância, da miséria e do sofrimento humano¹⁰⁰.

Em 1938, após o período que ficou preso, Dalcídio reassume o cargo na Secretaria Geral de Educação e Ensino de Belém e passa a se dedicar mais intensamente ao jornalismo. Em 1939 vai para Oeiras e depois Salvaterra, na ilha do Marajó, como inspetor escolar, mas não abandona o jornalismo, função que continua exercendo através da colaboração em jornais e revistas, como podemos destacar sua participação em *Terra Imatura*. Na década de 1940, Dalcídio desponta como grande romancista da Amazônia e literato engajado, sempre denunciando as dificuldades enfrentadas pelo intelectual do Norte para escrever e editar seus romances.

¹⁰⁰ Idem. “Sobre o centenário do “Manifesto Comunista”. Literatura, Rio de Janeiro, ano 3. n 7, jan./fev.1948. In: NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon, op.cit., p. 86.

CAPÍTULO III

3. Indivíduo, História e Literatura.

O mundo da ficção ainda é o melhor dos mundos possíveis. Embora duro de viver.

Vicente Sales.

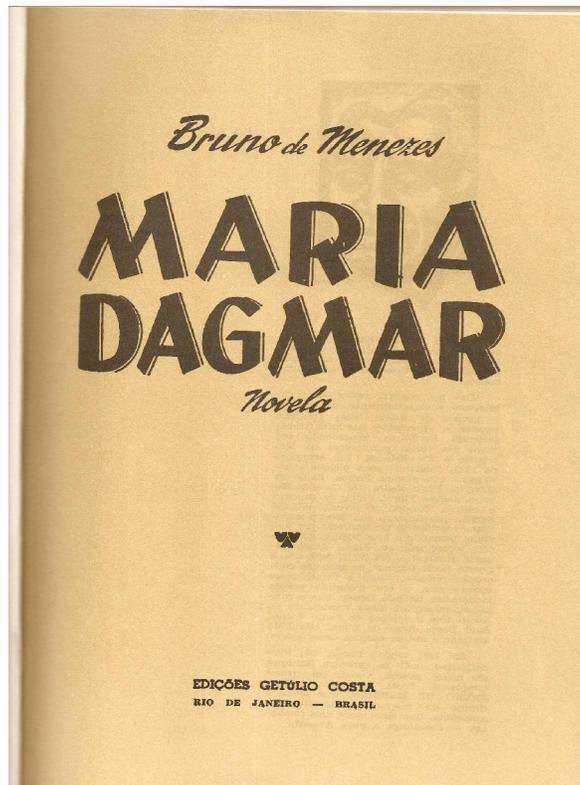
Na literatura modernista paraense, que despontou em 1923 com a revista *Belém Nova*, as buscas pela revolução estética e pela revolução na política e na sociedade estavam ligadas intrinsecamente. Ao entrarmos em contato com a literatura de Bruno de Menezes, aclamado como o maior literato da geração do peixe-frito (1923) e com a literatura de Dalcídio Jurandir, expoente incontestado da geração remediada (1930), percebemos as lutas sociais que ambos traçaram em prol de uma sociedade justa, igualitária, livre da opressão do sistema capitalista. Ambos literários elegeram como seus heróis a gente comum, fosse nos subúrbios de Belém, na estrada de ferro de Bragança ou nos campos miseráveis e encharcados do Marajó. Por trás dos indivíduos sofridos que superavam as adversidades cotidianas, estavam as mazelas sociais, que eram mundiais, consequência de um sistema feito para beneficiar poucos, mas que eram descritas com “cores” e “cheiros” caracteristicamente nossos. O caboclo, a mulata, a prostituta, o barqueiro, o tuberculoso, o imigrante, todos os vitimizados pelo sistema, também eram agentes, e contribuía para mudar a sua pouca sorte. Os heróis de Bruno e Dalcídio, como característico do modernismo, eram também anti-heróis, uma vez que os males do meio em que viviam despertavam seus instintos animais.

Na literatura moderna dos maiores do Pará não existia indivíduo bom ou ruim, existia uma luta diária pela sobrevivência, existia a denúncia da calamidade em que vivia a maioria da população paraense, existiam as experiências de vida de dois meninos pobres e mulatos, existia a influência filosófica do materialismo histórico e dos movimentos sociais de que ambos participavam.

3.1. Bruno de Menezes e os excluídos sociais.

Bruno de Menezes é autor de uma vasta obra que inclui poemas, folclore, novela e romance. Em sua novela *Maria Dagmar*, publicada na revista *Belém Nova* (1923-1929) e editada como livro pela primeira vez em 1950, há uma grande preocupação com as injustiças sociais que a modernidade impunha aos menos favorecidos. Embora o foco seja a terra e a gente paraense, a novela parte de um tema de preocupação universal e contemporânea: as dificuldades econômicas como sendo o fator principal que impelem as mulheres das classes pobres a se prostituírem. Somente a melhor distribuição da riqueza no mundo, nos deixa claro o literato, poderia resolver este problema. Ou seja, a prostituição ainda era vista no mundo com preconceito, estigmatizando as mulheres, que teriam escolhido essa vida porque quiseram, e deviam pagar por isso, sendo alijadas do todo social. Bruno, embora mostre o preconceito que Dagmar sofria socialmente, não a descreve de forma preconceituosa, muito pelo contrário: ele a insere dentro de um contexto de necessidades que a levaram a tomar esse caminho. Dagmar é uma heroína e não uma vilã.

Foto 14: Capa original da novela de Bruno de Menezes.



Fonte: MENEZES, Bruno. *Obras completas*. SECULT, 1993.

Segundo o modernista no prefácio da edição de 1950, Maria Dagmar é uma “criatura de símbolo”, a heroína de uma geração que ainda sobrevivia. Dagmar, moça linda, virgem, religiosa, pobre e romântica sonhava em encontrar “alguém digno e viril, que a ame além da vida e fique o único, o senhor, o donatário de seu corpo e de sua alma¹⁰¹”. Porém, as condições do meio, com sua família pobre, endividada e doente, e um insistente e rico galanteador a levaram a escolher o caminho do concubinato, a vender sua mocidade em troca de uma vida de luxos.

Os senhores burgueses acham que ela deve ter caderneta sanitária, com atestados de isenções infecto-contagiosas. E que deve fazer essa mulher? Não foram eles que lhe criaram esta situação, que a colocaram nesse nível, obrigando-a a se refugiar num covil suburbano, para onde a sociedade a escorraçou? (...) O destino já pontuou o epílogo do ciclo terreno de Dagmar com seus esplendores e as suas descaídas, como o dessas toleradas, que entre beijos mortos e lascívias abomináveis, seduzidas pelo amor, vendem o amor, sofrem pelo amor e morrem esquecidas pelo amor. Olhem lá, vejam bem! Maria Dagmar é um símbolo... Ela vai passando por nós...¹⁰².

O homem que seduz Dagmar, que desfrutou de sua inocência e mocidade, que a envolveu pelas suas necessidades materiais, era o grande vilão da novela do nosso literato. *Ardiloso*, ele se vale das fraquezas de Dagmar e de sua família de “miseráveis”, passando a ajudá-los, “com ares de filantropo”, fingindo-se generoso. Nossa heroína se entrega ao concubinato, “mas tem uma alma boa”, intocada pelas mazelas cotidianas, sempre pensando na sua situação penosa, no quanto vive em pecado. Sabe que “os vizinhos e as amigas da família” só a tratam bem porque está “bem instalada” e porque pode ajudá-los em suas necessidades materiais – a alma boa de Dagmar é incapaz de negar ajudar aos aflitos – mas tem plena consciência de que por trás eles a julgam, a desprezam. A própria Dagmar, condicionada pelos preconceitos da sociedade em que vive, se vê como inferior, sabe que nunca mais vai poder casar, seu grande sonho de vida, pois quem vive em pecado como ela, quem sucumbiu às tentações materiais, não tem mais esse direito. Religiosa, não tem coragem de se confessar, tamanho são seus pecados.

Mas a situação de Dagmar ainda tendia a piorar. Chegou o dia em que o homem-vilão se cansa dela. “Aparentando uma serenidade de mártir, Dagmar aguarda, impassível, o

¹⁰¹ MENEZES, Bruno. “Maria Dagmar”. In: MENEZES, Bruno. Obras completas. SECULT, 1993, p. 39.

¹⁰² Idem. Ibid., p. 86-87.

desencadear da tormenta, a fúria devastante do perigo iminente. Seria o que Deus quisesse...”¹⁰³ E o desfecho é o abandono de Dagmar, enquanto o homem vai desposar de outra, por dinheiro. Nossa heroína se vê abandonada, sem honra, sem dinheiro, ainda tendo que sustentar a família, os vizinhos e amigos que, antes fingiam lhe aceitar, agora “riem na sua cara”, enquanto passa por necessidades. Ela tenta alguns caminhos antes da prostituição de fato, mas não existe outro caminho para uma mulher pobre, mal-vestida, mulata, ex-amasiada. “O mundo corrompeu Dagmar ”, nos diz Bruno de Menezes.

As suas necessidades se avolumam. O ganho pelo feitio de algumas costuras, o dinheiro desse ou daquele homem, desapareciam na voragem das aperturas cotidianas, do aluguel da barraca. E o que Dagmar veste, o que come, com os de casa, o que calça, o que aparenta, para não se confundir no rameirismo das raparigas fracassadas?¹⁰⁴

Enquanto o literato a absorve, Dagmar acredita que nasceu para sofrer, não merece o perdão de Deus, nem dos homens por ter escolhido essa vida desgarrada. Por isso ela não é capaz de suscitar nos homens paixões duradouras, só fulgazes. Não se mata, porque “seu corpo veneziano ” é o único modo de sustentar sua família. Mas já não crê mais em nada, nem mesmo em Deus. “Repugna-lhe o fraco meretrício ”.

Já nosso modernista a descreve como sendo um ser humano como todos os demais, com suas peculiaridades, com fraquezas e bravuras. Segundo ele, Dagmar era uma mulher orgulhosa, valoriza-se. Mesmo praticando a prostituição não se vulgariza, não abre a porta para qualquer um – mesmo necessitando do dinheiro –, não permite que sua família passe por constrangimentos. Mudou-se para os afastados lugares em que a cidade esconde as suas convenções, em respeito à sua família, às moças honestas e aos homens de bem.

É assim, prostituta, mas digna, que os anos de Dagmar passam e ela se pega a envelhecer. E o fim de Dagmar, apesar de sua alma pura, é o fim reservado pela sociedade às mulheres que praticam esse ofício há séculos. A modernidade ainda não era capaz de compreender as mazelas que levavam mulheres como nossa Dagmar a adentrar nesta vida nada fácil.

Mas o destino já pontuou o epílogo do ciclo terreno de Dagmar com seus esplendores e as suas decaídas, como o dessas toleradas, que entre beijos mortos e lascívia abomináveis, seduzida pelo amor, vendem o amor, sofrem pelo amor e morrem esquecidas pelo amor...

Olhem lá, vejam bem! Maria Dagmar é um símbolo... Ela vai passando por nós...¹⁰⁵

¹⁰³ Ibid., p. 58.

¹⁰⁴ Idem. p. 67.

¹⁰⁵ Idem. p. 87.

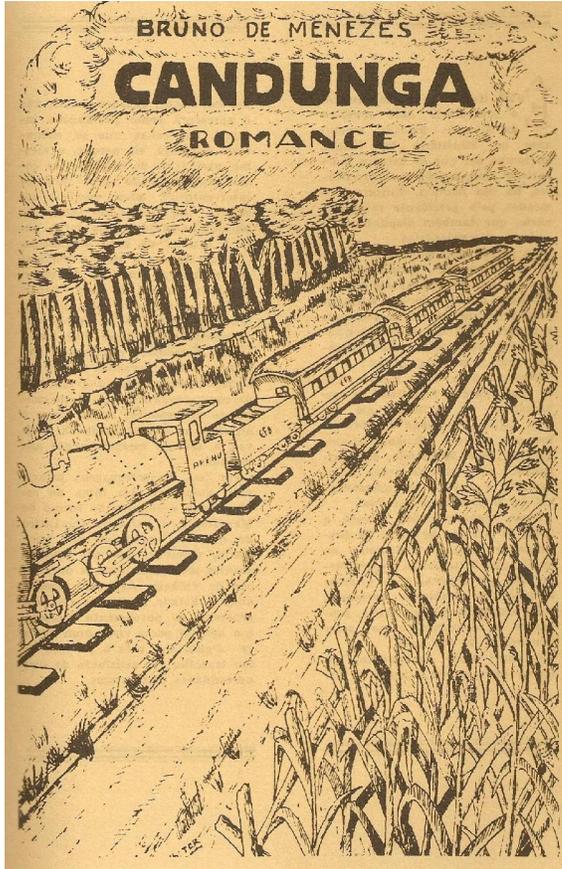
Dagmar é o símbolo de que, embora para Bruno de Menezes nossa sociedade seja feita de gente diferente, que apesar de viver fora dos padrões estabelecidos, tem seus valores, essa própria sociedade, que se julgava tão moderna em meio à selva amazônica, ainda não conseguia ver no diferente, no fora do padrão social, qualidades como as da sofrida Maria Dagmar. O literato, no início do modernismo paraense, mostra todo o seu talento e apreço pelo outro, ao eleger como heroína de sua novela uma mulher pobre, mulata, com inúmeros valores – beleza, bondade, honestidade, orgulho, amor ao próximo – que acabou se prostituindo por não encontrar uma alternativa numa sociedade de poucos, feita para poucos iguais.

Candunga, romance que Bruno editou em 1954, descreve a expolição que o imigrante nordestino sofria na zona bragantina. Descrição com toda a propriedade de detalhes de alguém que conhecia de perto o problema e que em 1947 apresentou um trabalho sobre o estabelecimento de um plano cooperativista na região bragantina para o governo do Estado¹⁰⁶, além de denunciar constantemente nos jornais o que ocorria de fato na região.

Bruno, sempre preocupado com a felicidade dos homens e com o aproveitamento racional por esse homem da terra que lhe pertencia de direito – embora, na grande maioria das vezes, não de fato – se envolveu nas causas agrícolas do Pará. Em 1952 representou o Estado na primeira reunião de chefes de “Agências e Serviços de Economia Rural”, onde atuou como secretário da comissão diretora e presidente da subcomissão do vale da Amazônia, apresentando vários trabalhos. Nessa época, também fomentou a fundação de “clubes agrícolas” em estabelecimentos escolares da capital e do interior. Em 1955 participou da terceira concentração ruralista no Piauí, foi secretário da Federação dos Pescadores do Pará (1952-55), representou no Pará o Centro Nacional de Estudos Corporativistas, organizou, dirigiu e ministrou ensinamentos no “curso prático de corporativismo” promovido pela Federação das Associações Rurais do Pará, onde exercia o cargo de assistente técnico, e foi coordenador de professor do curso de “crédito rural para a Amazônia”, patrocinado pelo Banco de Crédito da Amazônia, em 1962.

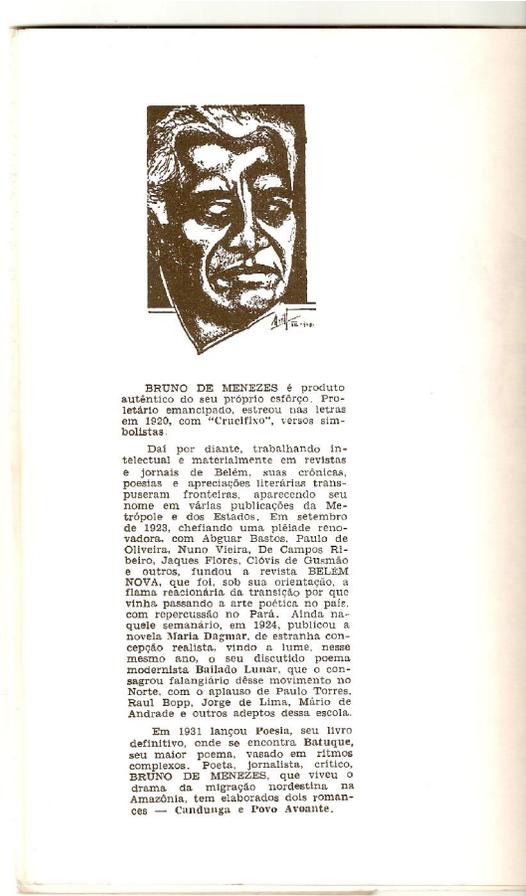
¹⁰⁶ ROCHA, Alonso. “Bruno de Menezes”. In: *Asas da Palavra* – revista da graduação em letras. Belém: Unama, v.10, nº 21, 2006.

Foto 15: Capa original da novela
Candunga



Fonte: MENEZES, Bruno. Obras completas.
SECULT, 1993.

Foto 16: Contracapa original da novela
Candunga.



Fonte: MENEZES, Bruno. Obras completas.
SECULT, 1993.

Na contracapa do livro há uma breve apresentação afirmando que *Candunga* foi idealizado e escrito pelo literato em 1930, quando os Estados brasileiros eram governados por interventores e os nordestinos sofriam mais do que nunca com a seca. O ministro da agricultura havia criado um programa oficial para trazer famílias de nordestinos para Belém, para trabalhar nas margens da Estrada de Ferro de Bragança, com um auxílio complementar da interventoria estadual. Ainda nesta apresentação, afirma-se que Bruno de Menezes não apresenta *Candunga* como uma obra de ficção integral, pois ele participou de comissões para serviços no setor de imigração, no tempo em que levas de nordestinos migraram para a Amazônia, cumprindo as determinações do governo interventorial.

Na leitura do livro encontramos todo o idealismo romântico de Bruno na figura do agrônomo doutor Romário, responsável por dirigir o núcleo colonial agrícola para onde os retirantes estavam sendo levados. O agrônomo, caracterizado pelo poeta como um homem pobre, que venceu na vida pela sua inteligência e determinação, criticava o capitalismo e condenava “o artifício da valorização, da superprodução, por meio da distribuição do excesso de produtos, enquanto massas de camponeses e proletários definham e morrem à míngua de alimentação¹⁰⁷”.

Romário comprou briga com os comerciantes responsáveis por abastecer de alimentos os nordestinos que chegaram para trabalhar na Estrada de Ferro, uma vez que os “grandes” do lugar enganavam os camponeses com o antigo sistema de aviamento usados desde os tempos áureos da borracha. O literário denuncia:

Essa forma de negócio se tornara hábito comum. O agricultor não dispõe de crédito e nem de capital para a produção de suas culturas. Precisa comer, vestir, comprar remédios, solver compromissos, manter a família e ainda cultivar a terra com as lavouras costumeiras. Recorrer, sem outros recursos, aos comerciantes, que o seu vem como um favor, abrindo-lhes conta no estabelecimento sob a garantia da colheita que rende o roçado.

O desgraçado não vê outra saída senão ceder e comprar tudo fiado, para pagar a safra. Desde então os produtos não são mais dele, estão empenhados na “folha”, antes de serem colhidos.

No caderno do comerciante as parcelas se multiplicam e quando chega a época da colheita é ele quem faz os preços, quem recebe as cargas dos produtos dos colonos, para crédito dos débitos contraídos. Ninguém escapa a este jogo. O mais difícil é haver saldo credor; infeliz de quem desvie uma saca de cereal, ou de farinha, para vender na feira, sem consentimento dos açambarcadores.

A exploração é organizada, garantida pelos chefões e os preços dos gêneros, para o consumidor rural, são elevados sem controle e sem piedade¹⁰⁸.

É com um sentimento de justiça que o alter-ego de Bruno vai procurar resolver os problemas dos colonos, mesmo que isso custe a sua própria vida. Ele cria a “Colônia Agrícola Modelo”, conscientiza os nordestinos que aquelas terras são deles, doadas pelo Estado, e que os comerciantes não passam de aproveitadores, que os enganam e roubam as suas safras.

Nessa luta, Romário conhece a família de Candunga. Gonzaga, o patriarca, 60 anos, apresenta, segundo o poeta, a fisionomia sofrida de todos os retirantes nordestinos; sua esposa Tereza, uma alma resignada e conformada com a sua pouca sorte, acredita que o pobre nasceu para sofrer e que nada mudará essa situação; Assunção, irmão de Tereza, criatura que sofreu com a mudança para Belém, desnutrida, viu seu avô definhar até morrer e foi violentada por um desconhecido, até ser encontrada e salva por Candunga; Candunga,

¹⁰⁷ MENEZES. “Candunga”. In: MENEZES, Bruno. Obras completas. SECULT, 1993, p.132.

¹⁰⁸ Idem. Ibid., p. 115-116.

afilhado de Gonzaga, defende a família com bravura, não se nega ao trabalho, por mais duro que seja, e é apaixonado por Assunção. Com o tempo, vai se tornar o braço direito de Romário na criação da Colônia Agrícola; e Ana e Josefa, as duas belas filhas de Gonzaga, de 16 e 17 anos, que vão se encantar com a vida na vila, agitada, alegre, onde são cortejadas e onde não há os duros trabalhos do mato, os mosquitos e insetos. O deslumbre das duas meninas vai ter consequências trágicas para a história de vida dos demais familiares: leva a mãe ao infarto e o pai a se tornar um assassino procurado. Essa família, antes da desgraça se abater, é um exemplo das famílias de migrantes nordestinos, sofridos, espoliados, trabalhadores que vieram para o Pará com a ideia de que esta era a “terra da Promissão”.

Os inimigos de Romário são João Portuga, Salomão Abdala e Minervino Piauí, que monopolizam a atividade comercial do povoado e se dizem donos de todas as terras e dos trabalhos dos imigrantes nordestinos. Há também os capatazes João Deodato e Isidoro Malaquias. Todos estes, juntos, vão se revoltar contra o agrônomo enérgico e corajoso, chegando ao ponto de tentar matá-lo, mas “Romário não afrouxava, não recuava, num finca-pé seguro”¹⁰⁹, e a situação para os “magnatas” do lugar fica muito complicada.

Romário relata o ocorrido ao interventor do Estado, que se revolta: “- Quero a abertura de um inquérito policial rigoroso!- E mais enraivecido: - Ah, esses galegos, esses “coronéis” da roça, só mesmo todos na cadeia! Pensam que a revolução foi feita para isso, mas se enganam!”¹¹⁰

É o literato escrevendo sobre a revolução de 1930, na qual depositou suas esperanças nos primeiros tempos, e sobre o nosso interventor Magalhães Barata. Não entra numa discussão acerca dos acertos e erros da revolução, nem se esta foi boa ou ruim para as classes mais desfavorecidas do país, apenas analisa o temperamento impulsivo do militar, que ao entrar em contato com o relato de Romário, deu ao agrônomo todo o seu apoio, para que este fizesse justiça no interior do Pará. Bruno deixa escapar discretamente que o interventor era um homem justo, embora cercado por pessoas de caráter duvidoso.

Os mandantes do crime são presos, todos levados para Belém. É quando Bruno nos conta que ao redor do interventor, no seu círculo partidário, estão elementos manipuladores.

Eram os comensais, os amigos do peito, os bajuladores, os “revolucionários” de última hora, os que, com habilidade, controlavam os atos do governante. Os que faziam e desfaziam o ambiente das amizades palacianas. Os que alvitavam se havia interesse político, ou não, nos favores que a interventoria poderia conceder. Daí o dinheiro de João Portuga fazer o milagre de ser conseguida a sua liberdade, a

¹⁰⁹Idem. p. 165.

¹¹⁰Idem. p. 171.

de Minervino Piauí e de mais alguns “coronéis”, que poderiam dispor de eleitores, na ocasião precisa e fazer boas contribuições para o Partido, no futuro¹¹¹.

Mesmo postos em liberdade, eles voltam para a vila humilhados pelo interventor justiceiro e o agrônomo corajoso. A ideia de nosso interventor era justamente essa, dar a eles uma lição e depois colocá-los em liberdade, para que voltassem à colônia desmoralizados, lugar onde eles acreditavam que eram importantes.

Barata, segundo o literato, não se percebia manipulado pelos seus companheiros de partido, muito pelo contrário, acreditava que estava fazendo a coisa certa, ensinando aos coronéis a respeitar a justiça trazida pela revolução de 1930, cujo grande objetivo era justamente acabar com todos os coronéis. E o poeta termina o capítulo com o povoado da Estrada de Ferro de Bragança elogiando o interventor Barata:

- Olhe acolá, comadre Noca, seu João Portuga e seu Minervino, como estão mudados!
- É mesmo, comadre... E os outros, quem são?!...
- Disque gente graúda... Comerciantes, “coronéis”... Comeram *xadres* que não foi sopa...
- Hum, hum, comadre Noca... Esse interventor é mesmo o cão... *Hôme* duro de *roê*... Safado, gente ruim, com ele é na cadeia... Ele tem lá as suas razões, comadre. Era a língua solta do povo, tirando desforra da situação, agora favorável, contra os poderosos destronados¹¹².

Romário é fundamental na narrativa de Bruno porque para ele os nordestinos são os espoliados, incapazes de se defender dos comerciantes poderosos, dos coronéis. Eles eram as vítimas dos “magnatas” que se aproveitavam da desorganização dos trabalhadores no campo, explorando os desamparados, analfabetos. Para mudar essa situação foi preciso apenas a coragem, a honestidade e o idealismo de um único homem, o agrônomo. E o sonho do nosso poeta se realiza na sua literatura: uma nova história para os despossuídos.

Os colonos, de certo modo, haviam se identificado com a obra do agrônomo. Nota-se nas suas conversas uma consciência de emancipação.

-Seu douto, *nóis* já *sabemo* valoriza nosso trabalho. *Vamo*, com nosso dinheiro, trata nossas terras, cuida direito da nossa vida. *Queremo tê* coisa que preste. *Nóis prantava* cada safra de enche os olho e *adispois* entregava tudo na *fóia* mesmo, *pros* atravessado, *pros* comerciantes, e andava nu, doente e faminto.

¹¹¹ Idem. p. 191.

¹¹² Idem. p. 194.

-Ainda bem que vocês reconhecem isto! – responde-lhes Romário. – E voltando-se para o futuro: - Mandem os filhos de vocês à escola, que vai ser criada aqui perto. Eles precisam estudar, para serem donos desta grandeza toda! Mas, sabendo o que fazem, conhecendo os direitos de cada um.

-Ah, *seu douto, pra* isto é que não *tivemo* tempo! – declara, entristecido, um só por todos. – Nós *disconhecía* o trabalho como o *sinhô* aconselha e faz... A história, daqui pra diante, é outra...

-Quando vejo o *douto* fala bonito parece que *quarquê* milagre está *pra* acontece, *pra* nós tira da canga e da cangaia! – expressa-se um velho desiludido. – Nós, de tanto *trabaiá* com anima, já fazia de *nóis* besta de carga... Mas, parece que agora *havemo* de *sé* gente! Os nossos filhos também.

Romário considera esta argumentação: - “Eles bem que adivinham o Grande Dia! Como seria ideal se soubessem discernir o que esperavam!... O espírito da emancipação alvorecia entre eles! E chegará essa Vindoura Aurora?!... Hoje, Amanhã, Depois? Quando será esse dia?!”...¹¹³

Os trabalhos estavam concluídos, logo a presença de Romário não era mais indispensável. Este decide voltar para Belém deixando Candunga como seu representante de confiança, para que ele continuasse o seu método de trabalho e não deixasse de dar assistência aos nordestinos, encorajando-os a lutar sempre pelos seus direitos.

E todo o ideal de corporativismo, de união dos trabalhadores, de fraternidade, vem à tona em Bruno com a despedida de Romário da gente da Estrada de Ferro de Bragança:

Trabalhadores e colonos vêm deixar Romário na estação. Ele grangeara a simpatia, a estima, a gratidão daquela gente. Os pobres não passariam mais fome, nem seriam ofendidos e humilhados. Isto bastava. Não seria o fim. Mas, assim nascia o ideal de fraternidade, que prometia fazer desaparecer da face do planeta a exploração do homem pelo homem.

A máquina valentudinária faz forçar com os músculos de ferro velho. Esganiça um apito rouquenho e parte arfando, lentamente. Romário, com o coração em festa, de pé, na plataforma, acena adeuses alviçareiros, que representam a sincera mensagem, que dali para diante, eles terão de cumprir!¹¹⁴

Foi essa união dos camponeses com a coragem do agrônomo justiceiro que mudou a sorte dos nordestinos. Os colonos agora eram possuidores dos documentos de suas terras legalizadas, todas as barracas estavam regulamentadas, havia jardins bonitos, plantações de árvores frutíferas, poços de águas claras e frescas. Os imigrantes nordestinos eram donos de suas propriedades. Era a colônia agrícola modelo, idealizada por Bruno de Menezes, que a ela deu o nome de “Novo Porvir”, onde não se vendia mais colheita na folha; onde os colonos não eram mais “embromados” pela cachaça; onde, para completar o plano de progressividade

¹¹³ Idem. p. 227.

¹¹⁴ Idem. p. 228-229.

do núcleo, estava chegando posto de saúde, com enfermeiros e médicos, e uma escola com uma professora morando permanentemente na vila. “E como se consegue triunfar em uma luta desigual?” O literato revolucionário indaga o leitor e responde: depende dos homens, da sinceridade de seus sentimentos, da sua consciência e de seus princípios.

Para Bruno de Menezes *Candunga* era um “símbolo de redenção no batismo de luz” das trevas do Pará. Se o Novo Porvir ainda tardaria, era o que menos importava, o essencial já se tinha encontrado, a receita de como fazer justiça social se tornar realidade.

3.2. Dalcídio Jurandir e a perturbação humana nos campos miseráveis de Cachoeira do Arari.

Foto 17: Imagem do chalé da família de Dalcídio Jurandir em Cachoeira do Arari, Marajó, Pará.



Chalé da família de Dalcídio na cheia.

Fonte: NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon. *Dalcídio Jurandir* – Romancista da Amazônia, literatura e memória, p.23.

Segundo o modernista e professor Francisco Paulo Mendes, o grande e *brilhante* continuador da obra de ficção de Bruno de Menezes, também em muito preocupado com as mazelas sociais e advogando ideias socialistas, foi Dalcídio Jurandir (1909 – 1979). Em seu

primeiro romance, *Chove nos Campos de Cachoeira*, escrito em 1929, reescrito em 1939 e publicado em 1941¹¹⁵, já percebemos as experiências políticas de Dalcídio, seu engajamento nos problemas sociais da Amazônia, na sua narrativa. O autor trata os males sociais de forma objetiva e impessoal, embora ele próprio tenha vivenciado esses males no Marajó. Os moradores dos campos de Cachoeira são mostrados como vítimas de um sistema político e econômico nacional que não os deu oportunidades de uma vida melhor, menos miserável, criando assim uma humanidade degradada, cheia de vícios. Seu viés marxista é latente, pois as causas dessa miséria econômica e espiritual da população marajoara são os conflitos de classe, a contradição entre ricos e pobres, mas não somente eles. Dalcídio Jurandir e seus personagens são complexos demais para se resumirem apenas a uma teoria política, há também em sua narrativa os conflitos internos, inconscientes, de um *id* extremamente desajustado, pressionando para saciar seus desejos, seu prazer primitivo, seja qual fosse esse prazer: um prato de carne gorda, um tabaco, um copo de cachaça, uma volta enamorada pelos campos, o cheiro das caboclas, Irene, uma noite com a prostituta Felícia... A humanidade de Dalcídio era vítima sim, mas também culpada pela sua existência decadente, pela sua contradição, por estar dividida entre o bem e o mal.

Chove nos Campos de Cachoeira é uma narrativa ficcional, embora muitos críticos afirmem que o menino Alfredo (personagem condutor da narrativa dos romances dalcidianos do Ciclo do Extremo Norte, com exceção de *Marajó*) seja o alter-ego do escritor. Percebemos que a ficção dalcidiana combina o imaginário com o poético, alterando, modificando, reorganizando a realidade vivida pelo autor¹¹⁶. O texto é uma variação possível do tempo real, a partir da reconfiguração intencional do literato. Mesmo sendo baseado em experiências vividas pelo mesmo, não deixa de ser uma percepção subjetiva – ou como prefere Nunes, e provavelmente Dalcídio, fenomenológica – do próprio Dalcídio. E é ele o narrador de seus romances, embora, às vezes, a sua voz se misture com a voz dos personagens, a ponto de se confundir com elas. O deslizamento entre o narrador e os personagens se dá quase que imperceptivelmente.

Benedito Nunes¹¹⁷ nos afirma que a narrativa de Dalcídio Jurandir, pelo uso de termos locais, regionais, pelos substantivos, adjetivos e verbos, assim como pelas suas

¹¹⁵ TUPIASSU, Amarílis Alves. “A resistência feminina em Chove nos Campos de Cachoeira”. In: SANTOS, Eunice Ferreira; ÁLVARES, M^a Luzia Miranda; D’ INCANO, M^a Ângela (ORGs). *Mulher e modernidade na Amazônia*. Belém: GEPEM/CFCH/UFPa, 1997.

¹¹⁶ NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.

¹¹⁷ Idem. “Dalcídio Jurandir: as oscilações de um ciclo romanesco”. IN: *Asas da Palavra*. Revista de graduação em letras. Semestral. V.8. N^o 17.

expressões coloquiais, sempre primou por esse relevo dado à fala dos personagens, atestando a realidade específica, peculiar, do Marajó.

Assim, as metamorfoses da língua, já trabalho do imaginário lingüístico, que sempre responde a uma realidade humana, social e politicamente dimensionada à qual se ata, ingressam largamente, mas principalmente através da fala dos personagens, na fabulação da narrativa e no seu desenvolvimento romanesco.¹¹⁸

Fabulação da narrativa para Nunes é o resultado da elaboração de uma história pelo discurso que exprime essa história mediante o ato de narrar, a narração propriamente dita, como voz de quem conta, encadeando os fatos, numa sequência de ordem temporal. É por isso que a voz de Dalcídio seria geralmente neutralizada pela voz dos personagens a quem ele possibilita essa iniciativa, seja nos seus diálogos ou nos seus monólogos.

Ainda segundo o filósofo e crítico literário, Dalcídio, influenciado pelo realismo-naturalismo psicológico, narra seus personagens pelas suas experiências internas, seguindo o seu maior mestre, Proust. Dessa forma ele adentra na intimidade de seus personagens narrando seus pensamentos, interpretando suas ações, caracteres e seus estados pelo “ângulo oscilante e incerto da experiência interna, a partir da qual as situações externas e objetivas se ordenam”¹¹⁹. Como Proust, Dalcídio é um memorialista da infância, do seu sonho da juventude. Mas não podemos esquecer que embora esses problemas internos estejam fervilhando, eles estão em uma relação dialética com a experiência do vivido, do tempo vivido na infância, nos campos miseráveis de Cachoeira do Arari – e ao mesmo tempo na natureza farta, rica, da nossa Amazônia, já em parte também dilacerada pelas queimadas – e do tempo vivido no momento em que escrevia seu romance, nas suas lutas políticas contra o grande capital.

Doutor Lustosa desejava era servir a Cachoeira. Simpatizara com a terra e com o povo e queria por isso, a todo custo, proteger aquele povo e aquele terra (...) Provocou a demarcação dos campos. Que simplicidade em pessoa! Como sabia falar baixinho no cartório, como sabia pousar a mão, de leve, no ombro das pessoas que em tão poucos minutos sabia envolver e dominar! Fez-se a demarcação (...) Então, doutor Lustosa, alto e dominador, abraçando os que o rodeavam e admiravam, disse:

– Estão vendo o espetáculo? Vejam! Só a cerca de arame já dá uma idéia do que será o Bem Comum e de quanto Cachoeira vai lucrar. Está bonita a cerca. Já dá um aspecto de civilização, não acham? Já lembra as granjas americanas (...).

Para melhor começar, doutor Lustosa conseguiu com o governo do Estado um benefício de efeito incalculável para o povo de Cachoeira: saiu um decreto elevando à categoria de cidade a Vila de Cachoeira (...).

Eutanázio não podia tragar esse homem. Muito gentil, muito inteligente, muito ativo, mas achava naquele homem um inimigo, um ladrão de patrimônio, furtara a

¹¹⁸ Idem. Ibid., p. 19.

¹¹⁹ Ibid., p. 57.

viúva Marques na comprar de sua fazenda, apertara e lograra os criados e, gentilmente, proibira a tiração de lenha nos campos. Que importava não poder juntar mais pau seco para lenha, deixar de apanhar muruci, não passear, não se utilizar dos campos se o Bem Comum exibia Caminhão de eletricidade na sua sede?¹²⁰

Chove nos Campos de Cachoeira se passa em meio a Segunda Guerra Mundial (1938-1945), o que fica explícito pelo autor em raras passagens, uma vez que o tempo psicológico dos personagens é muito mais valorizado do que o tempo cronológico na sua narrativa.

Ezequias voltou-se sem desapegar os olhos do jornal. Diabo, não tinha uma nova guerra no mundo! Com uma nova guerra o Brasil venderia gênero à beca, ganharia dinheiro. Enfim, os aliados não acabam com aquele comunismo na Rússia? Teriam morto mesmo Nicolau Segundo? Pobre família imperial (...) Os olhos de Ezequias remexem as notícias de Nova Iorque. Onde estão os milhões de mister Ford para abarrotar a Amazônia¹²¹.

Há também a Belém idealizada, a cidade grande, embora nas memórias dos que a conheceram, ela viva um período de decadência. Há a saudade do fausto, da riqueza, de uma Belém de outrora.

Bibiano amansava Major contando dos espetáculos do Teatro da Paz, da procissão do Senhor dos Passos, do arco da entrada de Nazaré para a festa, do Museu Goeldi que não tinha mais os grandes e belos bichos de que major falava quando *lá* a Belém, do circo novo que chegara, da decadência da Banda do Corpo de Bombeiro (...) Major levantava a perna no banco e coçando o joelho principiava a descrever o espetáculo do Guarani no Teatro da Paz¹²².

Chove nos Campos de Cachoeira narra a história de vários personagens, a arraia-miúda, os excluídos sociais da modernidade, que viviam na Vila de Cachoeira do Arari, no Marajó. Nessa viagem dalcidiana pelos campos encharcados do interior do estado do Pará encontramos o menino Alfredo e seu carço mágico de tucumã, filho da preta d. Amélia, neta de escravos, solidária com os pobres, amancebada com Major Alberto, homem das letras, respeitado no lugarejo, pai de Alfredo. A família de Alfredo mora em um Chalé, e é neste Chalé que vamos encontrar o foco desta leitura da obra de Dalcídio, a figura perturbada e perturbadora de Eutanázio, filho do primeiro casamento de Major Alberto.

¹²⁰ JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos Campos de Cachoeira*. Rio de Janeiro: Vecchi Editor, 1941. .P. 278, 279, 280.

¹²¹ Idem. Ibid., p.46-47.

¹²² Idem. p. 190-191.

Eutanázio suporta todas as dores do mundo em suas costas, e Dalcídio simboliza isso até mesmo no andar curvado de seu personagem. É complexo, contraditório, infinitamente infeliz. Às vezes tem consciência de seus comportamentos desajustados e às vezes seu inconsciente o domina, seu instinto de morte se sobrepõe à responsabilidade de seus atos. O meio decadente em que vive influencia a sua existência contraditória, assim como as suas dores – antigas -, e seus conflitos internos influenciam nesse meio físico e social em que ele vive e na humanidade que o cerca, e em especial na existência da prostituta Felícia e na existência das pessoas que vivem na casa de seu Cristóvão.

Então Eutanázio olha o seu mundo, a sua humanidade. Numa cadeira, Henriqueta, (...) tem cara de indiferença, de vago aborrecimento. D. Tomázia, mãe das duas, fala e cospe incessantemente. Tira o cachimbo, coça os braços, no seu ar de consternação. Triste, os olhos fundos, os ossos da cara lívida apontam sob a pele luzidia. Irene de vez em quando dava um aparte com sua voz áspera (...) Quando Eutanázio entrou ela fez um gesto de asco, de caçoagem. Irene naturalmente fingiu ter asco. No fundo, reflete ele, não é uma criatura para possuir grandes sentimentos de repugnância, ódio, amor a ninguém. (...) Sua irmã gêmea Rosália fala sem parar (...) Raquel praguejava e resmungava. Solteirona, ossuda e desiludida do mundo, Raquel acusava. Era filha em primeira núpcias de Cristóvão, e com o filho chorando nos braços, de vez em quando atacado por uma crise de coqueluche, Mariana, também filha em primeiras núpcias, casada com um canoero, clorótica e suja, mostra os olhos bovinos, a sua amarelidão crônica, as suas olheiras que lembram o luto das longas vigílias ao pé da lamparina, costurando. Debruçado na janela que abre para a lata do maracujazeiro, Cristino fuma, de manga de camisa, chapéu de palha na cabeça. E atirada na velha secretaria do pai, com as suas sobranceiras gentis, a boca contraída faceirosamente como para chupar, Bitá chora como uma fonte.¹²³

Eutanázio carrega todas as dores do mundo: acredito ser essa a melhor definição do personagem de Dalcídio, e que nos faz lembrar imediatamente Drummond e seu poema *Os ombros que suportam o mundo*, ou Bruno de Menezes, quando o poeta nos afirma que sua *Maria Dagmar* era a criatura-símbolo de toda uma geração. Eutanázio e as suas dores são o símbolo dessa geração de literatos desencantados com o mundo do pós-guerra, com a sociedade, com a História, uma vez que a queda desse mundo criou um vazio que não poupou nenhum ser vivo, ou seja, a dor do desgaste universal acabou se traduzindo na negatividade dos filósofos e literatos da modernidade. Em *Chove nos Campos de Cachoeira* encontramos várias das questões levantadas por outros escritores contemporâneos a Dalcídio. E, além dessas questões, especialmente na construção das dores de Eutanázio e de *sua humanidade*, encontramos a influência direta de Schopenhauer, Freud, Heidegger, Rilke, Sartre.

¹²³ Idem. p.50.

Eutanázio sofre... Sofre e lembra de um livro que viu em uma livraria em Belém, *As dores do mundo*, mas não consegue lembrar do nome do autor, “era um nome difícil...” E Dalcídio nos diz: toda vida é sofrimento porque é um constante querer eternamente insatisfeito, que leva ao amor, ao ódio, ao desejo ou à rejeição. A vontade, impulsionadora desse querer, é a alma do universo, é através de sua força que o mundo existe¹²⁴. Eutanázio é isso, um eterno insatisfeito. Afirma que foi posto no mundo como um excremento, sua mãe sofreu por nove meses uma prisão de ventre; nunca amou suas namoradas; nunca teve um amigo; seu pai nunca acreditou nele, afirmava sempre que os interesses de Eutanázio não passavam de manias. E toda a sua “vontade” eternamente insatisfeita levou ao amor, ao ódio, ao desejo, e à rejeição da sua relação com Irene.

A vontade, o impulso cego de Eutanázio por Irene, era a causa de sua existência e de seu sofrimento nos campos de Cachoeira do Arari, ou melhor, a causa atual. Era ela, a vontade de Irene, a causa de seus “apetites incontrolláveis”, e no final, como já havia ensinado a filosofia de Schopenhauer a Dalcídio, Eutanázio recebeu o golpe fatal de sua vontade de viver Irene: a morte.

Por ela – a vontade de Irene – Eutanázio se degradava cada dia mais: se endividava nas tabernas dos campos; era humilhado pelo pai, chamado de maluco e recebeu até uma bofetada; era maltratado e caçoado pelo seu objeto de vontade, Irene; era motivo de fofoca e pena de toda a população dos campos; se entregava à prostituta Felícia para pegar uma doença venérea – “matar-se-ia em cima de Felícia e Irene havia de saber” – chegando a roubar a mais desgraçada das criaturas, a própria Felícia.

Toda Cachoeira sabia. Ele queria viver fechado no seu segredo, mas o povo vinha sabendo de quase tudo. O ridículo devastava-lhe o caráter. E a vaia do povo era mais terrível porque não se mostrava, andava nos cochichos da rua, nas casas, debaixo das mangueiras, na sombra do Bosque do professor, andava surda, abafada, mas crescendo, implacável e miúda sobre ele. E isso acabava de liquidar o seu resto de orgulho, da sua irritabilidade. Toda a sua vida impregnava-se de pequeninos orgulhos, uns incontidos, como em forma de ímpetos, zangas, suscetibilidades; outros silenciosos e imodificáveis, pequenos orgulhos que não se associavam, não se caldeavam num orgulho só que fosse mais tarde capaz de resistir ao riso de Irene. Orgulhos perdidos no seu tédio, no seu desdém, na sua indiferença, até, aquelas marchas para a casa de seu Cristóvão e aquelas náuseas procurando trinta mil-réis; onde achar, onde achar? Conhecia a história do rapaz que vendera a alma ao diabo. O demônio, infelizmente não existia em Cachoeira. Ou seria Irene? Demônio, como coisa terrível, como acontecimento inevitável, como fonte eterna do mal, era Irene, sim. E agora, como vender a alma para arrumar os trinta mil se o Diabo era Irene? Apesar de sua vida desorientada e

¹²⁴ Na verdade quem nos diz isso é o filósofo do século XIX Arthur Schopenhauer, autor do livro “as dores do mundo”, citado constantemente por Dalcídio em *Chove nos campos de cachoeira* através das dores de seu personagem Eutanázio. Ver COBRA, Rubem Q. “Arthur Schopenhauer. Filosofia contemporânea.” Disponível em: www.cobra.pages.nom.br.

amarga, tinha sempre rompido com todas as situações. Até com o patrão rompera... E só Irene permanecia no seu mundo de orgulho como um tumor que nunca vinha a furo¹²⁵.

Precisava dos trinta mil réis para saldar as dívidas da casa de Irene, mas onde conseguiu-os? Foi quando um barqueiro lhe pediu para entregar uma quantia a Felícia, para ela se tratar de sua doença. Eram exatamente trinta mil-réis. E tem início mais uma perturbação em Eutanázio. Sentindo ódio de si mesmo, rouba Felícia. Com inúmeras crises de consciência e discussões sobre os impulsos inconscientes, Dalcídio nos presenteia com um Eutanázio que tem por objetivo interno de vida a sua própria morte, ideia chave da filosofia de Schopenhauer e conclusão de Freud, em *Além do princípio de prazer*, em relação às tendências inatas do gênero humano. Também é o que nos diz Heidegger, quando afirma que vida autêntica é a que tem por horizonte único a certeza da morte¹²⁶.

Eutanázio nos diz que há forças cegas e soltas em nós, que escapam à nossa consciência e às vezes assumem um poder demoníaco, ou seja, a “vontade” de Schopenhauer e as moções inconscientes do *id* de Freud. Segundo Eutanázio, Irene é uma força solta, um temporal dentro de si, sua desonra, aquilo que de incompreensível tem dentro dele, que o leva a fazer coisas que ele próprio abomina. É a sua vontade manifestada através da criatura Irene, seu impulso sexual, o desejo dos desejos, o mais veemente de todos os apetites, a concentração de toda a sua vontade. Irene é o inconsciente quando Freud o define do ponto de vista ético¹²⁷, ou seja, o prazer sexual, uma pulsão da qual Eutanázio nunca terá consciência clara, apenas através de suas fantasias recalçadas, pois Irene é um objeto ideal que só existe no seu inconsciente, objeto mítico.

Eutanázio, perturbado com o que fez por Irene, queria confessar a um amigo que o compreendesse, embora, segundo ele mesmo, não fosse digno de absolvição, nem acolhimento. O gênero humano é capaz de tudo. “Somos capazes da maior infâmia e da maior... Grandeza foi a palavra que se esboçou no seu espírito¹²⁸”. Sim, os homens têm tendência a cometer as maiores infâmias, a serem extremamente agressivos, o que é uma constante no comportamento de Eutanázio, vendo seu próximo apenas como alguém (um objeto sexual, diria Freud) de quem ele pode se utilizar para descarregar toda sua

¹²⁵ JURANDIR, op.cit, p.138-139.

¹²⁶ COBRA, Rubem Q. “Arthur Schopenhauer. Filosofia contemporânea.” Disponível em: www.cobra.pages.nom.br; FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). IN: FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. VOL. II: 1915-1920. (coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns). Rio de Janeiro: Imago, 2006.; WIZNITZER, Luiz. A palavra de Heidegger. *Folha do Norte*, 18 jan. 1949. Suplemento Arte Literatura, p. 1-3.

¹²⁷ GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

¹²⁸ JURANDIR, op.cit., p. 140.

agressividade. O maior desafio na nossa civilização¹²⁹, segundo o pai da psicanálise, é justamente controlar e regular essa tendência do homem. Com essa finalidade, para que a civilização se desenvolva, se tem que reprimir a agressividade, se restringir as liberdades e principalmente inibir os desejos sexuais inconscientes. O problema é que se a sexualidade é o protótipo da felicidade, como nos diz a psicanálise, entendemos que a vida se encontra acuada diante da civilização (que seria o princípio da realidade) e nos tornamos cada vez mais homens reprimidos, frustrados, infelizes, com todas as dores do mundo, como Eutanázio.

O que Eutanázio sente nesse momento é culpa em relação a Felícia. A civilização inibiu a agressividade humana através do superego, e entre este e a agressividade encontramos o sentimento de culpa, a necessidade que o homem tem de se punir. O superego é uma instância do aparelho psíquico que, segundo Freud, faz parte da consciência. Ou seja, o amor por Irene e os impulsos que levam Eutanázio a cometer atos que nem ele mesmo compreende são inconscientes, mas o sentimento de culpa que o atormenta é consciente e o faz carregar suas dores.

Em suas auto-análises, geralmente durante as noites de insônia, Eutanázio deprecia a si mesmo, acreditando ser “um incapaz e moralmente reprovável”¹³⁰. É durante as noites de insônia que “o riso de Irene o corta todo”, como se fosse “vidro moído cortando os seus nervos, tenebrosamente”¹³¹. Ele se sente só, sem amigos, sem pensamentos, sem saudade. A pulsão que compele todo ser vivo à vida apagou-se nele, restando a melancolia, a espera constante de ser rejeitado e punido. Era um parasita na casa de seu pai, doente; lamentava pelos seus parentes estarem ligados a um ser tão indigno quanto ele. Estendendo a sua autocrítica ao passado (comportamento recorrente nos melancólicos), afirma que nunca foi melhor. Teve uma infância doentia, infeliz. Uma adolescência frustrada em seus desejos e sonhos, cheia de inquietações.

Os primeiros desenganos ruins demais para a sua sensibilidade, ou melhor, para a sua irritabilidade. Mas enterrara tudo sem saber se estava morto ou não. Daí o seu silêncio de exumação. Obsessão de rever as ossadas, os vestígios de certos sonhos, certos desejos que mal se completaram, como fetos, na sua mocidade solitária e inútil. Talvez no meio das ossadas algum esqueleto esteja contorcido, denunciando um despertar de cataléptico no fundo da cova fechada. *Via* contorções desesperadoras dentro de seu passado. Para que enterrara assim? Tudo foi entulhado pela náusea de si mesmo¹³².

¹²⁹ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

¹³⁰ FREUD, Sigmund. “Luto e Melancolia (1917)”. In: FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. VOL. II: 1915-1920. (coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

¹³¹ JURANDIR, op.cit., p. 28.

¹³² Idem. Ibid., p. 30.

Eutanázio não consegue apreender conscientemente o que perdeu, mas sabe que seus sonhos estão mortos. Mas o que se perdeu com o desaparecimento de seus sonhos? Nem o próprio Eutanázio, nem Dalcídio, nem Freud conseguem nos responder isso. Durante toda a caminhada de Eutanázio pelos campos encharcados de Cachoeira do Arari, não fica claro o que o absorvia de tal maneira que o inibia de viver.

Sim, sim, foi melhor contemplar os esqueletos contorcidos no desespero da impossível sobrevivência. Eutanázio criara os monstros que o devoravam, lentamente. Rompiam-se no silêncio dores fundas, pequenas dores, meias dores monótonas pingando das horas. Pequenos ódios, remorso de não odiar como devia, de não se maltratar como é preciso. Ter assim um desprezo de si mesmo. Aquele que o levou à barraca de Felícia¹³³.

Pegar a doença de Felícia foi a forma encontrada por Eutanázio de se punir. De punir a sua carne por não conseguir odiar Irene como deveria. No dia fatídico, saiu da casa de seu Cristóvão com “complicações no crânio” por causa do riso de Irene, “ninguém sabia como saíra do riso de Irene”. Havia levado para ela os presentes que trouxera de Belém, mas Irene riu e caçou dos presentes de Eutanázio: “o par de meias era vagabundo, a pulseira de se comprar na doca do Ver-o-Peso para as caboclinhas do Puçá (...), os sapatos parecendo de segunda mão. A fazenda do corte era de uma cor para enganar babaquara¹³⁴”. Eutanázio saiu de lá sentindo náusea e tomou o rumo de Felícia, uma mulher que “cheirava a terra depois da chuva e fedia a fome”. No fundo não tinha certeza se Felícia estava contaminada, mas veio da casa de Irene perdido. “Se entregou a Felícia para corromper-se mais¹³⁵”. E conseguiu, levantou-se da rede com nojo e ódio, saindo de lá ainda mais miserável, “era um ridículo, um estúpido, um maluco”.

Seu sofrimento continua feito de pequenas torturas domésticas, dos risos de Irene, a doença imunda, a falta de dentes, as comichões pelo corpo, o desejo e sem ânimo para tomar um banho (...) Eutanázio sente uma fadiga nas pernas, um peso no peito, nos rins, O suor envenena-lhe o pensamento. Sente o mundo através daquele suor e daquela fadiga. O suor das mesmas marchas solitárias, à noite, para a casa de seu Cristóvão¹³⁶.

Eutanázio sempre saía da casa de seu Cristóvão com as suas dores exacerbadas, mas não conseguia deixar de frequentar o local assiduamente. O único jeito que encontrava

¹³³ Idem. op. cit.

¹³⁴ Idem. p. 34.

¹³⁵ Idem. p. 25.

¹³⁶ Idem.p. 44 -45.

para se livrar de Irene era vendo-a, porque mesmo sem poder tê-la, era incapaz de renunciar ao amor que sentia por ela. Como não podia odiar Irene, passou a odiar a si mesmo, se punindo ao ir ao seu encontro, só dessa forma obtinha alguma satisfação, mesmo que de forma sádica. Eutanázio só tinha uma motivação em vida: ver Irene. E é Dalcídio quem nos diz que ela é a humilhação necessária de Eutanázio¹³⁷.

Foi justamente o sadismo de Eutanázio e toda a hostilidade com que ele se tratou durante os dois anos em que amou Irene em Cachoeira do Arari que o levou a morte: as noites em claro, as andanças descalço, as caminhadas na chuva com febre, a negativa em relação à comida, a noite com Felícia.

A última visita à casa de seu Cristóvão é o ápice da narrativa dalcidiana e o início do fim definitivo das dores de Eutanázio. Irene espera Rezendinho, filho de um fazendeiro de Cachoeira, com o qual andou enamorada pelos campos. Precisa esperar... Ansiosa... Chora... E Eutanázio, inquieto, reflete: “É preciso esperar? (Tem que vir, disse ela) (...) porque, ora, ninguém sabe? Eutanázio ergueu de um súbito a cabeça e como se arrancasse de dentro do peito! – Grávida!”

Pela primeira vez Eutanázio encara Irene, possuído por uma energia nunca antes sentida, e mesmo tremendo, pois Irene nunca esteve tão bela, afirma: “Grávida, é! A senhora está grávida! – Era como um arranco, um soluço, uma tosse estranha que saía dele naquela sombra”. Após o desabafo, Eutanázio tomba, tudo se enterra nesta noite, no acerto de contas dele com seu eu, com seu sentimento de ambivalência, com o seu objeto de amor, com a sua vontade, com a sua dor.

Eutanázio passa, então, a esperar pela morte dentro de uma rede, na saleta de seu pai. É uma espera longa, que enche de ansiedade os moradores de Cachoeira. Eutanázio também a espera, sem agonia, mas com a certeza de que ela estava chegando. Queria que ninguém o socorresse, queria ficar só no seu medo, no seu terror, apodrecer vagarosamente com a sua solidão.

Chega dezembro: “com as primeiras chuvas, o campo ficou verde, encharcou, Cachoeira ficou mais escura e mais triste. Faltava nos campos encharcados a sombra de

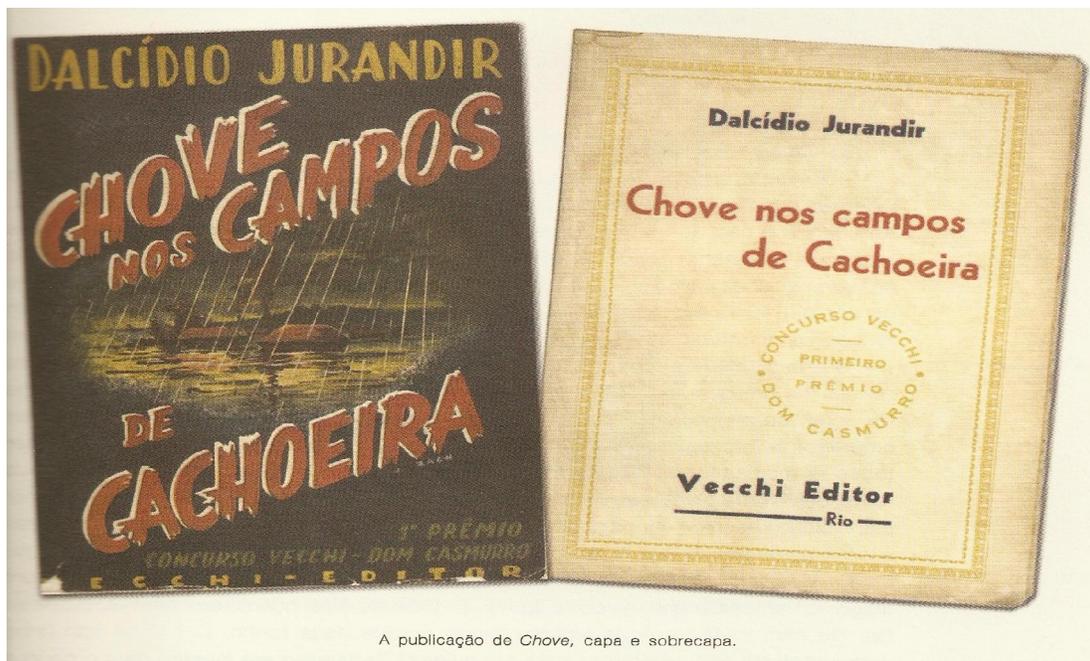
¹³⁷ Segundo Freud, quando o melancólico perde o objeto de amor, ele perde uma parte de seu próprio eu (EGO). Ele abdica do objeto de amor, mas não renuncia ao amor que sente pelo objeto, o que ocorre é que o eu passa a ter um sentimento de ambivalência, ou seja, ódio e amor. Esse sentimento de ambivalência refugia-se na identificação narcísica, de modo que passa a atuar sobre o objeto substituto, que seria o próprio eu do doente. É por isso que ele se rebaixa, se insulta, se pune, pois através da auto-punição acredita que está se vingando do objeto original (objeto de amor). Ou seja, Eutanázio ao se punir, está punindo Irene, inconscientemente. FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1917). In: FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. VOL. II: 1915-1920. (coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Eutanázio andando”. Eutanázio piorava a cada dia, da doença e da irritabilidade, queria ficar só. Piorava, mas não morria, como se esperasse algo além da morte, antes da morte... Irene. E ela veio, calma, bela, “sem o riso, sem a brutalidade, sem o desleixo...” Eutanázio “abriu os olhos, olhou-a”, seus pensamentos borbulharam, “Irene era o princípio do mundo...” Não era mais a mesma que o maltratava. Eutanázio virou a cabeça para a parede. Os olhos se fecharam como se em si mesmo procurassem a Irene perdida. E é assim que Eutanázio retorna ao princípio de tudo, à ideia chave dos filósofos e literatos da modernidade, ao objetivo de toda a vida: a morte.

É Cléo Bernardo quem define melhor o significado de *Chove nos Campos de Cachoeira* para a sua geração de intelectuais reunidos por ele na revista *Terra Imatura* em 1938:

Aceito esse livro cheio de dimensões sem contornos como a primeira mensagem de nossa geração. Mensagem dolorosa, acendida de desespero e vida, marcada de verdade. (...) Paixão que vem da terra, do fundo do homem como um estremezimento. Parece que Dalcídio está comendo fruta do mato, acordou de madrugada, está levando crianças pelas mãos quando escreve. O último capítulo de *Chove nos* dá essa impressão: o primeiro homem procurando dizer tudo “com uma sinceridade íntima, tranqüila e humilde” como aconselhava Rilke.¹³⁸

Foto 18: Capa e sobrecapa da primeira edição de *Chove nos Campos de Cachoeira*.



Fonte: NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon. *Dalcídio Jurandir* – Romancista da Amazônia, literatura e memória, p.49.

¹³⁸ BERNARDO, Cléo. “Faltava nos campos encharcados de cachoeira a sombra de Eutanázio andando”. [S. l., 1941?] In: NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon. *Dalcídio Jurandir* – Romancista da Amazônia. Literatura e Memória. Belém: SECULT / FCRB / IDJ, 2006.

Chove nos Campos de Cachoeira colocou Dalcídio Jurandir no cenário nacional da literatura, pois nosso literato venceu o concurso de romances nacionais promovido pela editora Vecchi e pelo jornal literário Dom Casmurro. O prêmio “Dom Casmurro” rendeu a Dalcídio cinco contos de réis e “Chove” foi editado e lançado no Rio de Janeiro. Mas o que também poderia ter dado um livro de grande sucesso ao nosso romancista marajoara foi a luta para escrever seu primeiro romance, em meio às tarefas como inspetor escolar em Salvaterra. Junto com sua esposa, ele fazia malabarismo para que seu salário de 365 \$000 contos de réis rendesse o mês inteiro, sofrendo com as intempéries do local (febre, chuva, atoleiros, andando em montarias para visitar escolas que ficavam localizadas no meio do matagal dos campos), que eram amenizada pelas boas amizades que fez no lugar, como o camarada Valdemar do boteco e o seu Veloso, da mercearia. Quando sua rede partiu, chegou a dormir no chão por não ter condições de comprar uma rede nova. Mas nada disso impediu o gênio de Dalcídio e ele, já em seu primeiro romance, escreveu uma das maiores obra-prima da literatura paraense¹³⁹.

Foto 19: Matéria sobre a vitória de Dalcídio Jurandir no concurso “Dom Casmurro” e editora “Vecchi Editor”.



Fonte: NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon. *Dalcídio Jurandir*—Romancista da Amazônia. Belém: SECULT, 2006.

¹³⁹ JURANDIR, PREFÁCIO (VII ao XII). In: *Chove nos Campos de Cachoeira*. Rio de Janeiro: editora Vecchi, 1941.

Como em um desabafo, no prefácio da primeira edição de “Chove” (editora Vecchi, 1941), nosso romancista narrou sua luta diária pela sobrevivência como funcionário público e como escritor, pois devido à não-valorização dos literatos do Norte, a turma do “peixe-frito” (geração que ele considerava de Abguar Bastos e Bruno de Menezes) – assim chamada porque no seu cotidiano havia a busca diária do peixinho frito do Ver-o-peso, que custava apenas dois mil réis, mas que era um preço alto demais para aquela turma de literatos pobres de Belém, e mesmo a geração mais moça, que vinha de famílias mais “remediadas” (geração que ele considerava de Cléo Bernardo, Silvio Braga, Francisco Paulo Mendes, dentre outros) – lutavam incansavelmente por seu sustento e pelo reconhecimento de sua arte, uma vez que as portas de Belém estavam fechadas para nossos artistas, que eram “isolados, boicotados, negados”. Reverencia seus amigos poetas militantes de uma arte nova, original e genuinamente nossa, assim como a Revista *Terra Imatura* do “bom amigo” Cléo Bernardo e finaliza seu desabafo-denúncia relatando o quão difícil e humilhante foi mandar o romance para o concurso no Rio de Janeiro.

Pensava acabar o romance um pouco antes do encerramento do concurso. Mas não acabei. Voltei de Salvaterra sabendo do adiamento. Mendes e Stélio leram o livro e acharam que eu devia mandar uma cópia mais limpa. Como, se faltava vinte dias para terminar o prazo? Então, Guiomarina, minha mulher, doente como se achava, se dispôs a datilografar o romance. (...) Mas faltava o dinheiro para mandar o livro pelo avião. Só havia três dias de prazo. E com Mário Couto fomos cavar entre amigos o dinheiro. Paulo Mendes e Stélio me deram dez mil. Jorge Malcher, cinco. E eu tinha vinte. Fui à Panair expedir o livro como encomenda por ser mais barato. Mas me disseram que não se fazia mais encomenda. Olhamo-nos eu e Mário, desalentados. (...) Saímos da Panair e voltamos. Cavamos mais dez e fomos ao correio (...) esperei meia hora na bicha para chegar ao guichet e ouvir do funcionário que a taxa era tanto e o dinheiro não dava. E me olhou com uma tal superioridade funcional que saí, humilhado. E eu era a desolação em figura. Faltavam vinte mil-réis e onde encontrar esses vinte mil-réis? Pensei no personagem do Chove e saí com Mário, atrás dos vinte mil-réis. Vimos na Confeitaria Central o pintor Barandier da Cunha e Osvaldo Viana, meu amigo e uma das figuras expressivas nos meios de Belém. Eles nos deram os vinte. Corremos, faltava meia hora para fechar a mala. Entrei na bicha, suando e pensando em Guiomarina, em casa, esperando o resultado do trabalho. E mandamos o volume no porte simples, sem recibo, sem nada, para um rumo incerto, podendo nunca mais chegar ao DOM CASMURRO! Tudo isso humilha e esgota a gente. Conto isso para mostrar como é que se escreve no Brasil¹⁴⁰.

O que de mais precioso fica no relato de Dalcídio para esse estudo é o sentimento de grupo que unia os artistas paraenses. O que se deve, em grande parte, ao fato destes homens

¹⁴⁰JURANDIR, PREFÁCIO (VII ao XII). In: *Chove nos Campos de Cachoeira*. Rio de Janeiro: editora Vecchi, 1941, s/p.

compartilharem das mesmas experiências e dos mesmos valores, sendo, em sua maioria, artistas - militantes por um mundo menos desigual.

FOTO 20: Propaganda do livro Chove nos Campos de Cachoeira na revista Terra Imatura.

Entretanto, realizar a arte pura, nos moldes classicos, ou na manifestação instintiva, colocaria o artista no angulo maximo da sua sensibilidade.

Morbach vê o seu mundo de arte de uma forma exotica e excentrica. Os seus desenhos trazem o reflexo do mundo interior em que ele proprio se abisma.

Interpretando os motivos mais em contrastado poema de Libero Luxardo, Morbach é o fixador genial do imaginario e do grandioso, na paisagem agressiva e imensa da Amazonia.

Bruno de Menezes.

Em qualquer angulo da terra a sua arte me daria sempre a visão absoluta do que sonhei e não pude exprimir em contato com a paisagem humana da Amazonia.

Nunes Pereira.

Nos desenhos de Augusto Morbach que ilustram o poema de Libero Luxardo, há de notavel, sobretudo, uma ausencia completa de influências. Porisso mesmo maior o seu valor, maior a sua expressão dentro da arte moderna.

Mario Couto

Augusto Morbach. é o artista admiravel! Com uma estranha intuição da beleza, sem guia e sem mestre, ignorado, perdido na materia imensa, Morbach com as suas extraordinarias ilustrações realizou esse infinito poético que é a grandeza da arte sem cópia, sem limite. A nossa alegria ao vermos «Rebôjo», «Os ventos da montanha» e «Nuvem de garças» — nos deu essa compreensão de que o verdadeiro artista tem que fugir com todas as impressões do exterior para dentro de si, para poder crear essa exaltação que é a claridade, o grande caminho da beleza. Augusto Morbach vivendo nessa esplendida natureza amazonica, sentiu como poucos, esse extase que vem da eterna realidade como um espaço vazio, para ser o maior sentido de sensibilidade creadora. Poeta! Assim...

Brevemente um grande romance:

CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA

Dalcidio Jurandir

1.º premio concurso "Dom Casmurro" — Vecchi Editora

Madeiras e algodão

Marques Dinto, Irmãos, Ltd.
Grandes exportadores
Castilhos França-62-1.º
Telegrama: Dintos

Serviços tipograficos
Material para escritorio

procure verificar sempre o sortimento da "sua" livraria

Fonte: Terra Imatura, Belém, dezembro de 1940, nº13. CENTUR, sala Haroldo Maranhão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

4. “O peixe-frito nosso de cada dia”: a maneira de fazer política das gerações modernistas.

Nesse estudo o movimento modernista foi visto, antes de tudo, como um posicionamento político que foi reelaborado e redefinido inúmeras vezes pelos seus intelectuais, parafraseando Figueiredo¹⁴¹, pois estes homens estavam inseridos num contexto maior, o mundial, e tinham preocupações de caráter político-social. Nas suas obras literárias (tendo como exemplo as analisadas acima, *Maria Dagmar*, *Candunga*, *Chove nos Campos de Cachoeira*) encontramos uma arte engajada e moderna, atualizada com os problemas sociais da região e os problemas universais da alma humana. O movimento modernista paraense foi também, e fundamentalmente, político, porque a literatura estava em relação dialética com as transformações políticas e econômicas pelas quais passava o Pará, o Brasil e o mundo.

Na primeira geração, encontramos Bruno de Menezes e seus companheiros lutando pelo seu peixe-frito do Ver-o-peso de cada dia, ao mesmo tempo em que ainda haviam herdado algumas amarras do mecenato de Antônio Lemos, quando os políticos financiavam os artistas da terra em troca de prestígio. Os primeiros anos da Revista *Belém Nova* nos levam a esta afirmativa, quando foi explícita a relação de incentivo entre os governadores Souza Castro (1921-1925) e Dionísio Bentes (1925-1929) e os artigos escritos na revista. Bruno, quando focava o “mundanismo” da Revista estava claramente ao lado dos governos oligárquicos, como vimos na questão da revolta dos tenentes paulistas. Foi apenas quando as fraudes de Bentes vieram à tona que o “poeta do batuque” rompeu com a política oligárquica do Estado. A violência sofrida pelo editor e diretor da revista, Paulo Oliveira, foi a confirmação de que o literato estava certo ao se sentir traído pelo governador que prometeu a distribuição das terras entre os colonos, sensibilizando em cheio Bruno de Menezes, que lutava diariamente pelo “Novo Porvir” para a classe proletária, e após ser eleito distribuiu as terras sim, mas para estrangeiros, oligarcas, amigos, parentes e correligionários.

Essa decepção com a política autoritária dos oligarcas levou a geração de Bruno a acreditar na Revolução de 1930 e nas propostas democráticas da Aliança Liberal. O mais

¹⁴¹ Discussão já comentada no capítulo I, baseada na afirmativa do professor-doutor Aldrin Moura Figueiredo, no texto “Querelas esquecidas: o movimento modernista visto das margens”. In: DEL PRIORE, Mary e GOMES, Flávio. Os senhores dos rios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

engajado nessa luta foi Abguar Bastos, mas o interventor nomeado pelo presidente Vargas, Magalhães Barata, atraiu vários corregionários políticos entre os intelectuais modernistas, como Lindolfo Mesquita, Edgar Proença, Waldemar Henrique e Paulo Eleutherio. As divergências de Abguar Bastos com Barata começaram desde os primeiros anos do governo autoritário do intendente, mas quando estourou a revolta dos estudantes em Belém, em 1932, Abguar foi pessoalmente prestar solidariedade a Barata, pois acreditava que sendo ele, Abguar, um dos homens da revolução de 1930, deveria ficar ao lado do intendente, pois este personificava no Pará a revolução¹⁴². Discordava das atitudes de Barata e Vargas, principalmente no que se referiam à reconstitucionalização do país, mais ainda tinha esperança nas propostas democráticas da Revolução de 30. Seu rompimento definitivo só ocorre em 1937, quando Getúlio Vargas instaura a ditadura do Estado Novo.

A segunda geração modernista, a de 1930, de famílias mais remediadas¹⁴³, mas nem por isso com literatos menos engajados pelo peixe-frito nosso de cada dia, acreditava na política, na liberdade de expressão e, acima de tudo, na democracia, como vimos nos artigos da revista *Terra Imatura*. Segundo eles, apenas com a união democrática da mocidade paraense seria possível a transformação política e social da região, escrevendo assim a história da nossa terra ainda imatura. Alguns modernos, como Cléo Bernardo e Francisco Paulo Mendes, acreditavam na luta contra as ditaduras de todo o mundo e na busca constante da democracia através da conscientização e união dos moços. Outros, como Dalcídio Jurandir, acreditavam em tudo isso, mas também no engajamento no Partido Comunista. Todos eles haviam se decepcionado com a revolução de 1930, mas ainda acreditavam na política, na liberdade de expressão e nos partidos políticos. Esses homens, desencantados com a revolução de 1930, viveram às vésperas e durante a Segunda Guerra Mundial, feita por ditadores que advogavam muitas das ideias que Vargas ostentava em seus discursos e implementava no Brasil.

Em 1945 literatos mais moços e bem mais desencantados com o mundo e a política vieram se juntar à geração remediada de Dalcídio Jurandir. Eles não tinham nenhuma relação com os pioneiros do nosso modernismo da revista *Belém Nova*, só conheciam e admiravam a obra de Bruno de Menezes. Nesses jovens, a decepção com a Revolução de 1930, a revolta com as ditaduras do mundo todo, a busca da liberdade de expressão e a valorização da democracia se transformaram, no mundo pós-Segunda Guerra, numa descrença total em

¹⁴² ROCQUE, op.cit.

¹⁴³JURANDIR, op. cit.

relação à política e aos partidos políticos. Isso não significa dizer que os novíssimos que se reuniram para escrever semanalmente o Suplemento Literário Arte-Literatura (1946-1951) da *Folha do Norte* fossem apolíticos¹⁴⁴. Entre eles destacamos Haroldo Maranhão, Benedito Nunes, Max Martins, Alonso Rocha, Cauby Cruz, Floriano Jaime, Mário Faustino, homens que viveram uma época em que a literatura mundial estava ligada indissolavelmente à filosofia existencialista de Sartre e Rilke¹⁴⁵, o que os levou a abandonar a política nos moldes convencionais de Estado, nação, solenidades, crença nos grandes líderes e nos partidos políticos. Os novíssimos estavam engajados na defesa do modernismo e da sua estética existencialista, como nos afirmou CANGUSSU, mas por trás disto havia sim um posicionamento político, uma vez que eles estavam ainda de “ressaca” de mais de quinze anos de ditadura nacional (Vargas, 1930-1945), de um governo regional sem lei (Barata, 1930-1935) e de uma guerra onde a sociedade civil, fosse ela qual fosse, não saiu vencedora (1939-1945). Nas palavras de Benedito Nunes, a consciência política dos jovens modernos:

Durante a década de 50, embora fôssemos mais para a esquerda, como nos indicam as causas assumidas – a campanha do Petróleo é Nosso e o movimento Pró-Paz – éramos contra os partidos. Ressalvando um certo namoro meu e do Haroldo com o Partido Socialista Brasileiro (...) repetimos, com Unamuno, que “homem de partido é homem partido”. Mas é curioso observar o quanto, naquela época, a situação local, o Pará, governado por um dos “coronéis” de 30, Magalhães Barata, interventor e depois governador eleito, reproduzia o macrocosmo político nacional: violência policial, manipulação eleitoral, predomínio do partido situacionista, o PSD, garantindo a sucessão¹⁴⁶.

A arte moderna dos literatos paraenses se dispôs a salvar o homem, o indivíduo, dos males externos e internos. Em seus contos, poemas, crônicas e na crítica literária¹⁴⁷, encontramos as mazelas do mundo, do país e da nossa região, de formas tão imbricadas que

¹⁴⁴ O Suplemento Literário da *Folha do Norte*, Arte-Literatura foi o foco de uma pesquisa que fiz na especialização em História Social da Amazônia em 2007, sob orientação do professor-doutor Aldrin Moura Figueiredo, com o título: *O desencantamento do mundo: Literatura, Existencialismo e Psicanálise em Belém (1945-1951)*.

¹⁴⁵ Sobre a influência do existencialismo na literatura moderna que se destacou no Pará a partir de 1946 ver: CONGURU, Dawson Soares. *O Epicentro do Hotel Central: Arte e Literatura em Belém do Pará, 1946-1951*. Belém/UFPA, 2008. Dissertação de mestrado, apresentada ao programa de pós-graduação em História Social da Amazônia.

¹⁴⁶ NUNES, Benedito (org.). “O amigo Chico, fazedor de poetas”, op. cit, p.22-23.

¹⁴⁷ Sobre esse tema ver: Contos, poemas, crônicas e crítica literária analisados, em: MAIA, Maíra. *O desencantamento do mundo: Literatura, Existencialismo e Psicanálise em Belém (1945-1951)*. Monografia de conclusão da especialização em História Social da Amazônia. Orientador: Aldrin Moura de Figueiredo. Faculdade de História/ Universidade Federal do Pará, 2007.

os problemas mundiais se tornaram nacionais e os nacionais regionais e vice-versa. Esses problemas materiais, do meio, afetaram o homem na sua psique, logo este homem estava psicologicamente doente, neurótico, desiludido, desesperançado. Os problemas são universais, mas os traumas psicológicos não são inatos, foram gerados pelo descaso dos homens públicos com o indivíduo, que vive em meio a uma realidade moderna, excluído, humilhado e esquecido.

Os modernistas de 1945 estavam descrentes, e com toda a razão, da política nos seus moldes convencionais. Mas eram extremamente politizados e conheciam muito bem os males sociais que assolavam o mundo, por isso mesmo rejeitavam a política demagógica e elitista dos Estados. Nesse mundo caótico eles fizeram uma opção ao criar a sua arte literária, optando pela única coisa em que eles acreditavam, com fé e esperança: a existência humana.

Em nome dessa existência humana eles nunca deixaram de lutar, mesmo que o contexto histórico fosse outro. É com o relato de Benedito Nunes, mais uma vez, que percebemos claramente o posicionamento político à esquerda dele e dos seus amigos do grupo dos novos, ao afirmar que na década de 1960 eles continuaram fora dos partidos políticos. Com o acirramento da guerra fria no Brasil e no mundo, eles tenderam cada vez mais para a esquerda, mas, como nos anos 50, *visando tão somente à nobreza da causa*. Pela nobreza desta causa eles assinaram os manifestos Pró-Cuba, apoiaram o movimento Pró-Jango e se inclinaram para a AP (Ação Popular), ligada à ala progressista da Igreja Católica. Mas essa é outra História dos nossos modernistas, que precisa ser conhecida efetivamente, haja vista o grau de importância para a História cultural, social e política da Amazônia e do Brasil.

4.1. Exemplo de crítica política, social, existencial e psicanalítica no Suplemento: O Sabido de Sultana Levy.

Sultana Levy Rosenblantt nasceu em Belém a 30 de junho de 1910. Seus contos publicados no Suplemento Literário da *Folha do Norte* tinham, por tema central, a realidade de Belém na década de 1940¹⁴⁸. Na sua narrativa percebemos uma crítica social, psicológica e existencial, sendo muito recorrente os traumas psicanalíticos em seus personagens.

¹⁴⁸ COELHO, op.cit.

Em 02 de novembro de 1947, a literata publica no suplemento literário da *Folha do Norte* “Arte Literatura”, o conto “O Sabido”¹⁴⁹. Através de uma análise social e psicológica do personagem, encontramos a realidade urbana de Belém e de seus moradores simples dos anos 40, as dificuldades econômicas do cotidiano, as mazelas políticas e a falta de auto-estima da população, numa linguagem que nos lembra Bruno de Menezes e o próprio Dalcídio, quando trata dos problemas da alma humana.

O Sabido era um homem falador, que pegou um bonde e passou a viagem discursando sobre política, uma vez que, se ele fosse “governador as coisas seriam diferentes”, pois, dentre outras coisas, os governadores seriam julgados pelo povo diariamente. Em palavras enfáticas, com certo ressentimento, resolveu todos os problemas da população. E como um homem que fazia parte do povo, cansado de ser enganado, excluído, ludibriado, começa a se exaltar, afirmando que “ninguém o passava para trás”, que ele era diferente da maioria dos trabalhadores que se deixam explorar.

Percebemos que Sultana Levy faz uma análise de um homem do povo, consciente do quadro político-social de sua região e de seu país, cansado da demagogia dos políticos, e com sua auto-estima abalada. O próprio nome que ela credita ao seu personagem, “Sabido”, nos indica que ela pretende analisar um homem do povo que socialmente tem consciência das mazelas de sua região e da sua situação de explorado, e que psicologicamente está abalado em sua auto-estima. Tanto que a todo o tempo o Sabido supervaloriza a participação popular nos rumos dos “acontecimentos” políticos por ele criados hipoteticamente, assim como valoriza as suas próprias qualidades pessoais. A relação que a autora faz entre a falta de auto-estima do Sabido e a falta de auto-estima (embora em nenhum momento ela use tal termo) do povo, ou seja, o Sabido, como representante do povo paraense, é extremamente bem vinda para que possamos entender os sentimentos criados por esses homens excluídos naqueles anos de pós-era dos “soldados da borracha”.

Ah! Se ele fosse governo, as coisas seriam diferentes. E desenvolveu um programa de direção, em que os militares pegariam enxadas, os operários empunhariam armas e os atos do governo seriam julgados diariamente pelo povo. Falou nas suas lutas políticas, nas vitórias do seu partido, usando um “nós” enfático, que subentendia um “eu” mais enfático ainda. Parecia que ele sozinho elegera o chefe da Nação, e estava em vias de o depôs, desgostoso dos seus atos fora do programa que traçara. (...) Resolveu em palavras todos os problemas da população. E depois contou casos

¹⁴⁹ LEVY, Sultana. “O Sabido”. *Folha do Norte*, Belém, 02 nov. 1947. Suplemento Arte literatura, n. 49, p. 2.

peçoais. Com ele era diferente... Tudo nele era diferente. Ninguém o passava para trás. Conhecia esses sabidos¹⁵⁰.

Em certo momento o Sabido lembra que devia procurar emprego, porém pensa que “um dia antes deixava de cortar o cabelo para fumar, e quem iria dar emprego a um bicho peludo, com roupas surradas, a gola do casaco *poída* e sem camisa?” Seus parentes, para não o ajudarem, diziam que ele desperdiçava seu tempo conversando em rodas de botequim, mas o Sabido discordava, o problema era outro:

Onde encontrar trabalho, onde tudo era lapidação, tudo era ninharia, e ele não estava para ser explorado. Pensar na vida até dava sono. Bocejou largamente, escancarando a boca, deixando mesmo a propósito, por desfastio, bem visível, a língua branca de fome e o arco das gengivas, onde só restavam os dois caninos. Ah! Nem era bom pensar nessa vida suja.

Esse era o quadro da “existência” da maioria da população de Belém do pós-guerra: a falta de trabalho, a exploração humana, a fome. Foi isso que a modernidade trouxe para o povo da Amazônia. E com certo grau de desesperança, ela termina o conto deixando o leitor perplexo e angustiado com a história do Sabido:

Se ao menos os barrigudinhos não o olhassem decepcionados com olhos cumpridos para as suas mãos sem embrulhos, recolhendo-se depois emburrados em baixo da mesa ou das cadeiras. Se ao menos não tivessem fome, coitados. Criança é interesseira mesmo. Não sabia como conquistá-los, tão esquivos, nem pareciam seus filhos. A mulher era a culpada. Se ela não o recebesse com aquela cara que significava “eu já sabia...”¹⁵¹.

Se há uma grande diferença entre os modernos da segunda geração literária paraense podemos dizer que é justamente em relação à política. Enquanto os novíssimos reunidos por Haroldo Maranhão no Suplemento Literário da *Folha do Norte* eram desesperançados em relação ao mundo e à política, os mais velhos, como Dalcídio Jurandir, acreditavam na política e tinham grande esperança na autenticidade dos homens. Dalcídio culpa Heidegger por ser o grande mestre da juventude nazista e Sartre pela apatia melancólica, angustiante e pessimista do tempo em que viviam, pois o ceticismo do existencialismo desestimulou as pessoas a buscarem uma luz no fim do túnel: a esperança de um mundo menos desigual, através de uma ação, guiada pelas palavras de Karl Marx.

¹⁵⁰ LEVY, Sultana, op.cit.

¹⁵¹ LEVY, Sultana, op.cit.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Mario. **Mário de Andrade hoje**. BERRIEL, Carlos Eduardo (org.). São Paulo: Ensaio, 1990.
- BARATA, Magalhães. **Ao povo da minha terra**. *Folha do Norte*, Belém, 11 setembro de 1932. P. 02.
- BERNARDO, Cléo. **A Alma do século**. *Terra Imatura*. Belém, nº2, 1938. p.s/n. CENTUR, sala Haroldo Maranhão.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRITO, Mário da Silva. **História do Modernismo Brasileiro: antecedentes da semana de arte moderna**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1997.
- CANDIDO, Antonio e CASTELO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: modernismo – História e Antologia**. 10ª edição. São Paulo: Bertrand Brasil, 1997.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: perspectiva, 1976.
- _____. **Formação da Literatura Brasileira. Vols. I e II**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.
- CARONE, Edgard. **A república Velha – II evolução Política (1889-1930)**. São Paulo: difel, 1983.
- _____. **O tenentismo**. São Paulo: difel, 1975.
- COIMBRA, Creso. **A revolução de 1930 no Pará – Análise, crítica e interpretação**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1981.
- COELHO, Marinilce Oliveira. **O Grupo dos Novos (1946-1952) – Memórias Literárias de Belém do Pará**. Belém: EDUFPA: UNAMAZ, 2005.
- COIMBRA, Creso. **A revolução de 30 no Pará**. Volume 2. Belém: Falangola, 1981.
- COUTINHO JORGE, Marco Antonio. **Édipo: o homem antitético**. In: *Clínica e Pesquisa em Psicanálise*. ALBERTI e ELIA (Orgs.). Rio de Janeiro: Rio Ambiciosos, 2000.
- CUNHA, Euclides da; TOCANTINS, Leandro (org.). **Um paraíso perdido: ensaios, escritos e pronunciamentos sobre a Amazônia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930- História e Historiografia**. São Paulo: brasiliense, 1982.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer (1920)*. IN: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente. VOL. II: 1915-1920**. (coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **O Id e o Ego**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia (1917)*. IN: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente. VOL. II: 1915-1920**. (coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FIGUEREDO, Aldrin Moura. **A Gênese do Progresso: Theodoro Braga e a Pintura da fundação da Amazônia**. In: BEZERRA NETO, José Maia; GUZMÁN, Décio de Alencar (Orgs). Terra Matura – *Historiografia e História Social na Amazônia*. Belém: Paka – Tatu, 2002.

_____. **Brasil, Brasis - Fronteiras literárias do Modernismo na Amazônia**.

----- . **Bruno de Menezes – anarquista, 1913-1923**. In: Asas da Palavra – revista da graduação em letras. Belém: Unama, v.10, nº 21, 2006

_____. **Eternos Modernos: Uma história social da arte e da literatura na Amazônia (1908-1929)**. Campinas, Unicamp, 2001. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

_____. **Querelas Esquecidas: O Modernismo Brasileiro Visto das Margens**. In: DEL PRIORE, Mary e GOMES, Flávio. *Os Senhores dos Rios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

FREUD, Sigmund. **Esboço de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

GAY, Peter. **Freud – uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das letras.

HALLIWELL, Jack C. **Luz sobre o comunismo**. *Folha do Norte*, Belém, 09 de janeiro de 1936, p. 02.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos – O breve século XX (1914-1918)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de cachoeira**. Rio de Janeiro: Vecchi Editor, 1941.

LADISLAU, Alfredo. **Terra Imatura**. 2ª edição revisada. Belém: livraria clássica, 1925. Coleção literatura paraense. Série Inglês de Souza.

LEVY, Sultana. **O Sabido**. *Folha do Norte*, Belém, 02 nov. 1947. Suplemento Arte literatura, n. 49, p. 2.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas - São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993.

MARANHAO, Haroldo. **Pará, capital: Belém – memórias e pessoas e coisas e loisas da cidade**. Belém: Funbel, 2000.

MARTINS, Max. **Não para consolar: Poemas reunidos 1952-1992**. Belém: CEJUP, 1992.

MARTINS, Max. **Posição e destino da literatura paraense**. *Folha do Norte*. Belém, 7 de dezembro de 1947. Suplemento Arte Literatura, nº 55, p.3. Entrevista.

MAUÉIS, Júlia. **A modernidade literária do estado do Pará: o suplemento literário da Folha do Norte**. Belém: UNAMA, 2002.

MENEZES, Bruno. **Obras Completas**. Vol. I, II e III. Belém: SECULT, 2001.

MESQUITA, Nair Sobrinho. **O vocabulário popular em textos de Ruy Barata**. Belém: UFPa, 1993. Monografia apresentada ao Centro de Letras e Artes.

MORAIS, Eneida. **Aruanda – Banho de Cheiro. Lendo o Pará 2**. Belém: SECULT, 1989.

MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. Em guarda contra o perigo vermelho – o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: perspectiva/ FAPESP, 2002.

NASCIMENTO, Dirce Correia. **Entre Madalena e o Caroço de Tucumã: Narração e memória em os habitantes**. Belém: UFPa, 2005. Dissertação de mestrado apresentada ao Centro de Letras e Artes.

NUNES, Benedito (Org.). **Dalcídio Jurandir, Romancista da Amazônia – Literatura e Memória**. SECULT/ FCRB/ IDJ, 2006.

_____. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Dalcídio Jurandir: as oscilações de um ciclo romanesco**. IN: Asas da Palavra. Revista de graduação em letras. Semestral. V.8. Nº 17.

_____. **O pensamento estético no Brasil. In: As idéias filosóficas no Brasil. Século XX parte II**. Coordenador Adolpho Crippa. São Paulo: Convívio, 1978.

- _____. **Dois ensaios, duas lembranças.** Belém: Secult – Unama, 2000.
- _____. **Crítica literária no Brasil: ontem e hoje.** In: MARTINS, Maria Helena (org.). *Rumos da crítica.* São Paulo: Editora do Senac-Itaú Cultural, 2000.
- _____. (org.). **O amigo Chico, fazedor de poetas.** Belém, Secult, 2001.
- OLIVEIRA, Alfredo. **Ruy Guilherme Paranatinga Barata.** Belém: Cejup, 1990.
- OLIVEIRA, Vera Lúcia de. **Poesia, mito e história do modernismo brasileiro.** São Paulo: editora Unesp – Blumenau: Furb, 2002.
- PENHA, João da. **O que é existencialismo.** São Paulo: brasiliense, 1982.
- POMAR, Pedro. **A marcha de Hitler sobre Roma.** *Terra Imatura.* Belém, nº5, p.s/n, 1938
- ROCHA, Alonso. **Bruno de Menezes.** In: Asas da Palavra – revista da graduação em letras. Belém: Unama, v.10, nº 21, 2006.
- ROCQUE, Carlos. **Magalhães Barata – o mito, o homem, a lenda, o político.** Vol. 1. Belém: Secult, 1999.
- ROLLAND, Denis. *O estatuto da cultura no Brasil do Estado Novo: entre o controle das culturas nacionais e a instrumentalização das culturas estrangeiras.* In: BASTOS, Elide Rugai; RIDENTI, Marcelo; ROLLAND, Denis (Ogr.). **Intelectuais: sociedade e política.** São Paulo: Cortez, 2003.
- SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do velho Intendente (1869-1973).** Belém: Paka – Tatu, 2002.
- SANTOS, Eunice Ferreira. **Eneida de Moraes: militância e memória.** Em Tese. Belo Horizonte, v.9, p.99-106, dez.2005
- . **O documentário Social em cão de madrugada: o caos e o cosmos.** Belém: UFPa, 1994. Dissertação de mestrado apresentada ao Centro de Letras e Artes.
- SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república.** São Paulo: brasiliense, 1989.
- SODRE, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- STRATHERN, Paul. **Sartre em 90 minutos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo das Letras: Literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TELLES, Gilberto Mendonça. **Vanguardas Européias e Modernismo Brasileiro**. 14ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

TUPIASSU, Amarílis Alves. *A resistência feminina em Chove nos Campos de Cachoeira*. In: SANTOS, Eunice Ferreira; ÁLVARES, M^a Luzia Miranda; D' INCANO, M^a Ângela (ORGs). **Mulher e modernidade na Amazônia**. Belém: GEPEM/CFCH/UFPa, 1997.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editorial nacional, 1969.

_____. **A Fração Bloomsbury**. Plural – Revista de pós-graduação em sociologia. Nº 06. São Paulo: UNP, 1999.

WIZNITZER, Luiz. **A palavra de Heidegger**. *Folha do Norte*, 18 jan. 1949. Suplemento Arte Literatura, p. 1-3.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos Psicanalíticos – Teoria, técnica e clínica**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FONTES

TERRA IMATURA. Belém, nº10, 1939.

BELÉM NOVA – Arte e Mundanismo. Belém, nº19, ano III, 1926.

BELÉM NOVA – Arte e Mundanismo. Belém, nº73, ano IV, 1927.

TERRA IMATURA. Belém, nº2, 1938. p.s/n.

TERRA IMATURA. Belém, nº5, 1938. p.s/n.

“Posição e destino da literatura paraense.” *Folha do Norte*. Belém, 7 de dezembro de 1947. Suplemento Arte Literatura, nº 55, p.3. Entrevista.

“A Alma do século”. *Terra Imatura*. Belém, nº2, 1938. p.s/n. CENTUR, sala Haroldo Maranhão.

“Congragam-se numa frente única os partidos mineiros e fazem causa comum com o Estado do Rio Grande do Sul em prol da reconstitucionalização do paiz”. *Folha do Norte*, Belém, 20 jan. 1932, p. 1.

“Comício pró-constituínte, São Paulo”. *Folha do Norte*, Belém, 25 fev. 1932, p. 1.

“Política e políticos brasileiros: Intensifica-se a campanha em prol da reconstitucionalização do país”. *Folha do Norte*, Belém, 02 abr. 1932, p. 1.

“Política e políticos brasileiros: a reconstitucionalização do paiz é o grande problema nacional”. *Folha do Norte*, Belém, 09 abr. 1932, p. 1.

“Política e políticos brasileiros: Sob o tecto do Quartel General da Segunda Regiao Militar, abriu-se o debate para a volta do paiz ao regime constitucionalista”. *Folha do Norte*, Belém, 23 abr. 1932, p. 1.

Política e políticos brasileiros: ninguem mais que o governo provisório está interessado na reconstitucionalização do paiz. *Folha do Norte*, Belém, 26 abr. 1932, p. 1.

“Política e políticos brasileiros: acentua-se em todo o Brasil o movimento constitucionalista”. *Folha do Norte*, Belém, 29 abr. 1932, p. 1.

“Política e políticos brasileiros: toda a imprensa carioca apoia os gaúchos na reconstitucionalização do paiz”; “O partido republicano lançou um manifesto”. *Folha do Norte*, Belém, 04 mai. 1932, p. 1.

“Há um desanimo nos meios polítcos, a propósito da ficção do dia para a eleição.” *Folha do Norte*, Belém, 05 mai. 1932, p. 1.

“Getúlio marca a eleição da constituição para 1933”. *Folha do Norte*, Belém, 06 mai. 1932, p. 1.

“Notícias e informes relativas aos sucessos de 6 e 7 de setembro : como vão passando feridos e prisioneiros”. *Folha do Norte*, Belém, 12 set. 1932, p. 1.

“Ao povo da minha terra”. *Folha do Norte*, Belém, 11 setembro de 1932. P. 02.

“De passagem pelo Maranhão o Sr. Magalhães Barata papagueia diatribes de todo o gênero”. *Folha do Norte*, Belém, 22 nov. de 1935, p. 03.

“Adeus, major!” *Folha do Norte*, Belém, 15 nov. 1935, p. 01.

“O Estado de São Paulo e o último movimento comunista”. *Folha do Norte*, Belém, 01 de janeiro de 1936, p. 01.

“Os próprios amigos não seriam poupados na chacina comunista”. *Folha do Norte*, Belém, 05 de janeiro de 1936, p.01.

“Perigosos agentes comunistas detidos pela polícia carioca”. *Folha do Norte*, Belém, 08 de janeiro de 1936, p. 01.

“Luz sobre o comunismo”. *Folha do Norte*, Belém, 09 de janeiro de 1936, p. 01. “O caso do habeas-corpus para os implicados na última insurreição”. *Folha do Norte*, Belém, 27 de janeiro de 1936, p. 01.

“Prestes - De cavaleiro da esperança a dynamiteiro”. *Folha do Norte*, Belém, 28 de janeiro de 1936, p.01.

“Acto puramente comunista- 200 mulheres invadiram e tomaram conta de uma fazenda no México”. *Folha do Norte*, Belém, 29 de janeiro de 1936, p. 01.

“Preso, enfim, o ex cavaleiro da esperança”. *Folha do Norte*, Belém, 06 de março de 1936, p.01.

“A prisão de Luiz Carlos Prestes”. *Folha do Norte*, Belém, 08 de março de 1936, p. 01. “A prisão de Luiz Carlos Prestes”. *Folha do Norte*, Belém, 09 de março de 1936, p. 01.

“Senador da República advogado de comunista!” *Folha do Norte*, Belém, 10 de março de 1936, p. 01.

“Ainda a prisão de Luiz Carlos Prestes”. *Folha do Norte*, Belém, 13 de março de 1936, p. 01.

“Ainda a comoção intestina grave articulada em diversos pontos do paiz desde novembro de 1935”. *Folha do Norte*, Belém, 24 de março de 1936, p. 01.

“Julgada e condenada à morte pelos communistas”. *Folha do Norte*, Belém, 13 de abril de 1936, p. 01.

“A morte do comunismo”. *Folha do Norte*, Belém, 20 de maio de 1936, p. 01.

“Em torno do processo de expulsão de Olga Benário”. *Folha do Norte*, Belém, 01 de junho de 1936, p. 01.

“Bolchevismo arrasa carreira”. *Folha do Norte*, Belém, 05 de julho de 1936, p. 01.

“As atividades communistas no Brasil”. *Folha do Norte*, Belém, 11 de agosto de 1936, p. 01.

“Burgueses e communistas”. *Folha do Norte*, Belém, 02 de novembro de 1936, p.01.

“Não pode fugir à pecha de communista”. *Folha do Norte*, Belém, 10 de dezembro de 1936, p. 01.

“No rastro de um communista: Porque não estalou a revolta de 21 de agosto”. *Folha do Norte*, Belém, 12 de dezembro de 1936, p. 01.

“A grande chama de Abgvar de Bastos”. *Jornal da UBE*, São Paulo, outubro de 2002, p. 08/09.

“O sr. Barata envolvido nas malhas do processo criminal sobre a intentona de novembro – fatos que comprovam”. *Folha do Norte*, Belém, 06 de dezembro de 1936, 2ª secção, 7ª página.

“Segundo aniversário do ataque armado à Folha, triste episodio que passou à história paraense como a maior covardia de um déspota ignorante e ridículo”. *Folha do Norte*, Belém, 23 de setembro de 1936, p. 01.

“Luz sobre o comunismo”. *Folha do Norte*, Belém, 09 de janeiro de 1936, p. 02.

“O presidente Getúlio pede a Câmara a prorrogação do Estado de guerra por mais 90 dias. *Folha do Norte*, Belém, 15 de setembro de 1936, p. 01.

“A marcha de Hitler sobre Roma”. *Terra Imatura*. Belém, nº5,p.s/n, 1938.

TERRA IMATURA. Belém, nº10, 1939.

“A questão do habeas-corpus para os intelectuais communistas”. *Folha do Norte*, Belém, 27 de janeiro de 1936, p. 01.

“A palavra de Heidegger”. *Folha do Norte*, 18 jan. 1949. Suplemento Arte Literatura, p. 1-3.

“O Sabido”. *Folha do Norte*, Belém, 02 nov. 1947. Suplemento Arte literatura, n. 49, p. 2.

SITES

www.cobra.pages.nom.br.